REVISTA DA SEMANA

ANNO XXVIII - N. 19

30 de Abril de 1927

HISTORIA DUM RUBI

Durante a Guerra dos Trinta Annos, certo numero de peças de ourivesaria e de pedras preciosas emigraram da Allemanha, da Bohemia, para os paizes escandinavos. Foi o que se deu com um rubi preciosissimo de Praga, gemma de 250 quilates, bem côr de sangue e de tal valor que o Governo sueco precisou de tirar dos seus cofres enorme somma para o mandar vir de Amsterdam, onde a rainha Christina o empenhara.

Em 1777, quando o rei Gustavo III, elegante e cavalleiresco, visitou S. Petersburgo, foi grandemente presenteado pela imperatriz Catharina. Alem de esplendidas pelles e outros objectos de alto preço, recebeu uma condecoração ornada de diamantes soberbos e uma bengala que tinha o castão um enorme solitario. Sabendo, porém, Gustavo III que, em Stockolmo, as más linguas o accusavam de haver recebido aquelles presentes imperiaes a titulo de favorito da soberana, resolveu dar a esses fallatorios uma verdadeira resposta de rei. Enviou um mensageiro á sua capital, com plenos poderes para trazer, dentro do prazo estrictamente necessario, o rubi que era considerado o mais bello do mundo. E no dia da sua partida offereceu á Imperatriz aquella gemma unica pela pureza e pela côr.

De novo, porém, as más linguas entraram em acção. Assim, aos ouvidos da Imperatriz chegou o commentario de que o donativo do fabuloso rubi ia de encontro ás leis suecas e por isso o monarcha, de regresso ao seu paiz, era obrigado a assignar numerosos papeis para legalizar o caso em questão. A imperatriz, generosa, embora contrariada, declarou que ia restituir o rubi... Mas esqueceu-se de o fazer.

Ora, o actual governo russo resolveu recentemente desfazer-se de certos objectos preciosos, entre elles o famoso rubi. De Stockolmo foram feitas propostas para a compra da pedra outrora offerecida por Gustavo III. Foi então que chegou de Leningrad esta nova sensacional: o mais bello rubi do mundo era uma pedra commum, ordinaria, destituida de qualquer requisito especial. Quer dizer: ou o cavalleiresco Gustavo III fôra enganado, ou quizera fazer um presente vistoso e modico, ou ainda alguem, estando ainda a pedra em seu poder ou já em poder da Imperatriz, conseguira substituir a pedra maravilhosa... Agora, vão lá saber!

ASSIGNATURAS
52 numeros (Brasil)
Um anno 50$000
6 mezes.. 26$000
REGISTADA
Um anno 65$000
6 mezes.. 33$000

A decana das Revistas nacionaes
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911
Propriedade da Companhia Editora Americana
Praça Olavo Bilac, 12 e 14 --- Rua Buenos Aires 103
RIO DE JANEIRO
TELEPHONES Redacção e Administração, N 3660
Directoria, Norte 112
ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA
Correspondencia dirigida a AURELIANO MACHADO
DIRECTOR-RESPONSAVEL.

ESTRANGEIRO
Um anno 65$000
6 mezes.. 35$000
REGISTADA
Um anno 80$000
6 mezes.. 43$000

Avulso... 1$200
Atrazada. 1$500

ESTA REVISTA CONTÉM 44 PAGINAS

ANNO XXVIII || Rio de Janeiro, 30 de Abril de 1927 || NUMERO 19

Não entendo nada de medicina; mas, para mim, anda agora por ahi uma epidemia deveras temerosa e — para que me não accusem de desrespeito á technologia de todos os tempos e todas as chronicas — assoladora. E' a epidemia da indiscreção. Dum contagio subtil, subrepticio, traiçoeiro, a nova praga tornou-se, por assim dizer, incombativel. Quasi ninguem lhe escapa. E menos são ainda os que, tendo-a contrahido, cuidam de a combater.

Quando ella ainda se manifestava em casos dispersos, independentes uns dos outros, atribuia-se -lhe como origem a falta de educação. Dizer que alguem déra mostra de indiscreto era lançar-lhe a pecha de malcreado. Só as pessoas que não haviam tomado chá em creança desejavam saber da vida alheia, mais ou menos ostensivamente ou contra a vontade dos interessados. Quem não podia soffrear o desejo de metter o nariz nos negocios dos outros tratava ao menos de occultar essa tendencia fatal. Manobrava o mais habilmente possivel, com o terror de ser descoberto. Seguia de longe, olhava de soslaio, só fazia preguntas muito reflectidas, muito estudadas e em tudo o mais se esforçava por aparentar indifferença, alheiamento e até o firme proposito de se não informar, de não saber! Como todos os vicios, a indiscreção tinha a sua hypocrisia, prestando assim, no entender do eloquente e piedoso Massillon, a sua homenagem á virtude. Ao menos, salvavam-se as apparencias.

Actualmente, não se salva coisa alguma. No consenso geral ou, antes, no estado morbido em que a generalidade se encontra, a indiscreção deixou de constituir um desabono ou um desaire. Mesmo como doença, se as victimas tivessem consciencia della nada lhe sentiriam de vexatorio. Qualquer pressoa tem vegonha de andar grippado ou com brotoeja — e responde a quem em tal repare: "Qual! Isto não é nada!" Mas o flagello epidemico da indiscreção não afeia, nem deprime, nem de qualquer modo prejudica — julgam os pacientes. Tempo virá, se já realmente não chegou, em que o indiscreto considere o seu mal uma especie de elegancia, de distincção. Não tem sido, em eras successivas, perfeitamente airoso padecer de arthritismo, neurasthenia, myopia, lymphatismo — sem já fallar do grande chic romantico da tuberculose? Em época relativamente proxima, declarou-se de repente a moda da appendicite. Toda a pessoa que se prezasse e não quizesse fazer figura triste perante as suas relações tinha que arranjar ou simular uma appendicite. Houve quem se fizesse operar por simples suspeita, pelo sim pelo não; e houve até — infelizmente não me lembram agora os nomes que na occasião andaram de boca em boca — quem arranjasse a operação a fingir. Por uma questão não só de amor proprio como tambem de consideração social, era indispensavel ter a appendicite. E hoje em dia nenhum cavalheiro ou dama, verdadeiramente dignos desses nomes, deixam de ter qualquer complicação na vesicula biliar. Para que? Para se gabar disso.

Tambem já não falta quem se vanglorie de indiscreção. A antiga formula: "Se não fosse

indiscreção da minha parte, desejaria saber..." foi substituida por esta outra: "Perdoe a indiscreção" — e segue-se a pergunta directa, franca, succinta... e, na maior parte dos casos, indiscretissima. Depois, a maneira como se olha o que os outros fazem, como se escuta o que os outros dizem... Não ha ceremonia nem receio de especie alguma: é como quem exerce o mais legitimo, o mais natural dos direitos. Ha dias, fui á Agencia da Avenida, telegraphar a uma amiga que fazia annos. Tratava-se de lhe enviar um beijo muito carinhoso, com a razão por que não ia levar-lh'o pessoalmente; e, como nem o beijo era propriamente sincero nem a razão propriamente existia, redigi o "urbano" devagar, procurando dar-lhe toda a possivel verosimilhança. Coisas de mulher! Pois bem: durante essa tarefa, dois senhores se aproximaram da minha meza e tirando, sem pressa, da prateleira as formulas telegraphicas, leram, positivamente leram o que eu estava escrevendo. Fui dalli para o guichet, fiquei esperando que a funccionaria despachasse um cavalheiro que me precedera; e nesse meio tempo o cavalheiro dirigiu o olhar para o meu telegramma, percorreu-o da primeira á ultima palavra e acabou voltando o rosto com o enfado, a quasi indignação de quem houvesse previsto coisa muito mais interessante. Estive vae não vae a pedir-lhe desculpa. E, se afinal me contive, foi unicamente pelo receio — de ser indiscreta.

No auto-omnibus, não abro a bolsa de mão, para pagar a passagem, que não surprehenda o visinho a espreitar, a querer devassar o que trago lá dentro. "Surprehendo" é um modo de fallar, porque nunca o visinho se dá por surprehendido, apanhado. O visinho ou a visinha. E, se ainda não olhou bem e eu não fecho a bolsa, continua. Decididamente, não viajo num auto-omnibus sem levar ao lado um pessoa indiscreta. No bonde, é caso differente. Desde o dia em que, num abalroamento, escapei por milagre de receber no rosto a tremenda barra de ferro que fazia parte do carregamento dum caminhão e quasi matou o passageiro da minha frente, fiquei com verdadeiro pavor desses encontros... E, como viajo sempre no meio do banco e nas horas de movimento, em geral... são dois os indiscretos. No omnibus, no theatro, nas corridas, a cada momento observo casos que dantes representariam a mais chocante, mais abaladora indiscreção. A pretexto de preguntar as horas ou pedir fogo, de não saber onde é uma rua ou não ter o programma da festa — qualquer pessôa se dirige a outra a quem não conhece e immediatamente passa a interrogal-a sobre as suas impressões de momento, o seu bairro, a sua rua, as suas convicções politicas, os seus habitos de vida, as suas intimidades. E o interpellado não estranha e entra a indagar tambem. Tenho innumeras vezes assistido á scena de duas pessôas — continuo a não fazer distincção de sexos — que pela primeira vez se fallam, ou mesmo se vêem, e ao cabo de cinco minutos estão em pleno capitulo das confidencias. A mim, em seguida a simples apresentações, têm-me preguntado tudo. Até a edade!

E' de crer que este costume doentio tenha vindo da imprensa. Dos jornaes partiu certamente o exemplo de inquirir, espiolhar, bisbilhotar minucias e particularidades que a ninguem deveriam interessar. A proposito de qualquer coisa, os reporters se atiram ao cidadão, farejando-o, apalpando-o, revistando-lhe as algibeiras e as opiniões, aplicando-lhe os raios X ás visceras e aos sentimentos, virando-o de pernas para o ar e de dentro para fóra — tudo isto com preguntas. Basta que o cidadão torça um pé ao descer do bonde ou tenha em casa um principio de incendio para que os jornalistas o assaltem, o subjuguem, o submettam moralmente a torturas correspondentes ás da Santa Inquisição. E, se elle teve a desgraça de ser testemunha num processo, matam-no, esfolam-no, fazem-lhe a autopsia, dividem-no depois em pedacinhos e finalmente queimam-no, para lançar as suas cinzas aos quatro ventos da publicidade. Não ha duvida, foram os jornaes os vehiculos desta immensa epidemia da indiscreção.

Clara Lucia.

Como a gente se encontra — conto de Rodolphe Bringer

— Firmino, prepara a minha mala e dize ao Christovam que esteja aqui com o automovel ás nove horas em ponto.

— O patrão vae viajar?

Mas o patrão não respondeu.

Jorge Balart estava farto daquella vida. Ia fugir de Paris, dos seus theatros, das suas exposições, das suas festas mundanas. Não podia mais!

Jorge Balart contava trinta e dois annos de edade e possuia excellente fortuna: parte herdada de seu pae, grande commerciante de generos alimenticios, parte conquistada por elle proprio, em negocios felizes, que a guerra veiu interromper. Esteve na linha de frente, bateu-se como um homem e voltou de lá com uma alma nova.

Mandou á fava toda a gente e tudo o que o pudesse importunar; e passou a fazer regaladamente aquillo que o vulgo chama "gosar os rendimentos".

Coherente com essa nova concepção da vida, Balart resolveu não casar nunca. Com effeito — reflectia elle — haveria coisa mais incommoda, mais aborrecida que a esposa e os filhos? Na verdade a familia constituia o supremo obstaculo á liberdade individual. E firme nesses principios Jorge Balart atirou-se a uma existencia alegre, gosadora, egoista sem duvida, mas inteiramente de acordo com a sua philosophia.

Infelizmente, o homem põe e Deus dispõe. E uma bella noite o nosso amigo Jorge encontrou num baile Odette de la Roche-Pertus, pela qual desde logo se sentiu loucamente apaixonado.

* * *

O phenomeno não deixava de ser natural, porque poucas mulheres possuem as graças e attractivos de Odette, viuva muito moça dum tal Roche-Pertus, que exercera um cargo qualquer na diplomacia. Um tanto majestosa de maneiras e de andar, Odette attrahia fatalmente as attenções. Os seus cabellos côr de palha cobriam-na duma especie de fluido dourado. A sua pelle, de tão branca, como que deslumbrava; e os seus olhos negros e ardentes contrastavam violentamente com toda aquella alvura e suavidade. Tinha vinte e cinco annos, era encantadoramente espirituosa e sabia bem gosar o estado de viuvez que, libertando-a dos cuidados terriveis que comporta o governo duma casa, lhe permittia fazer o que quizesse, divertir-se como lhe aprouvesse, sem que ninguem lhe pedisse contas ou ella se julgasse obrigada a dar satisfações a alguem.

Como se vê, raramente o destino aproxima duas pessoas tão talhadas uma para a outra, como Jorge Balart e Odette de la Roche-Pertus. A questão é que ambos sentiam pelo casamento a mesma essencial, irreductivel aversão...

Havia já tres mezes que Jorge Balart encontrara Odette, num baile, em casa duma familia amiga; e, desde esse dia, constantemente o acaso os collocava ao lado ou defronte um do outro. Quando Jorge comprava um bilhete de theatro, ia certo de avistar num camarote a perturbadora Odette que a mesma curiosidade impellira a ir ver aquella peça; se ia a uma exposição, a primeira pessoa conhecida em quem esbarrava era Odette; se, pelas cinco horas, entrava numa casa de chá, dava logo com Odette, a uma mesa, saboreando os bolos da merenda; e se era convidado para um jantar dantemão tinha a certeza, mas a absoluta certeza de que Odette lá estaria, mais formosa e seductora do que nunca!

Tudo isso, está claro, seria agradabilissimo se o nosso Jorge se não apaixonasse logo no primeiro dia — ou se estivesse disposto a casar. A's vezes, tinha impetos de se declarar, acabar com aquillo; continha-se, porém, dizendo comsigo:

— Não! Seria uma estupidez. Casar, eu? Renunciar a esta bella liberdade que tanto prezo? Amarrar-me a uma mulher, por mais adoravel que seja, arriscar-me a ter filhos que, mais tarde,

O Padre e o Medico no Brasil

Este é o titulo de um bello Livro, que tem tido enorme circulação em nosso paiz.

Delle transcrevemos o seguinte Capitulo, verdadeiramente sensacional·

* * *

Devo, logo no começo, explicar a razão deste Livro.

Moro em Nova York, nos Estados Unidos da America do Norte, onde tenho a honra de ser Director da Fiscalisação da Propaganda do Dr. J. Gesteira, o eminente inventor do *"Regulador* **Gesteira,"** *"Ventre-Livre"* e *"Uterina,"* esplendidos remedios, os unicos remedios brasileiros que se vendem de verdade e de uma maneira surprehendente nos mais adeantados paizes do Mundo.

De todos os seus empregados, por ser o mais resistente, fui eu o escolhido pelo Dr. J. Gesteira para visitar todos os paizes da America, desde o Canadá, ao Norte, até Punta Arenas, no extremo sul da America do Sul, afim de fiscalisar a sua enorme e tão intelligente propaganda.

No desempenho desta delicada incumbencia, fiz observações interessantes, algumas bem extraordinarias, que julguei conveniente publicar.

Eis a razão deste Livro.

De tudo que vi, nesta tão longa viagem de cinco annos, em que soffri todos os climas imaginaveis, desde o frio de muitos gráos abaixo de zero, no Canadá, aos calores asphyxiantes do verão em Asunción (Paraguay), Chaco (interior da Argentina) e Corumbá (Matto Grosso), de tudo que vi e observei, o que mais me impressionou, e devo declarar, o que mais me encheu de horror e indignação foi ter notado que em alguns paizes atrasados, por mim visitados, até Padres e Barbeiros fabricam e annunciam remedios para a cura de todas as molestias.

Não são remedios, mas sim drogas perigosas, beberagens torpes ou pilulas repugnantes, etc., etc., que felizmente ninguem compra e apezar disto elles continuam annunciando, com revoltante desassombro.

Foi este o facto que mais me surprehendeu e irritou.

Um absurdo, um escandalo, que assume as proporções de um crime e que eu censuro e condemno com todas as minhas energias.

Os verdadeiros homens de sciencia bem sabem quanto é difficil descobrir um bom remedio.

São annos e annos de estudos e trabalhos, que consommem todo o tempo do Medico e que quasi nunca são coroados de exito.

Não basta ser Pharmaceutico, não basta ser Medico ou Doutor em Medicina, para que se possa descobrir um remedio.

São indispensaveis observações demoradas, persistentes, tenazes, que gastam e torturam a vida inteira do inventor.

Tornam-se imprescindiveis os estudos completos, profundos e extenuantes de certas especialidades clinicas, justamente as mais difficeis da Medicina e que só podem ser vencidas pelos Medicos Especialistas de grande intelligencia.

E quasi sempre, depois de muitos annos de esforços e luctas fatigantes, nada se consegue descobrir.

Além disto, quando se tem a rara felicidade de descobrir o remedio, ha outra difficuldade enorme a vencer: encontrar dinheiro sufficiente para a fabricação boa e consciencciosa.

A primeira condição é fabricar bem o remedio, com todo cuidado, com todo escrupulo, com consciencia, de maneira que elle possa ser usado com inteira confiança pelos doentes.

Para fabrical-o bem, torna-se preciso um enorme emprego de dinheiro, destinado á obtenção e conservação rigorosa de todos os seus elementos componentes e tudo ainda que é indispensavel aos processos mais aperfeiçoados da preparação scientifica, a unica que inspira confiança ao verdadeiro medico.

Para que o povo forme uma ideia disto, basta dizer que na fabricação dos remedios do Dr. J. Gesteira, o *"Regulador* **Gesteira,"** *Ventre-Livre"* e *"Uterina,"* empregam-se todo anno, no Brasil, mais de seis mil contos de reis!!

Mais de Seis Mil Contos de Reis, por anno!

E isto só no Brasil.

Nos Estados Unidos da America do Norte, em Nova York, para fabricar estes mesmos remedios do Dr. J. Gesteira, o emprego de dinheiro é muitissimo maior, atingindo actualmente a muitos milhões de dollares, cada anno.

Por ahi se vê quanto é difficil a descoberta e depois a fabricação de bons remedios, e como são ridiculos e tolos certos annuncios que lemos todos os dias.

* * *

Mas, de tudo que presenciei em minhas viagens pelo Brasil, o que mais me commoveu e emocionou, o que mais fundo tocou o meu coração e mais me fez vibrar de enthusiasmo, foi o desprendimento, o desinteresse, a exemplar acção humanitaria dos Padres e Medicos brasileiros.

Foi, para mim, um conforto e um estimulo verifical-o.

O Padre brasileiro é digno da gratidão nacional!

Por todas as paragens bem distantes onde andei, tive as melhores opportunidades de testemunhar, com serenidade de animo, o quanto deve o Brasil aos esforços dos nossos Padres.

Depois do que vi, affirmo que o Brasil pode orgulhar-se dos Padres que possue.

São esplendidos factores do nosso progresso e da nossa cultura; são os melhores educadores do povo.

Tambem os Medicos, os nobres Medicos brasileiros!

Pelo interior dos Estados, em penosas travessias, pude admirar como trabalham os nossos medicos.

São os mais generosos e desinteressados do mundo!

Foi o Brasil o paiz onde vi medicos mais caridosos, mais amigos dos logares onde clinicam e sem preoccupação nenhuma de dinheiro.

Muitos clinicos velhos conheci que estão pobres, depois de uma vida inteira a tratar os doentes.

Com frequencia, morrem em extrema pobresa, após longos annos de trabalhosa e ingrata clinica!

Vou contar o seguinte facto, tão eloquente!

Em um logarejo de Minas Geraes tive a ventura de conhecer um Medico ainda moço, intelligentissimo, e um espirito do mais alto saber.

Ali vive feliz, pobre, sem conforto e a curar doentes que nunca lhe pagam os trabalhos arduos.

Um dia, commovido pela sua bondade e encorajado pela familiaridade com que me distinguia, disse-lhe: "Doutor, com o seu talento, a sua sciencia, seu amor a sua profissão, o Senhor devia procurar uma grande cidade, onde podesse ter mais brilhante futuro."

Rio-se o sympathico Medico e respondeu: "Já estou aqui ha quinze annos e esta parte do Brasil, por ser a mais abandonada dos poderes publicos, é justamente a que mais merece a minha dedicação; daqui não sahirei e aqui espero ser enterrado."

Que dignificante desprendimento!

Que belleza de vida! Que grande exemplo!

E assim são os Medicos brasileiros, os nobres Medicos brasileiros!!

Dacio Arthenes de Avila

(Director da Fiscalisação da Propaganda dos Remedios do Dr. J. Gesteira, nos Paizes Estrangeiros.)

Um Aviso

Todos os outros Capitulos são tambem muito importantes e devem ser lidos com a maior attenção.

Quem quizer receber, de presente, este Livro, escreva ao *Dr. J. Gesteira, Avenida de Nazareth n. 95, Belém, Estado do Pará.*

Não precisa mandar sello do Correio.

Pede-se somente que sejam escriptos, de maneira bem legivel, os nomes da pessoa, da cidade, villa ou logar onde mora, do Estado, da Rua e tambem com todo cuidado o Numero da Casa, afim de evitar qualquer engano de endereço.

serão o tormento da minha vida? Não, não, mil vezes não!

Entre esses impetos e essas indecisões Jorge Balart era o mais infeliz dos mortaes. Ahi está porque uma noite, tendo encontrado Odette num theatrinho de Montmartre, reflectira que aquillo assim ia cada vez peor, não tinha absolutamente remedio, e resolvera lançar mão do unico recurso ainda possivel — fugir. Iria por esse mundo fóra, ao acaso, comtanto que não corresse o risco de encontrar Odette. Desde que a não visse, com certeza acabaria por esquecel-a. E no dia seguinte, ás 9 da manhã, ao volante da sua 18 C V, atravessava a porta de Italia e tomava a direcção do Sul, obedecendo unicamente á sua fantasia...

* * *

Tres semanas Jorge Balart assim andou, á aventura, de terra em terra; uma bella tarde, já o sol baixava quando, deante duma adoravel paizagem do Tricastin, uma volta desastrada ao volante atirou o automovel contra um rochedo a toda a força. O carro ficou em pedaços. Jorge, por milagre, não recebeu a mais leve arranhadura. Debalde, porém, deante dos destroços do seu 18 C. V. interrogava o horizonte, á procura duma flecha de campanario que lhe indicasse cidade, villa ou aldeia onde encontrar hospitalidade. Começava a cahir a noite. E grandes sombras côr de violeta corriam pelo valle deserto, onde elle já não esperava encontrar soccorro nem sequer abrigo para passar a noite...

Por fim á força de olhar, perscrutar em torno de si, julgou ver desenhar-se contra a vermelhidão do poente a silhueta vaga dum castello... E para lá se encaminhou, procurando fixar bem a orientação, o rumo a seguir...

Era realmente um castello, cujas ameias emergiam por entre ramarias de pinheiros e carvalhos. Abriu-lhe a porta uma criada a quem elle expoz o seu caso e a qual, confiando no seu aspecto, o conduziu a um salão austeramente mobilado á Luiz XIII.

— Vou prevenir a senhora...

Dalli a pouco, abria-se a porta do salão... E dois gritos de assombro reboaram pelo vasto recinto:

— O senhor!

— A senhora!

Jorge Balart tinha deante de si Odette de la Roche-Pertus.

— Mas será possivel? disse finalmente a viuvinha — Foi por simples acaso que o senhor se dirigiu para estes sitios e entrou nesta casa?

— Juro-lhe, respondeu Jorge, que ignorava a sua presença aqui, tão longe. Julgava-a em Paris...

— Não ha duvida, quando o acaso resolve escangalhar os nossos planos e atrapalhar a nossa vida, ninguem pode com elle!

— Como assim? Que quer a senhora dizer? preguntou Jorge, extranhando aquellas palavras.

E Odette de la Roche Pertus, com a maior naturalidade deste mundo:

— Quero dizer que, tendo deixado Paris, para me vir refugiar nesta solidão, onde o meu marido possuia um castello e que eu uma só vez e ás pressas visitara, a primeira pessoa que me procura é justamente aquella que eu não queria tornar a ver!

— Franqueza por franqueza, respondeu Jorge Balart, se eu parti de Paris, ás escondidas, como um criminoso, foi para não mais a encontrar, á senhora, no meu caminho...

E ambos, depois de se haverem olhado um momento de soslaio, desataram a rir.

— E agora? proseguiu Odette. — Embora o senhor represente para mim o "inimigo", isto é o unico homem de que até hoje tenho tido medo, a verdade é que não o posso mandar embora, assim, de noite, sem conducção...

— Por mim, pode a senhora acreditar que se houvesse por ahi uma hospedaria, qualquer palheiro onde me deixassem passar a noite...

— Ah! exclamou Odette. — Como nos comprehendemos!

Pois, senhores, comprehenderam-se tão bem que Jorge Balart esperou naquelle castello que lhe mandassem outro automovel — cerca de quinze dias — e, chegado o carro, em vez de continuar o seu caminho tomou o rumo de Paris... levando ao lado Odette de la Roche-Pertus. E, justamente um mez depois, casavam.

CONSULTAS OBVIAS

Recebo de quando em quando dos meus leitores perguntas tão obvias que jamais me occorreu tratar nesta columna dos assumptos a que taes perguntas se referem.

Cumpro entretanto prazeirosamente o meu encargo respondendo que os sapatos de couro amarello podem com toda a correcção ser usados de tarde, na rua, em combinação com ternos de côr azul escura.

Em resposta a outro leitor, cabe-me informar que o *cache-col* pode ser usado com um capote cinzento ou azul marinha; pois, effectivamente, capotes dessa côr são os que melhor se combinam com o *cache-col*.

Aqui está outra cousa simples. A camisa branca não é de uso mais cerimonioso, com um terno commum de trabalho, do que a camisa de côr, desde que não se trate de camisa branca para casaca.

As polainas usam-se com vestuario de passeio e não apenas como traje de cerimonia. Realmente não é sequer recommendavel usal-as á noite, em actos de cerimonia.

Finalmente, o collarinho de ponta virada não é demasiado cerimonioso para que se use no trabalho, mas assenta melhor com camisa engommada.

O ROSA

A côr de rosa foi mal succedida na vida pelo menos para os homens, quando as

mulheres decidiram que a roupa masculina seria azul e a feminina côr de rosa. Os homens evitam essa côr com um sentimento de horror, e a propria palavra tem um sub-sentido que faz ainda mais que os homens detestem tal côr. Ora, apezar de todo esse horror, um homem pode usar uma camisa de seda côr de rosa, sem que isso o faça parecer um habitante das mattas do norte. O meu proposito, porém, nesta columna é dizer que o roseo pode ser usado pelos homens, desde que haja para isso propriedade.

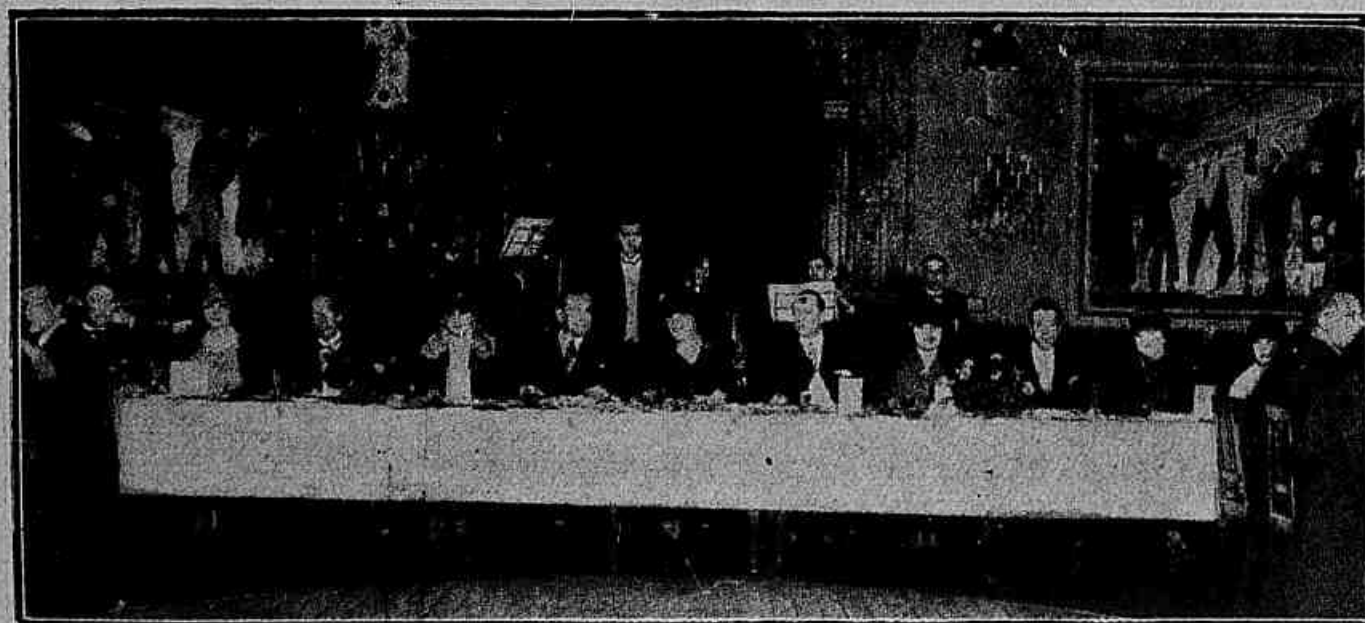
A côr e a fazenda muito têm que ver com o assumpto. !Por exemplo, como acima já foi referido, uma camisa de seda côr de rosa claro poderia ser desaconselhavel do ponto de vista do gosto. Mas figuremos uma camisa côr de rosa escuro de bom "madras" e não vejo razão por que não a possa usar qualquer homem.

Usam-se cada vez mais as camisas de listas roseas e brancas. A lista em taes camisas é tão escura que se aproxima do vermelho, mas combinada com o branco o effeito geral é mais roseo e sufficientemente viril para satisfazer a qualquer homem.

Em certos typos de homem a côr produz melhor effeito do que em outros. O principe de Galles, de um louro caracteristico, pode usar os mais masculinos typos de roseo e o faz com regularidade. Os typos morenos não podem usar tão extensamente essa côr.

Cumpre igualmente cuidar da maneira de combinal-a. As gravatas azul-claro ou côr de vinho assentam bem com camisas côr de rosa. Não ha, pois, temer.

PETER GREIG

(Serviço do *Bell Features Syndicate Inc.*)

Aspecto do banquete com que, em Lisbôa, os criticos e artistas portuguezes homenagearam o brilhante actor brasileiro Leopoldo Fróes, testemunhando-lhe o seu grande apreço e sympathia.

Garrafa historica

Garrafa de vinho do Porto "**ADRIANO**" que acompanhou os tripulantes do "**ARGOS**" no seu *raid* ao Brasil e que, cedida por elles, devidamente authenticada, será offerecida ao Exmo. Sr. Presidente da Republica, como homenagem da firma Adriano Ramos Pinto & Irmão, Ltda. ao Povo Brasileiro.

LIGAS

Quatro palavras, summamente discretas, sobre as ligas. Este pequeno artefacto feminino tomou diversos aspectos. Companheiro inseparavel da rica meia de seda, encarna sempre um aspecto de legitima coqueteria. Como base de cintas e florinhas, podemos apreciar milhares de modelos que nos seduzem até ao ponto de chegar a invejar a multiplicidade de extremidades da centopeia; vieram depois as abazinhas de pedras e os fechos disimulados com cabecitas de bonecas, *pierrots* e pombas de camurça ou seda pintada.

A fantasia vae todavia hoje mais longe e as parisienses admiradoras de Charlie Chaplin, Mistinguette, Chevalier e outros artistas poderão usar ligas com as effigies dessas *vedettes*.

A. D'ENERY

(Reproducção reservada).

Chapeu de toupeira côr de avelã, com um motivo de brilhantes e perolas preso ao lado. Côpa *drapée*.

Chapeu de pequeninas flores de geranio, que se repetem num ramilhete preso ao corpete.

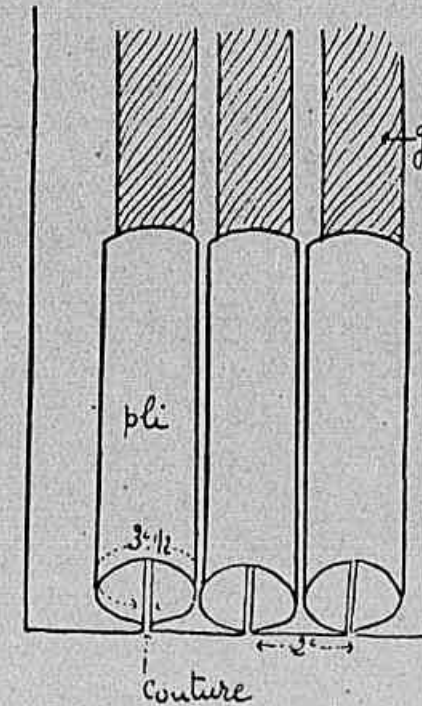
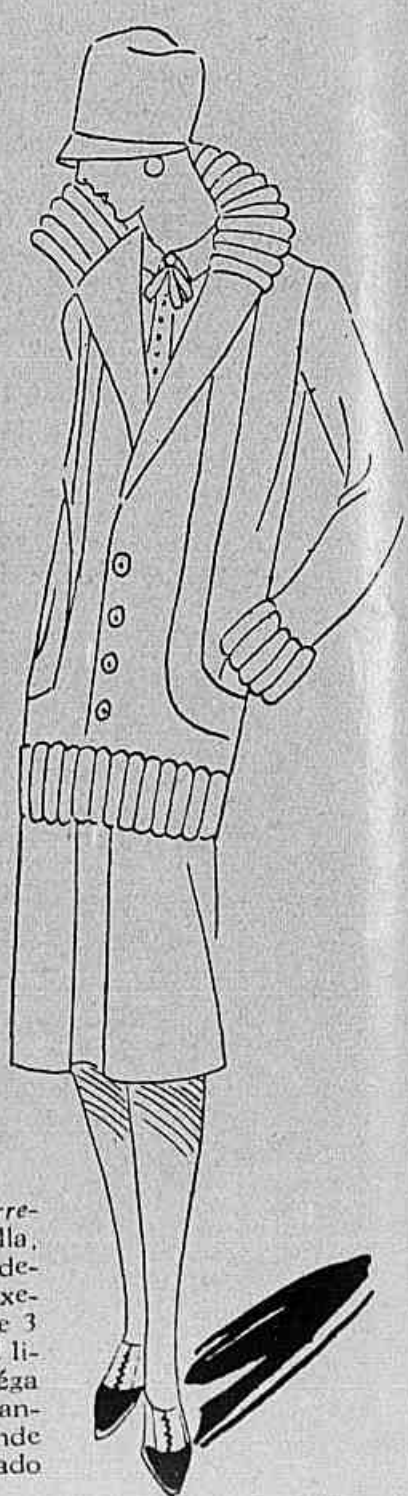
Modernissimas essas flôres pregadas numa fita ao pescoço.

Decolleté preso por varios fios de perolas.

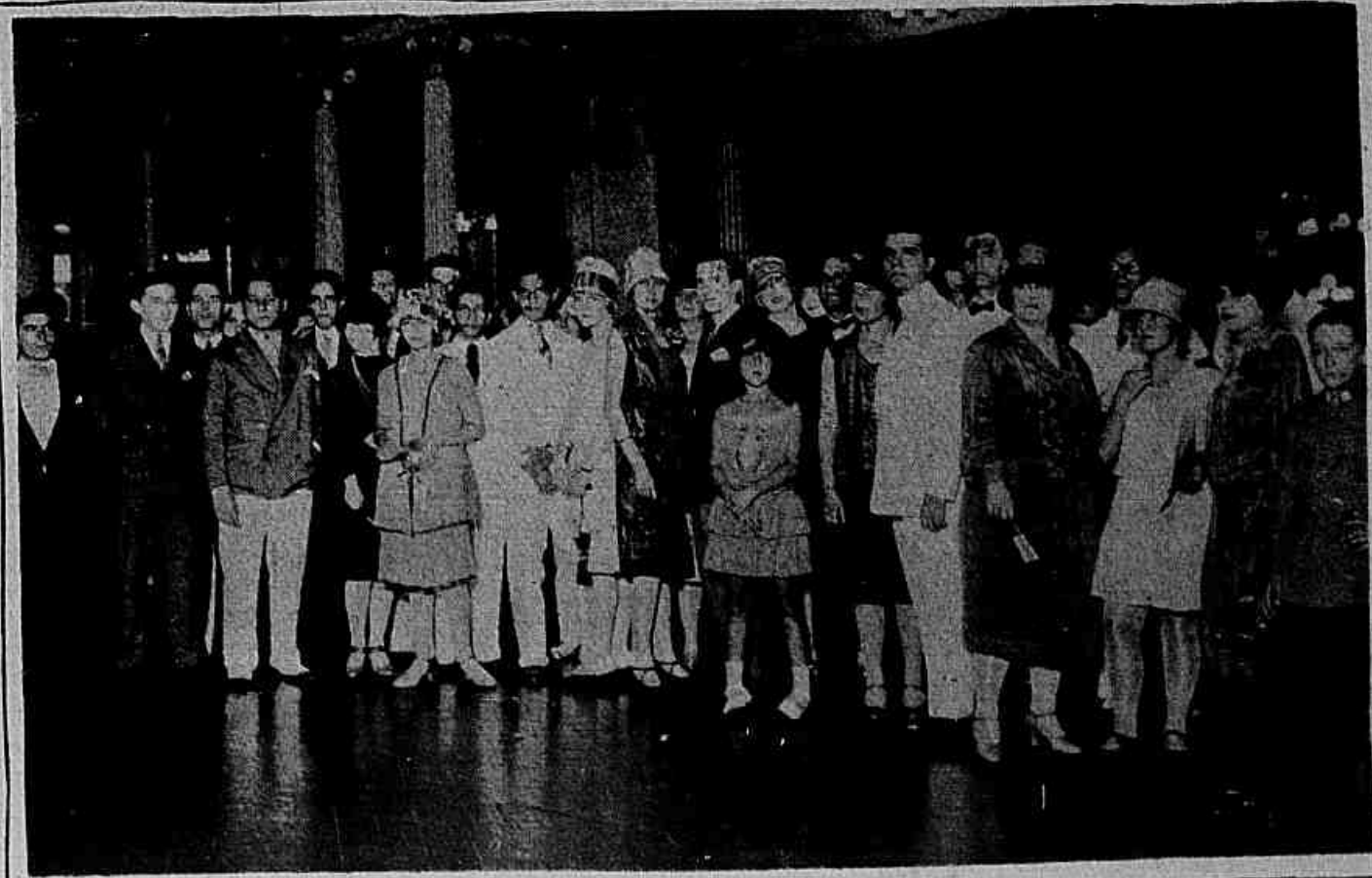
Bolsa de gamo preto, montada em aço polido e bolsa de pelle mate, preta, de seda bordada, negra.

Cinto de gamo, guarnecido com dois cabochons de aço.

Toilette de crêpe da China rosa, guarnecida de crêpe preto e branco. A saia é plissada e raiada de rosa, preto e branco.

Para os sports, este vestido e o seu calção muito pratico e gracioso. A culotte é montada sobre um corpo liso com suspensorios, como o de uma combinação. E' preciso contar 4m,10 para o vestido e a culotte. Como tecido empregar-se-ha sempre lãs, sarja, flanella, gabardine, jersey etc.

Para um costume de primavera. *Bourrelets* de tecido para dilatar mangas, golla, barras de jaqueta ou de manteau. O desenho mostra como os *bourrelets* são executados. Faz-se uma préga de cerca de 3 e meio centimetros; deixam-se 0m,02 lisos; recomeça-se depois uma outra préga de 3 e meio centimetros e assim por diante. Em cada préga insere-se um grande alamar de algodão, que deve ser delicado e não serrado como um cordão.

O 2.º Anniversario da Assistencia Dentaria Infantil

Revestiram-se de excepcional brilhantismo as festas commemorativas do 2.º anniversario da Assistencia Dentaria Infantil, instituição benemerita e patriotica, destinada ao tratamento dos dentes das creanças pobres. Funccionando ha dois annos apenas, conta essa casa de caridade com elevado numero de clientes, pois desde a sua fundação já se matricularam e receberam tratamento cerca de cinco mil creanças pobres. Pelos reaes beneficios que vem distribuindo á infancia desvalida desta cidade, bem merece tão util organização o apoio que lhe tem dado a nossa sociedade, o que fica perfeitamente evidenciado pela concorrencia selecta e numerosa que alcançam as festas organizadas em seu beneficio e promovidas pelas «Damas de Bondade», aggremiação mantenedora da referida Assistencia e composta do que ha de mais fino na nossa elite social.

1 — Almoço offerecido pela Congregação Technica da Assistencia Dentaria Infantil ao seu socio benemerito dr. Joaquim de Mattos. Vêem-se entre outros o dr. Frederico Eyer, presidente da benemerita instituição, Benedicto Novaes, representante das Associações Odontologicas de S. Paulo e de Campinas, Alexandrino Agra, presidente da Associação Central Brasileira de Cirurgiões Dentistas. 2 — Festa na séde offerecida ás creancinhas pobres e promovida pela sra. Annita H. Magalhães, que se vê ao centro. 3, 4 e 6 — Aspectos tirados no Automovel Club durante o chá dansante ali realizado em beneficio da Assistencia. 5 — Grupo de senhoras da nossa alta sociedade, pertencentes ás «Damas de Bondade», instituição mantenedora da Assistencia e organizadora do chá dansante.

A Mulher, a Moda e o Capricho

por Beatriz Delgado

Na vida humana, ha tres coisas poderosas: a mulher, a moda e o capricho. A primeira existiu desde aquella hora, boa ou má, em que o Creador resolveu privar Adão duma costella para fazer essa pequenina boneca de carne que creou, por sua vez, a moda e em seguida o capricho. E Adão, sentindo-se lesado com a privação soffrida, resolveu fazer todas as vontades da mulher, para que ella não pedisse outra costella do seu corpo...

Sentindo-se victoriosa e amimada, a Eva de todos os tempos quiz possuir o sceptro real da elegancia e impoz a Moda como sua representante e até como a sua mais perigosa émula para as algibeiras masculinas... Por sua vez, a Moda, querendo ser representada por alguem ou por alguma coisa, lançou á Terra o capricho que, como todas as inutilidades, cresceu depressa! E' aqui teem como dum gesto bem intencionado do Creador brotaram as maiores fatalidades do homem: a mulher, a moda e o capricho.

E' pela mulher que o successor de Adão se esforça pela gloria, pelo dinheiro e pela felicidade. E' pela mulher que elle trabalha, que elle pensa, que elle soffre. E' pela mulher que elle triumpha, que elle mata, que elle succumbe!

E' devido á Moda que a mulher luta de todas as maneiras, que abandona ás vezes o Amor, que estraga a sua mocidade, que comette crimes, que rouba o bem-estar das suas rivaes, que desce pretendendo subir e que finda — quantas vezes! — na valeta das ruas como uma flôr gasta e fanada

E' tambem o capricho que impelle a Moda a ser cruel para as mulheres, que as atira para as montras tentadoras, que lhes dá ambições inconfessaveis, que lhes submette o espirito ás torturas do desejar, que as leva, vencidas, até aos braços dos homens. Porque a verdade é esta, não merece ser discutida.

Mas a moda e o capricho combinam, ás vezes, umas imposições interessantes e innocentes, que quasi fazem esquecer as dispendiosas ordens habituaes. Assim, substituindo uma *toilette* cara ou um chapéo exagerado, lembraram-se de decretar os signalzinhos das faces que já nos tempos elegantes do Rei-Sol, tempos em que se entrava na guerra com impeccaveis punhos de renda, tiveram o seu successo definitivo. E os pequenos signaes de velludo ou feitos a pincel viram-se, repentinamente, enthronados no culto feminino. Porém uma interrogação appareceu na alma das mulheres: onde collocal-os? As impudicas quizeram-no sobre os labios, para que a boca do eleito fosse atrahida por elle; as futeis desejaram-no perto da face com o unico fim de fazer ressaltar o *rouge;* as perversas ostentaram-no junto dos olhos, para que os labios não o apagassem e para que essas janellas da alma tivessem o seu canteiro florido...

Conta-se que a famosa Du Barry foi uma vez procurada pelo rei quando se encontrava em conciliabulo intimo com um fidalgo da côrte. Uma das suas damas soube entretar o monarcha, emquanto o cavalheiro fugia por uma porta secreta; mas o peior foi que a Du Barry, com a precipitação, esqueceu os signalzinhos da face. O rei, que não os olvidára, perguntou:

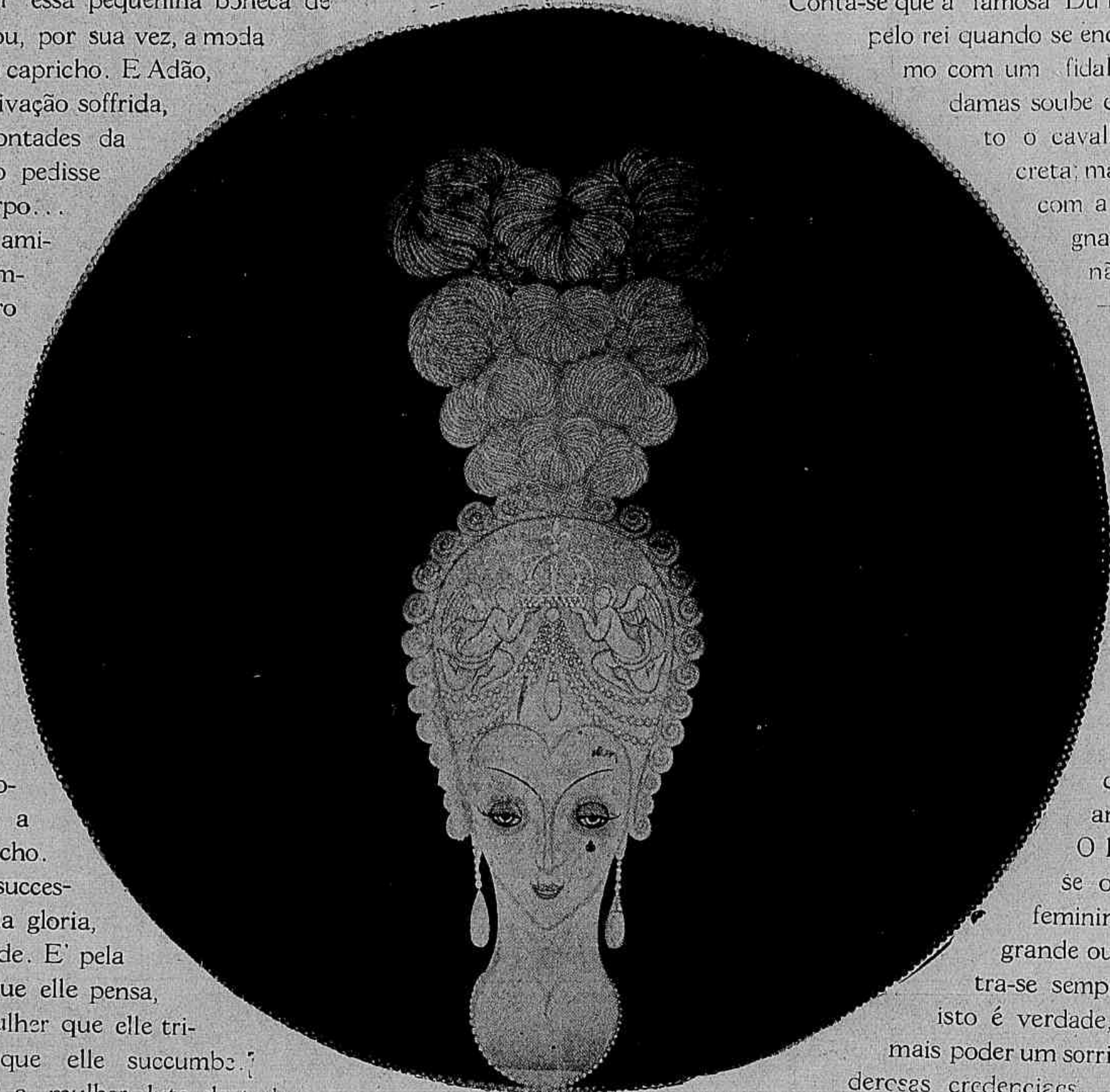
— Madame, os vossos signaes?

E a favorita, com admiravel... sinceridade:

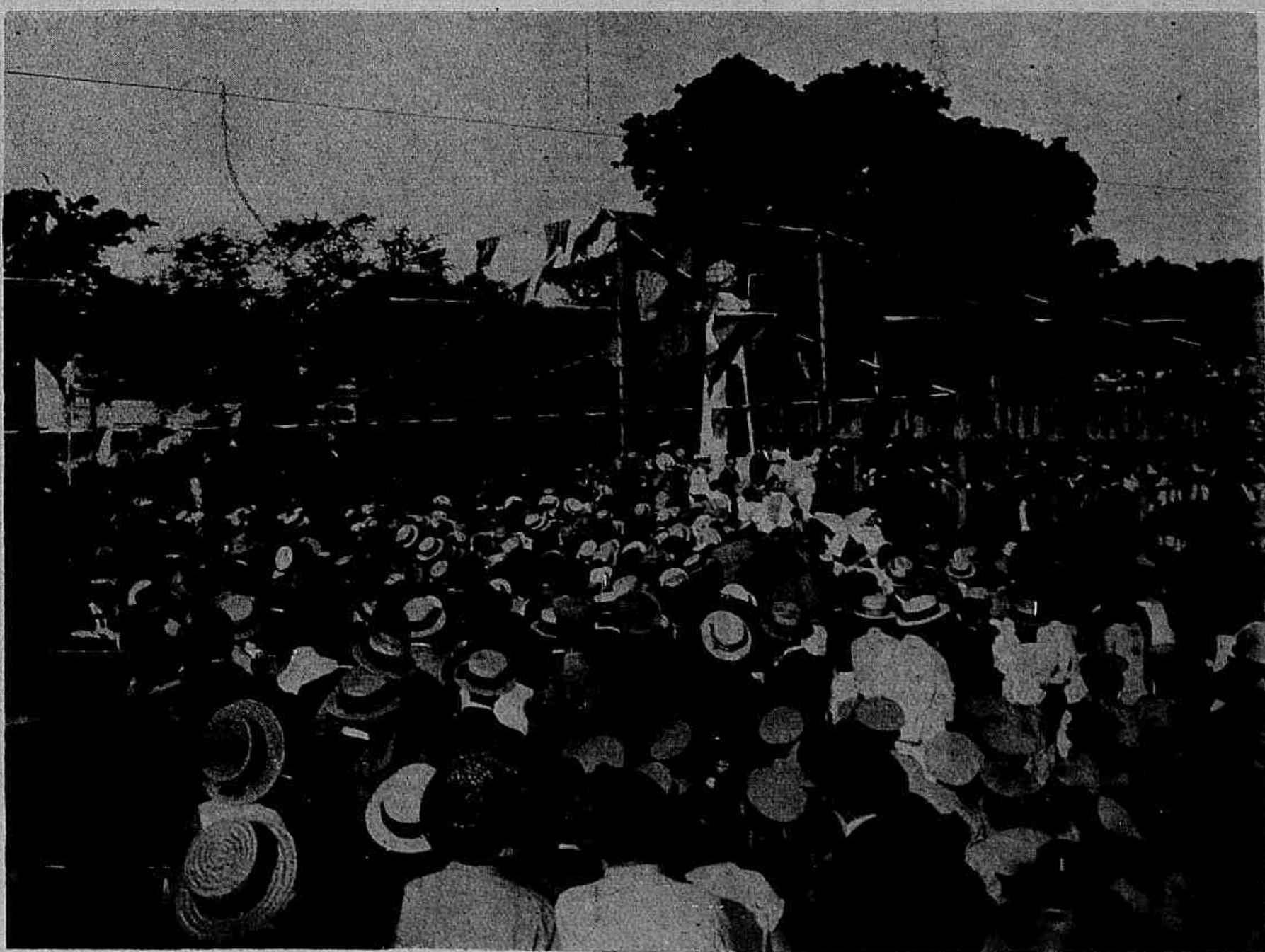
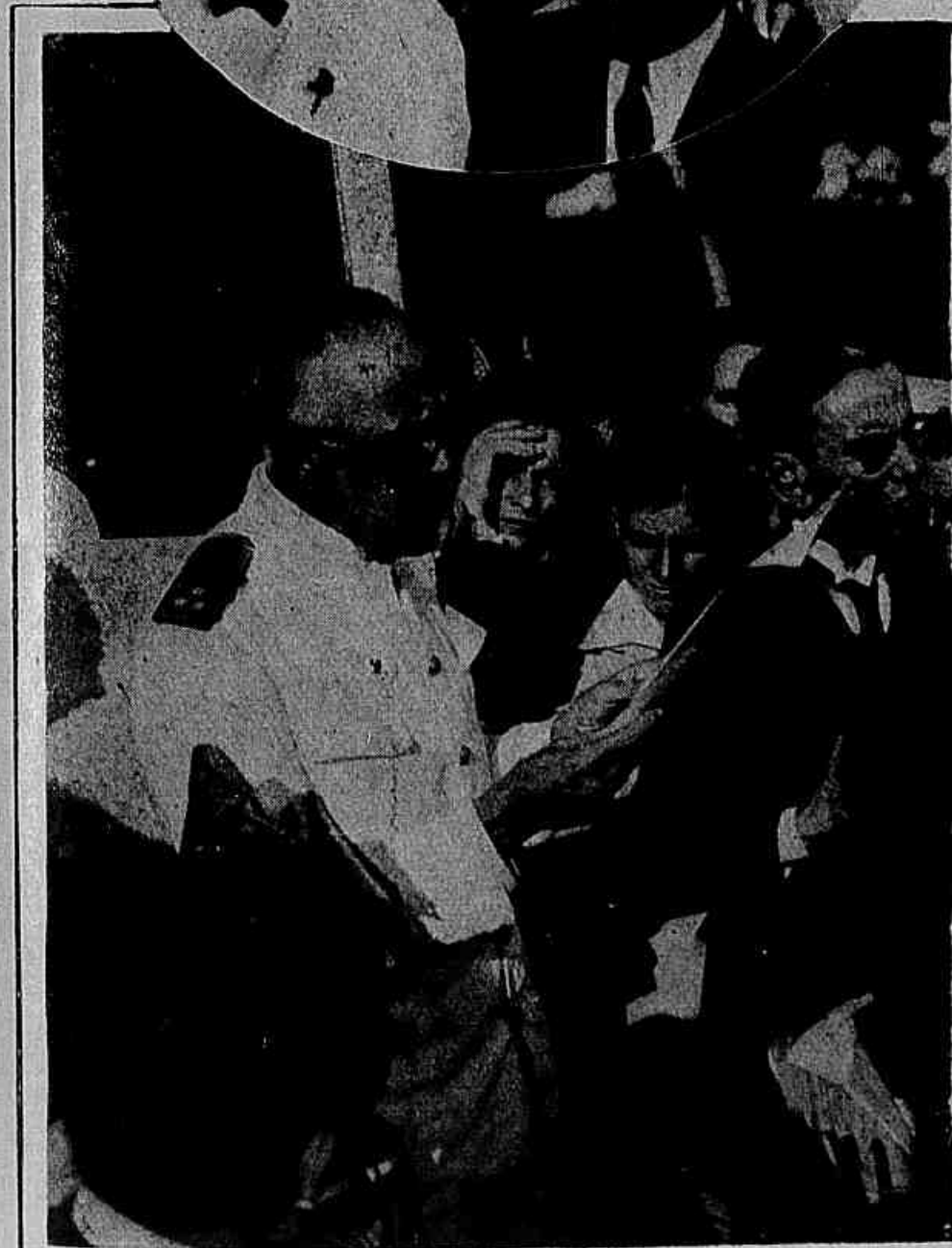
— Fugiram, para dar passagem aos labios do meu rei...

Mas o capricho, que não andava ás bôas com a astuta dama, pregou-lhe uma partida, encarnando-se no relogio que o rival do rei esquecera sobre o leito da favorita. E por um descuido, ou antes por uma emboscada do capricho, foi o pobre amoroso mettido na Bastilha.

O homem que deseja *vencer* vê-se obrigado a cultivar a estima feminina; porque na sombra dum grande ou dum pequeno Adão encontra-se sempre uma Eva... Depois — se isto é verdade, porque não dizel-o? — tem mais poder um sorriso bonito do que as mais poderosas credenciaes. E isto é de todos os tempos. Já Cleopatra venceu Marco Antonio, substituindo a força das armas pelo prestigio da belleza. E quantas Cleopatras modernas não vencem os Antonios do presente? E' uma questão de armas...

O homem succumbe á mulher; a mulher curva-se á moda; a moda homenageia o capricho. Mas a Moda é a setta mais envenenada da vida porque obriga as suas sacerdotisas a sacrificar aos deuses mais ou menos immoraes e apaga-lhes, tambem, um determinado pudor que não deixa de possuir o seu encanto. As mulheres futeis são fantoches nas garras da elegancia; tudo exhibem e tudo fazem porque o senhor Drecoll, Poiret ou qualquer outro sonhou um determinado modelo e o lançou, sem interrogar a sua consciencia a ver se ella admittia que a sua esposa ou a sua filha o vestissem. Desta maneira, é facil ser moderna... Difficil é a mulher ser elegante, ser formosa, ser da época, sem recorrer a certos exageros que só a prejudicam. Pode-se admittir que a mulher ande núa dentro dum vestido de seda? Se por ser Moda está bem, lanço a ideia de voltarmos aos tempos do Paraiso... E' mais sincero... e menos provocante.

Beatriz Delgado

Nictheroy consagra um monumento á 1ª travessia aérea do Atlantico

Nictheroy inaugurou, com a presença do glorioso almirante Gago Coutinho, dos heroes do "Argos", presidente do Estado do Rio de Janeiro e altas autoridades, na praça Lusitania, o monumento commemorativo da primeira travessia aérea do Atlantico, realizada por Sacadura Cabral e Gago Coutinho, o feito que tão grande repercussão teve no mundo e que cobriu de gloria a gente portugueza. As gravuras desta pagina fixam a solemnidade da inauguração. 1 — O almirante Gago Coutinho desvelando o monumento, em Nictheroy. 2 — O glorioso almirante Gago Coutinho junto do monumento, tendo á esquerda o presidente Feliciano Sodré e o commandante Sarmento de Beires e á direita o sr. Sampaio Garrido, consul de Portugal, e tenente G. Vidal, por trás do qual se vê o dr. Ramon Alonso, que fez o discurso em nome da commissão. 3 — Aspecto parcial da assistencia, vendo-se os companheiros de Sarmento de Beires, capitão Castilho e tenente Gouveia. 4 — O glorioso almirante Gago Coutinho lendo o seu discurso em resposta ao dr. Ramon Alonso, agradecendo a homenagem de Nictheroy. 5 — Aspecto da praça Lusitania.

A singeleza e a Moda

SETE horas da manhã, sete horas de uma triste manhã chuvosa, quasi fria, em pleno verão do Rio. Estação D. Pedro II. Grupos alegres de veranistas procuram logares nos trens que os levarão rumo ás cidades do Estado do Rio, de Minas e de S. Paulo, que se tentam arvorar em rivaes de Petropolis, ou rumo ás fazendas maravilhosas e pouco amadas. A manhã é feia, a estação é feia, os grupos só fogem ao exemplo da estação e da manhã por excepção...

A brasileira, desde que não pertença á alta sociedade, a brasileira anonyma da turba raramente se sabe vestir.

Aquella hora de embarque para uma viagem de estrada de ferro estava cheia de provas disso. Dos grupos de viajeiros nenhum, porém, se destacava por sombra de gosto passavel, que fosse. Havia vestidos de jantar (sim senhora, leitora elegante, vestidos de jantar!), bordados a contas rebrilhantes, adornados de strass; vestidos de setim sem mangas e decotados, com recamos de franja larga; vestidos de setim fulgurante, de *crêpe de Chine* bordado a vidrilhos; chapéos de seda com flores de seda e velludo; chapéos de palha com fitas de lhama; chapéos de estofos metallicos. Num banco, entre um rapaz sorridente e uma janella implacavel por onde o chuvisco entrava generoso, uma quasi menina, com os braços nús e as mãos presas em luvas curtas de pellica beige, parecia julgar de admiração os olhares que seu vestido azul claro, com uma grande barra côr de rosa fresca, despertava. Vestida de setim vermelho, a senhora que a seguira até ao trem parecia sentir da mesma fórma... Dous bancos mais e uma linda creatura, numa copia de modelo lançado com alto exito por Chanel faz tres annos (blusa estreita quasi sem adorno, saia simples e sobre-saia com barra formada de tafetá recortado), modelo formosissimo para visitas de ceremonia depois de cinco horas da tarde ou para chá, trazia um chapéo pequenino que estaria bem numa recepção.

Fossemos continuar a lista e não terminariamos mais. A franceza ensinou á maioria das moças da alta sociedade do Rio a amar a simplicidade como expressão victoriosa da verdadeira elegancia. Por isso, se ha bem poucos annos a perfeita elegancia era excepção no mundo social carioca, hoje ella é, quasi, a regra. A brasileira que não pertence á melhor roda ainda não comprehendeu essa licção. Rica ou pobre, viva completamente alheiada das festas de sociedade ou pense que o facto de frequentar festas de hotel, festas officiaes e poder tomar assignatura para todas as recitas no Municipal, ou possuir amigas que as apresentem aqui e alli, lhes dê direito ao classico "da alta sociedade carioca", que alguns noticiarios barateiam tanto, ella sente um desdem inferior pela simplicidade. Entre as moças cujo máo gosto surprehendia no embarque de que fallámos, nenhuma trazia um vestido singelo, todas estavam preparadas para uma festa de suburbio...

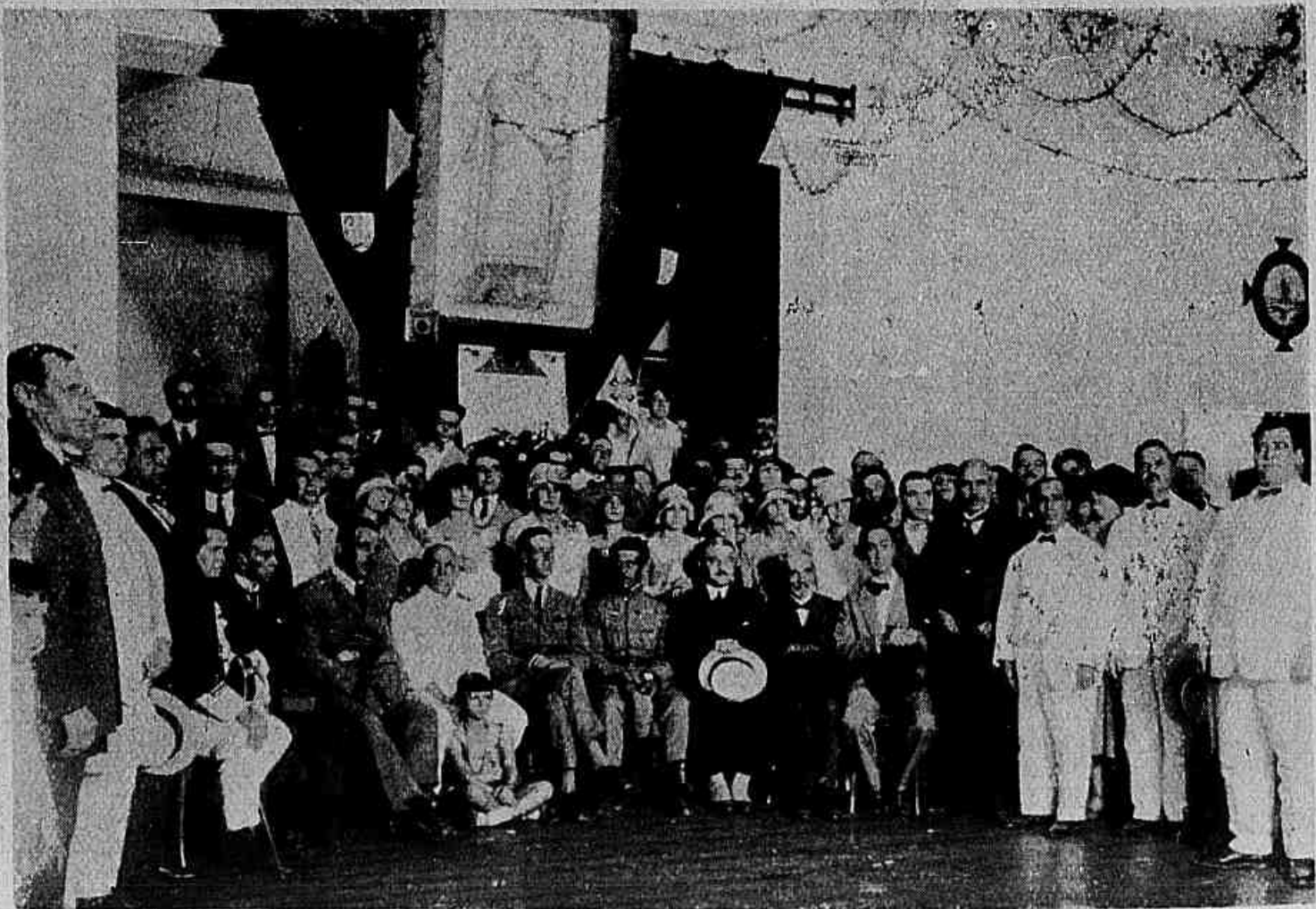
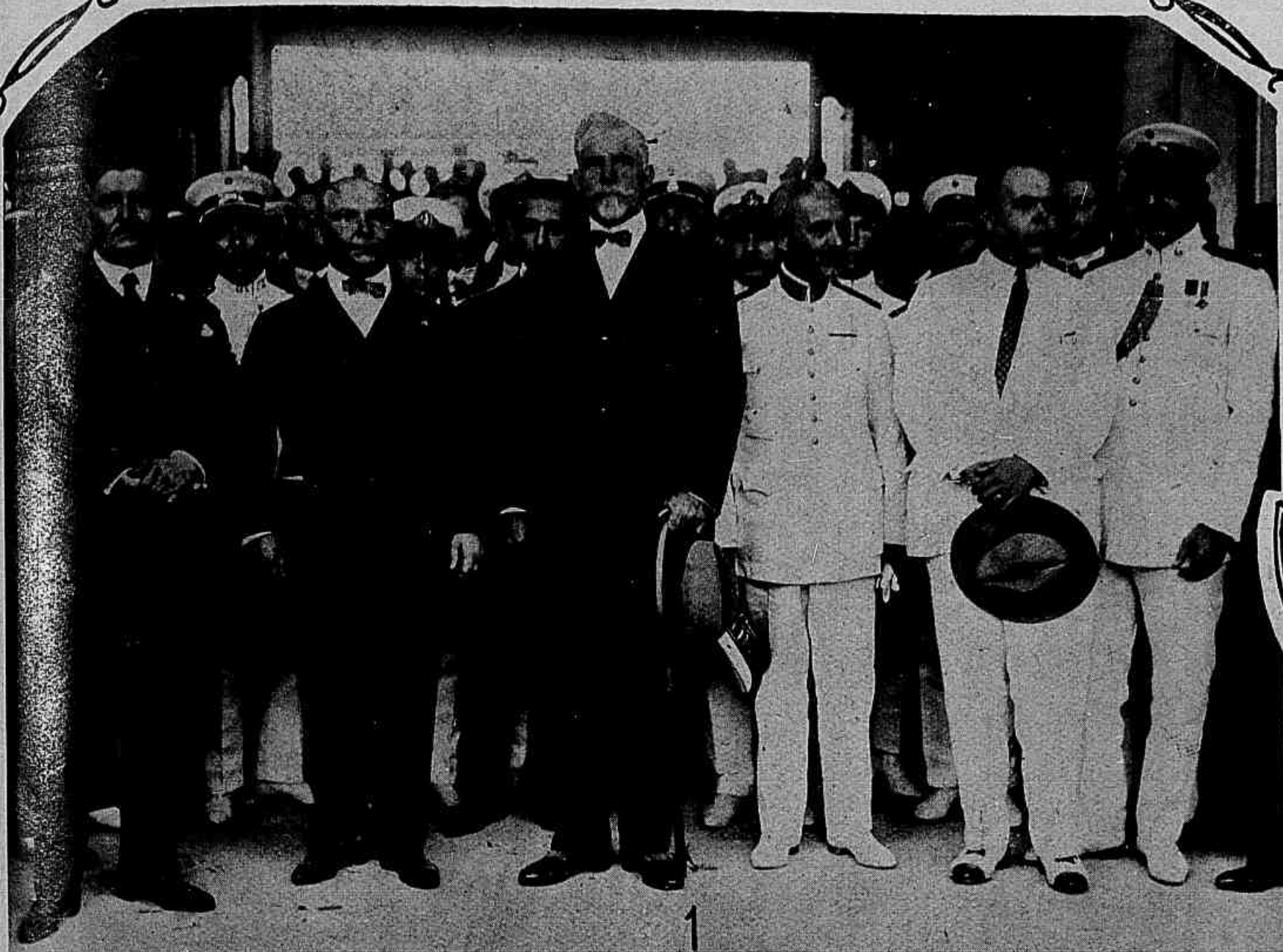
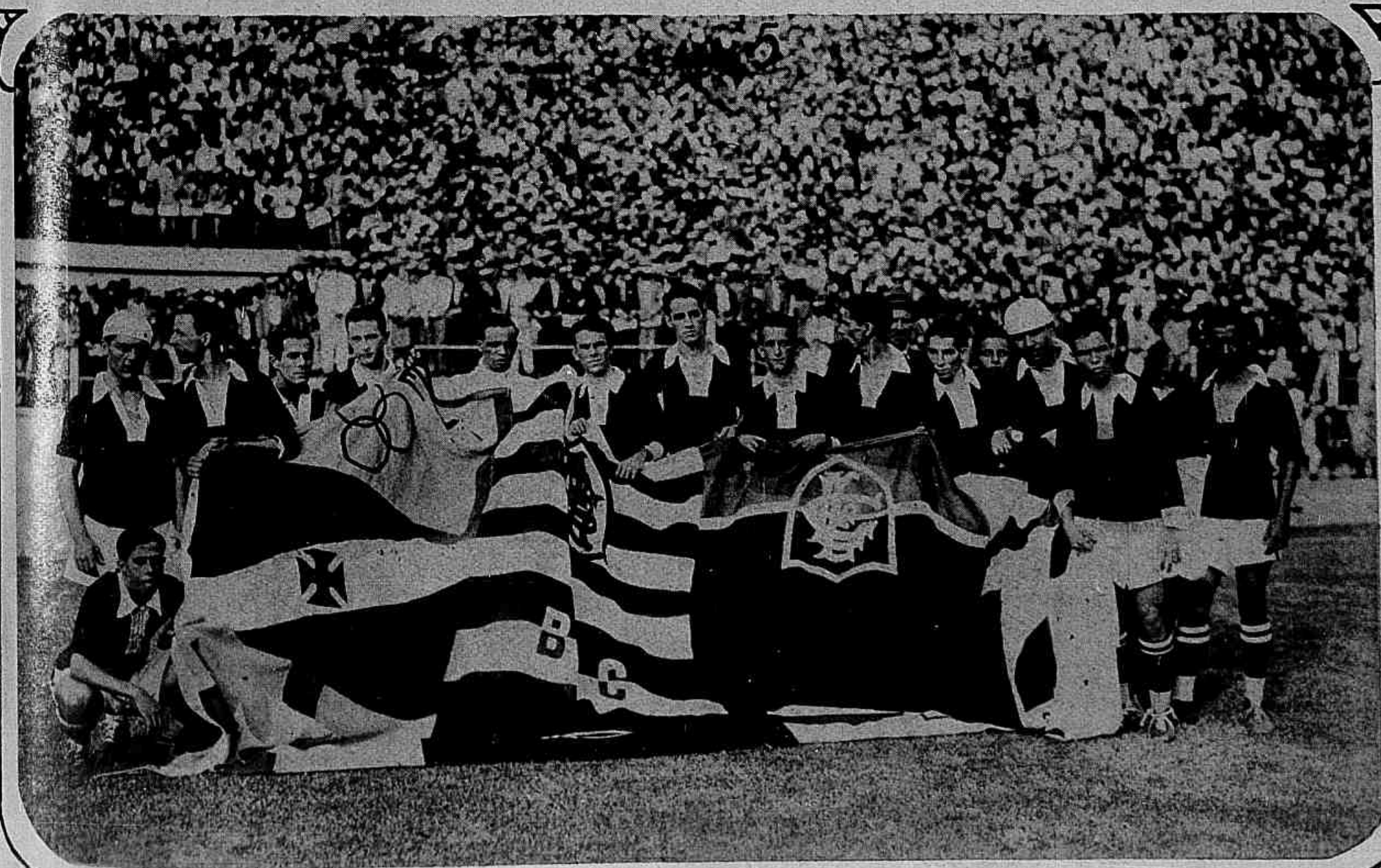
Antigamente, quando a generalisação da elegancia era apenas um lindo projecto ousado, o conjunto fazia, mil vezes, olvidar o detalhe, e este éra, tão sómente, um pretexto que o valorisava mais. As toilettes esplendiam, num fausto exagerado, vasio de simplicidade, "a mais alta expressão do luxo" na phrase perfeita de Rouvard, e as criaturas exigentes que os exigentes artistas da costura adornavam desconheciam, quasi sempre, os engastes que põem em valor a formosura, sem rivalisal-a aos olhos enlevados do espectador. A riqueza, descida pelos caprichos da guerra á turba plebéa, permittindo o grande fausto á maioria, despertou a excepção á necessidade do differente. E a aristocrata tomou para si a quasi exclusividade do luxo a que se não póde dar a mais rica se não tiver a amparal-a, na tentativa, o instincto maravilhoso que faz preferir a elegancia ao chic — o luxo da singeleza.

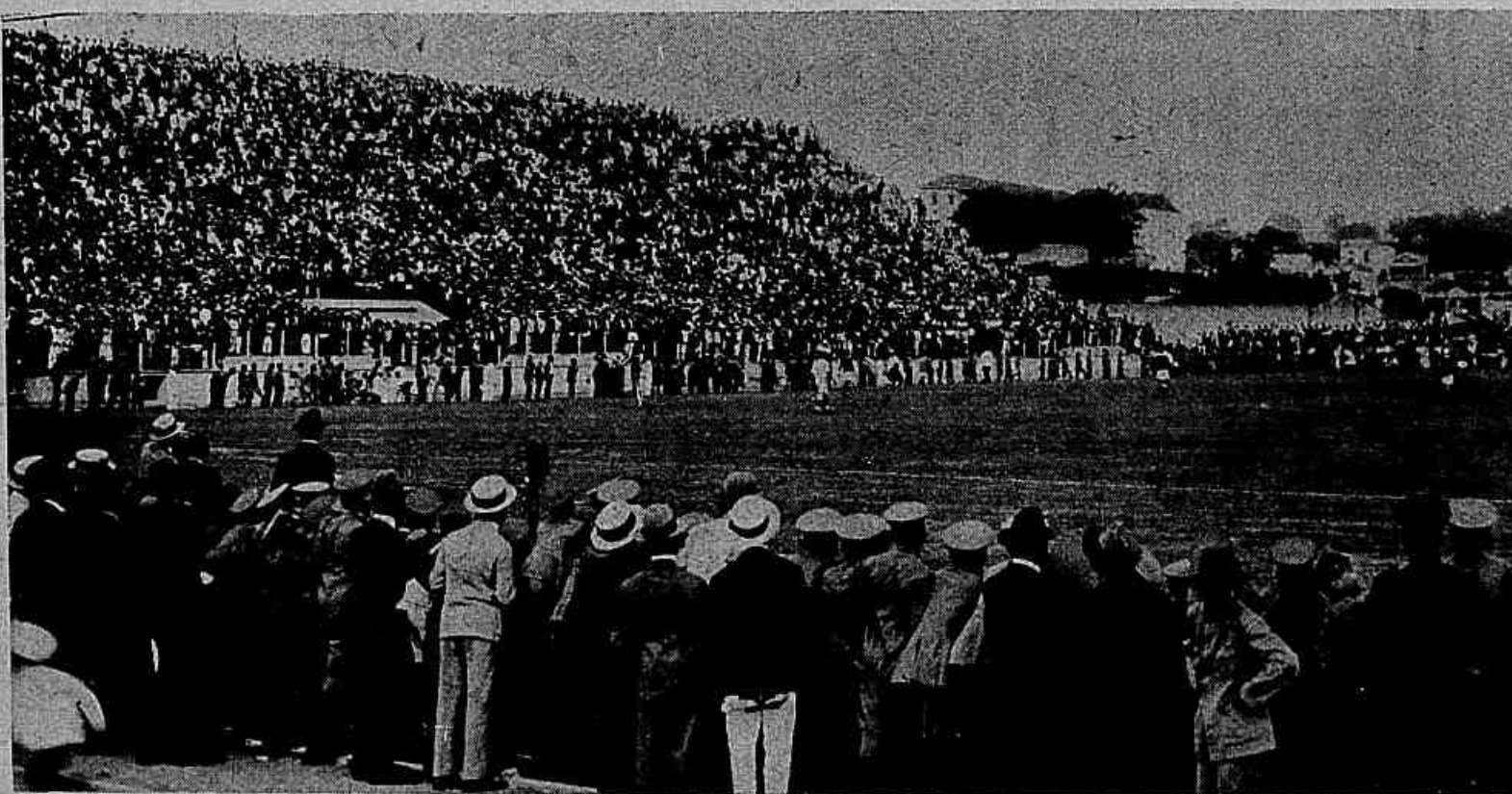
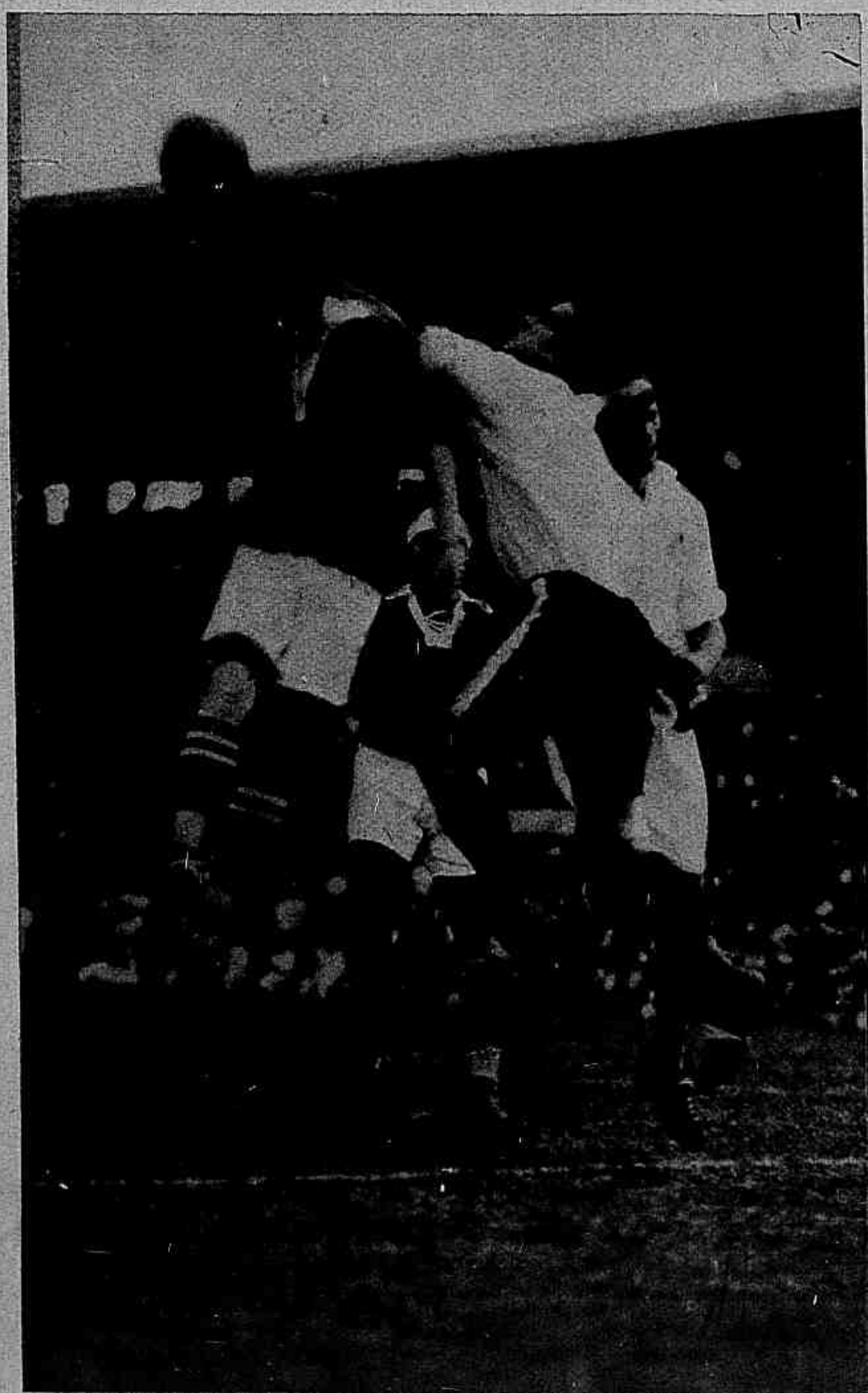
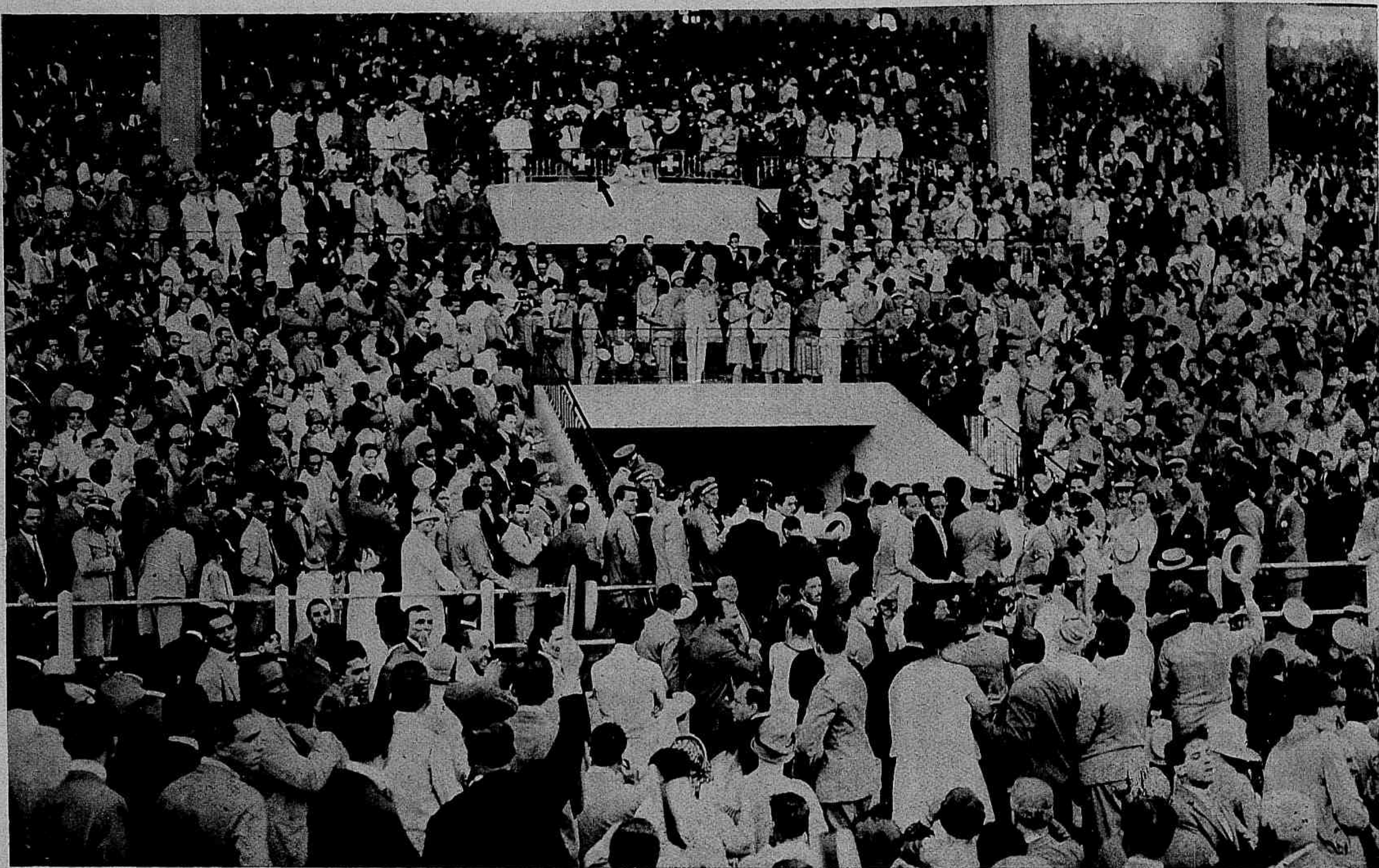
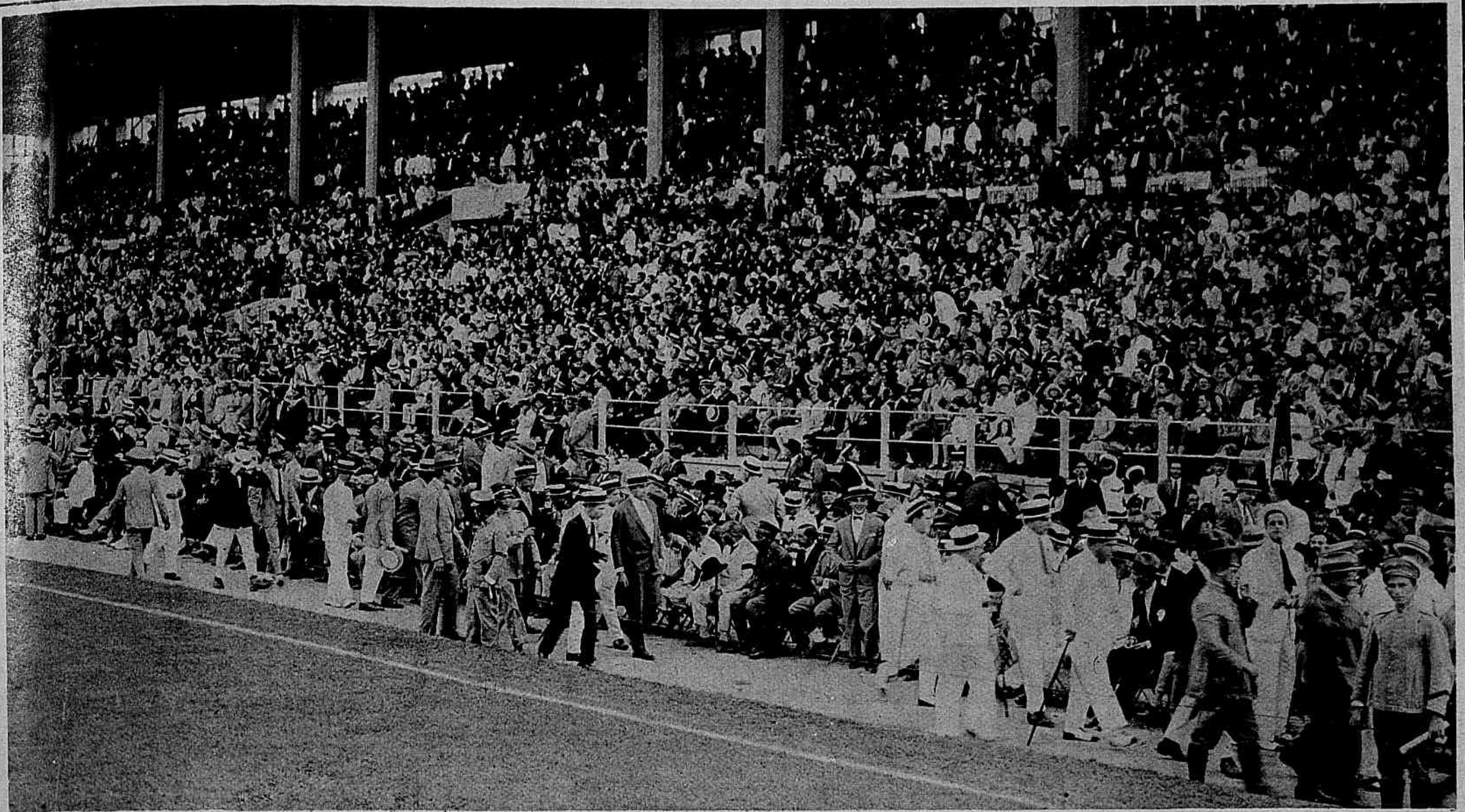
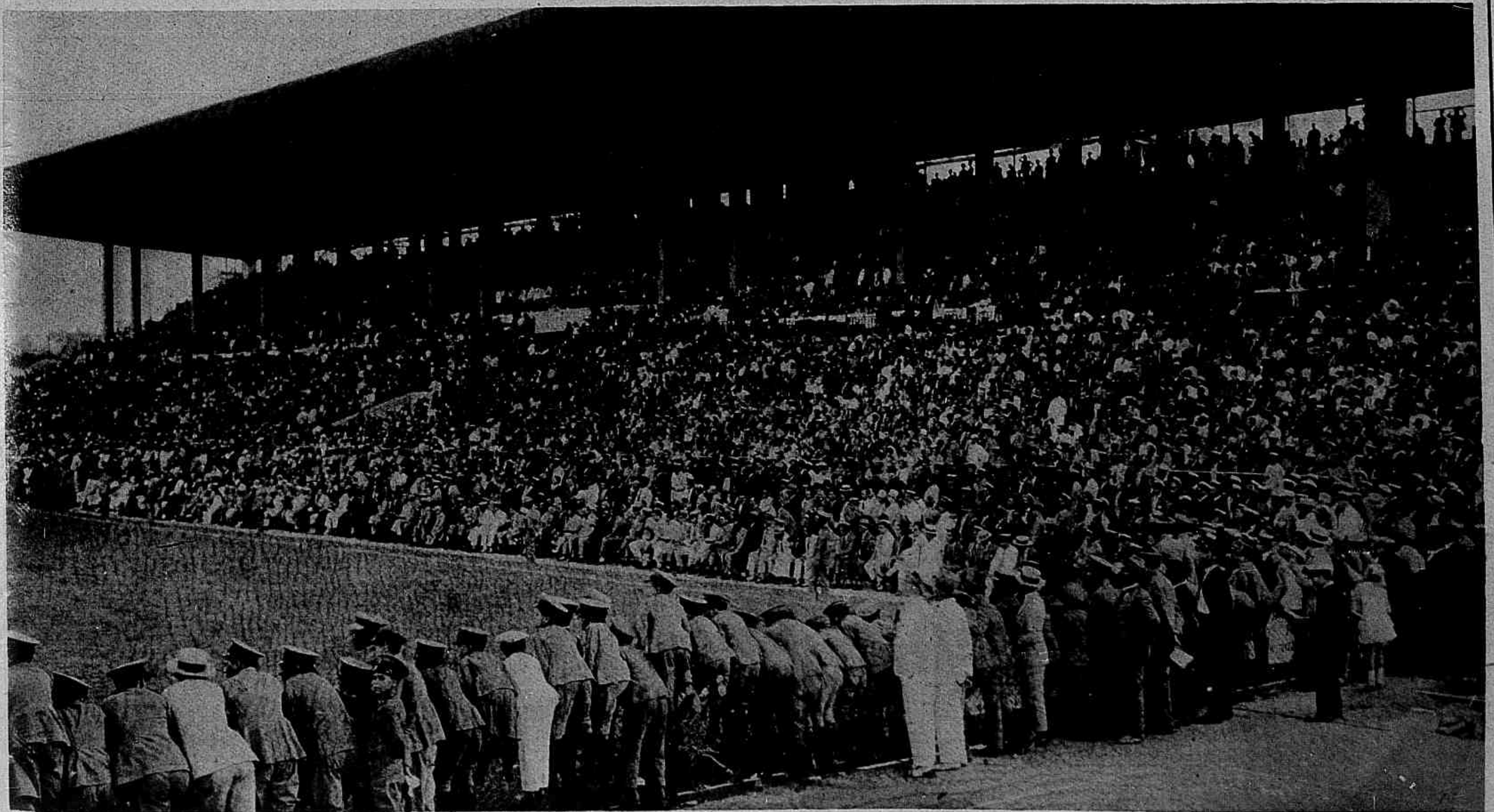
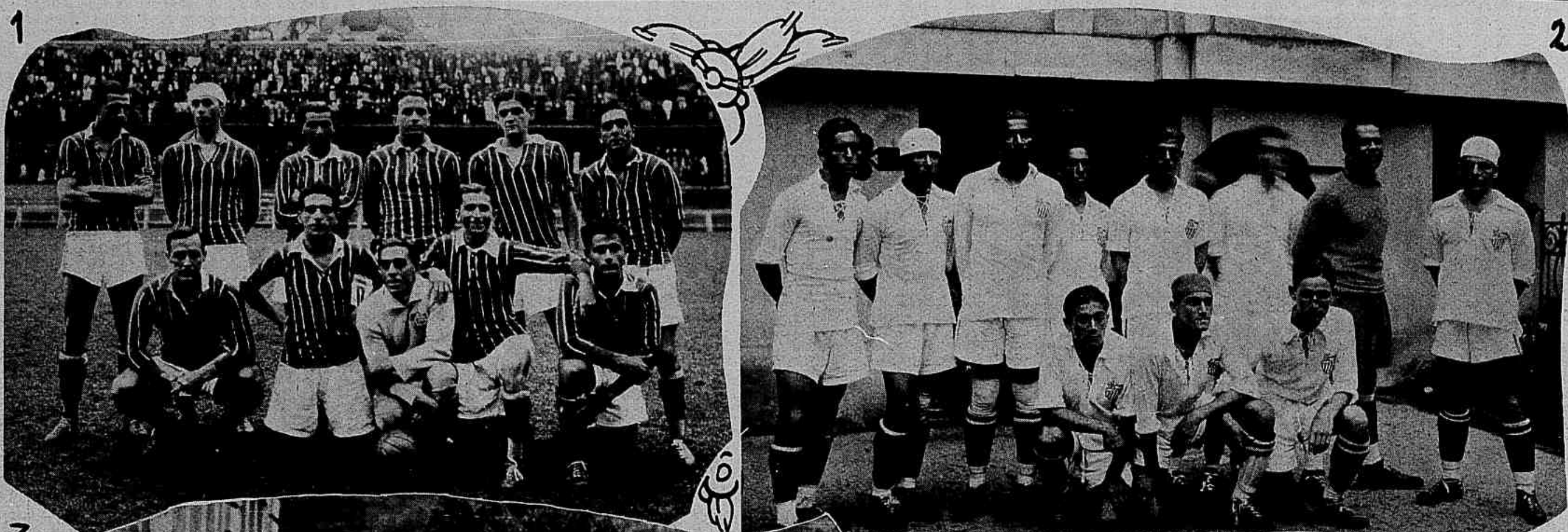
Com a victoria dessa pompa desdenhosa de recamos, se a multidão passou a confundir a mulher enfeitada com a mulher elegante, a mulher enfeitada principiou a ver que na ausencia quasi total de adornos está uma valorisação natural de toda lindeza real, de todo encanto que não é apenas devido a trato de institutos de belleza. E o detalhe começou a impôr mesmo ás mais rebeldes, seu imperio radioso.

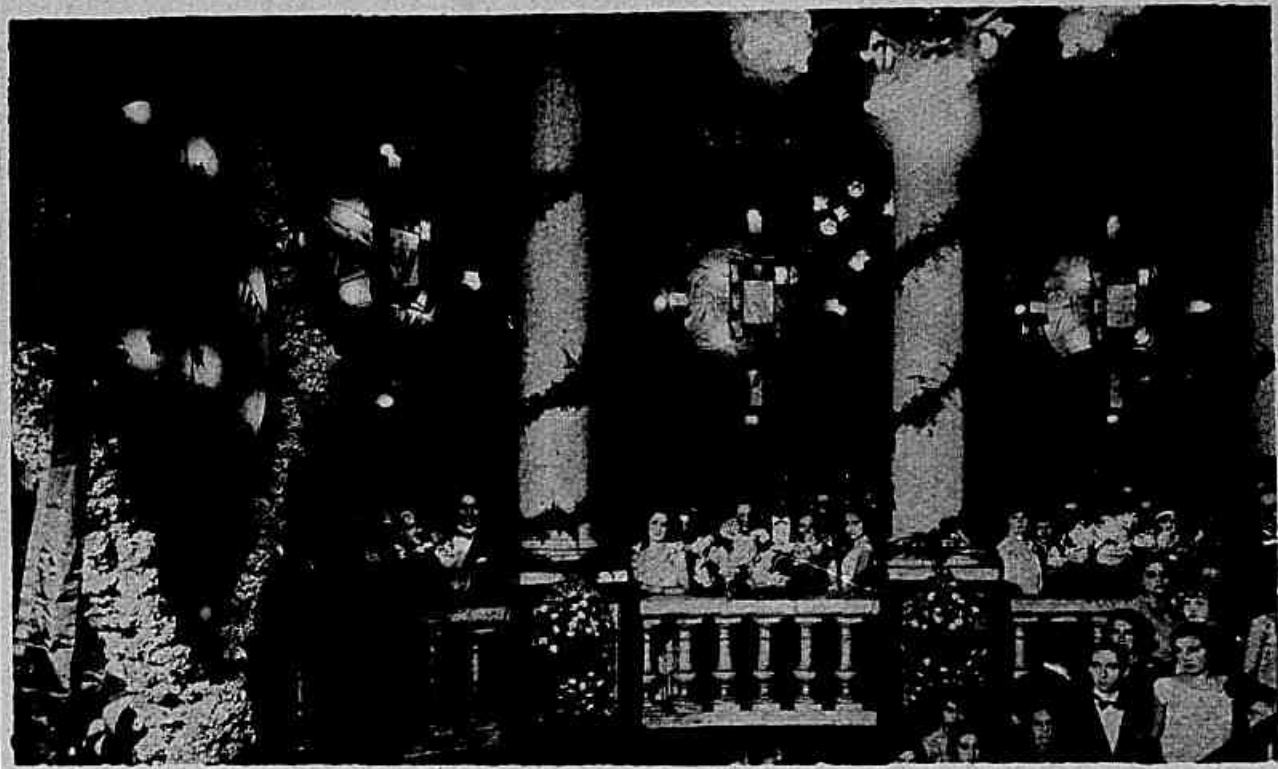
Os ultimos modelos, que os melhores figurinos trazem, obedecem ás leis rigorosas deste imperio. São de uma simplicidade esplendida, de uma singeleza fascinante. Hoje, que mesmo as toiletes para jantar são despidas, quanto possivel, de bordados e recamos, hoje, que o *crêpe georgette*, arranjado de mil fórmas, basta para fazer a mais linda moldura deste mundo, é mais exigente das elegantes ambiciosas de conquistar a palma no mais faustoso dos bailes, a brasileira da multidão bem podia tentar comprehender o encantamento extraordinario da fada que representa o melhor segredo de engastes de formosura da moda no momento — a Simplicidade...

Rosalina Coelho Lisbôa

OS CAVALLEIROS DO AR EM NICTHEROY

1 — A recepção dos herós do "Argos" no Palacio do Ingá, residencia presidencial do Estado do Rio. Sarmento de Beires tem á esquerda os srs. presidente Feliciano Sodré, almirante Gago Coutinho, consul Sampaio Garrido, capitão Castilho, tenente Gouveia e visconde de Moraes. 2 — Os aviadores portuguezes na Prefeitura de Nictheroy. Beires tem á direita o dr. Alberto Cardoso, representante do prefeito da capital visinha, que discursou no momento. 3 — Os aviadores no Club Lusitano em Nictheroy.

A inauguração do stadium do Vasco da Gama

1 — S. ex. o sr. Washington Luis, presidente da Republica, em companhia da Casa Militar da Presidencia, ministro da Guerra e representante do prefeito sr. Prado Junior, á sua chegada no Vasco da Gama. 2 — O dr. Oscar Costa, presidente da Confederação Brasileira de Desportos, tirando o «kick-off» inicial, inaugurando o campo. 3 — Sarmento de Beires e o commendador Oscar Costa desatando a fita alvi-negra presa ás grades fronteiras á tribuna official, para a ceremonia da inauguração. 4 — A equipe do Santos, que venceu a do Vasco por 5x3. 5 — A equipe do Vasco da Gama ostentando em uma só bandeira as bandeiras de todos os clubs terrestres co-irmãos.

A imponente festa inaugural do Vasco da Gama

1—S. Ex. o sr. Presidente da Republica, assignalado na tribuna official por uma setta, recebe uma vibrante manifestação popular no stadium do Vasco da Gama. 2, 3 e 4—Episodios do jogo do Santos contra o Vasco da Gama, vendo-se na primeira gravura a archibancada literalmente apinhada. 5—Um imponente aspecto das archibancadas do Vasco da Gama no dia da inauguração do grandioso stadium do Club da Cruz de Malta. 6—Instantaneo tirado logo após a ceremonia da inauguração, vendo-se em companhia dos directores do Vasco da Gama o commandante Sarmento de Beires; o commendador Oscar Costa, presidente da Confederação Brasileira de Desportos, o dr. Alaor Prata, ex-prefeito do Districto Federal e um dos principaes factores da realização dos vascainos, e pessoas de destaque no mundo sportivo. 7—Aspecto geral das archibancadas cobertas do novo stadium de S. Januario, capaz, por si, de definir o enthusiasmo que a solemnidade despertou.

O Torneio Initium da AMEA

1 — Fluminense, o campeão. 2 — São Christovam, o segundo collocado. 3 — Botafogo.. 4 — Flamengo. 5 — Vasco da Gama. 6 — America· 7 — S. P. Brasil. 8 — Villa Isabel. 9 — Bangú 10 — Andarahy.

O baile no Club Gymnastico Portuguez

O Club Gymnastico Portuguez homenageou os heróes do *Argos*, ainda hospedes do Rio, offerecendo-lhes em seus salões um baile que foi uma festa de notavel concorrencia e belleza. 1 — Sarmento de Beires entre o ajudante de ordens do sr. ministro da Marinha e os do sr. ministro da Guerra e rodeado de senhorinhas, no baile do Club Gymnastico Portuguez. 2 — Aspecto parcial da deslumbrante ornamentação do Club durante o baile. 3 — Aspecto imponente do salão na noite de sabbado ultimo. Entre os que accorreram ao baile dado em sua honra, o commandante Sarmento de Beires.

O novo Embaixador do Japão

AMBASSADE IMPÉRIALE DU JAPON
AU BRÉSIL

S. Ex. o sr. Akira Ariyoshi, o novo embaixador do Japão no Brasil, entregou as suas credenciaes ao exmo. sr. Presidente da Republica. Vêem-se nesta pagina o sr. Washington Luis com as insignias do seu alto cargo, com que recebeu o novo embaixador, o illustre sr. Akira Ariyoshi, o novo representante do Japão, com a farda diplomatica com que se apresentou no palacio do Cattete. A' direita: photographia de S. M. o imperador Hirohito; ao centro, em caracteres japonezes, as palavras de cordialidade japoneza-brasileira escriptas pelo sr. embaixador especialmente para a *Revista da Semana* e cuja traducção é a seguinte:

"E' meu ardente desejo poder contribuir, com os meus maiores esforços, embora sejam fracos, para tornar mais estreitos os laços de amizade entre este paiz e o meu, que veem mantendo sempre as mais cordiaes relações.

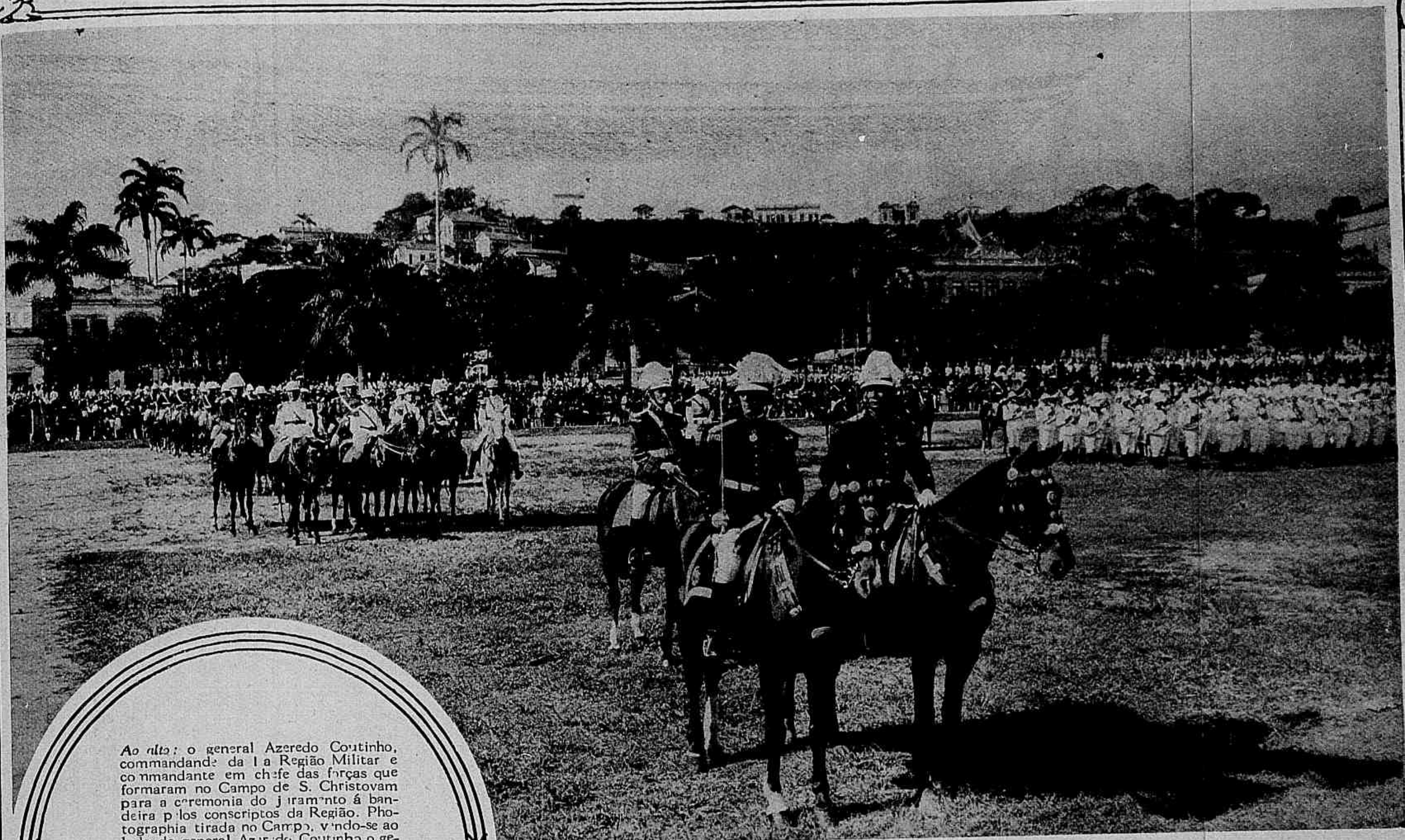
25 de Abril do segundo anno de Shówa.

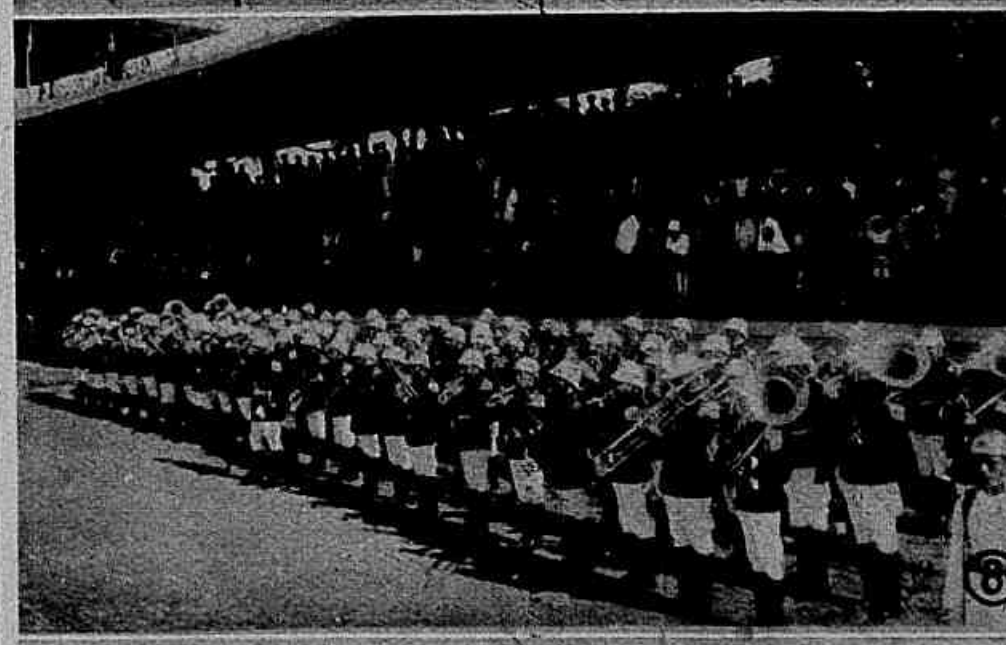
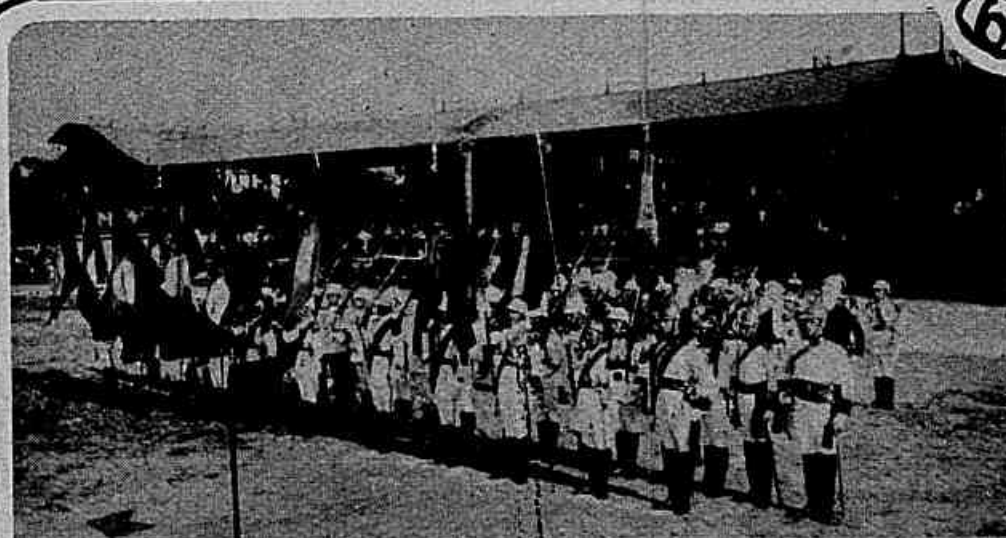
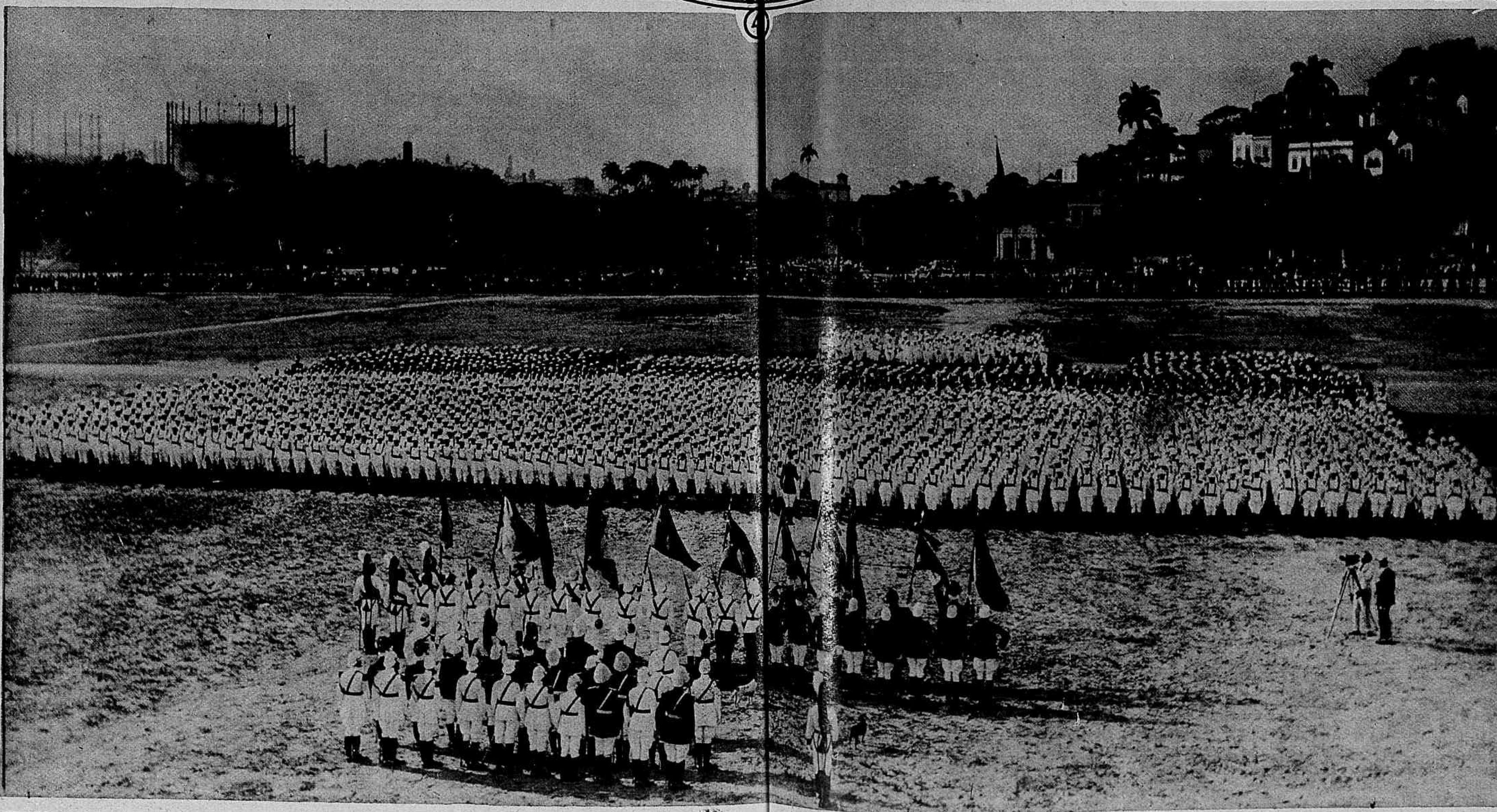
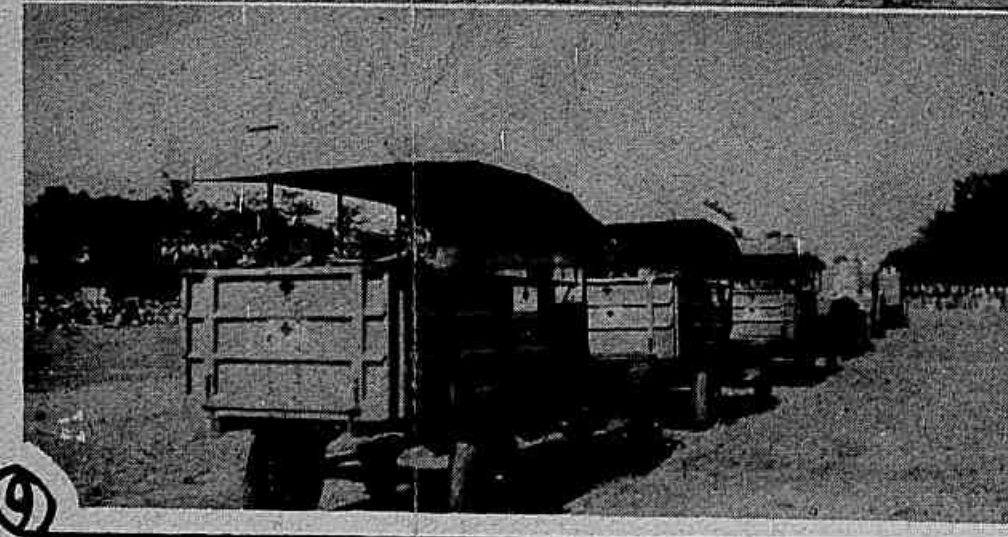
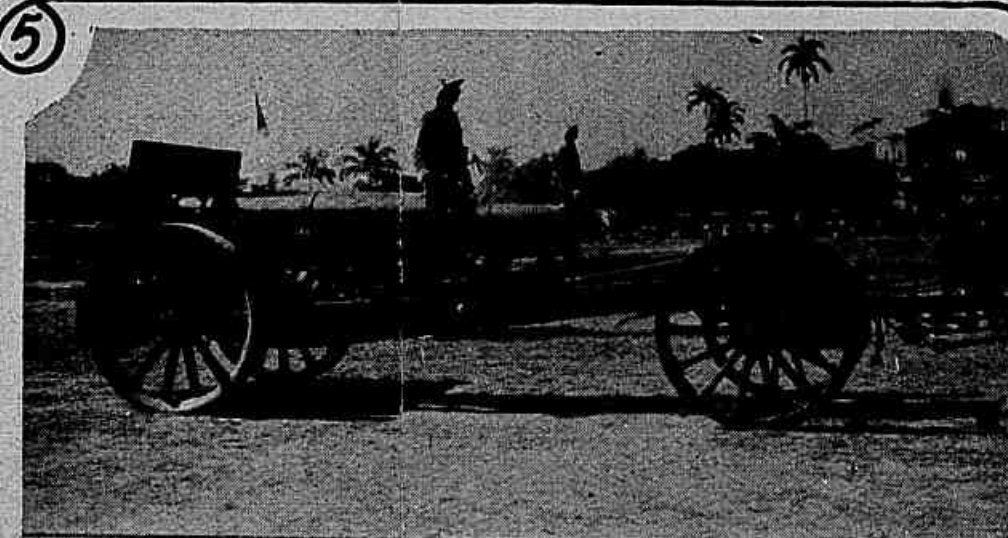
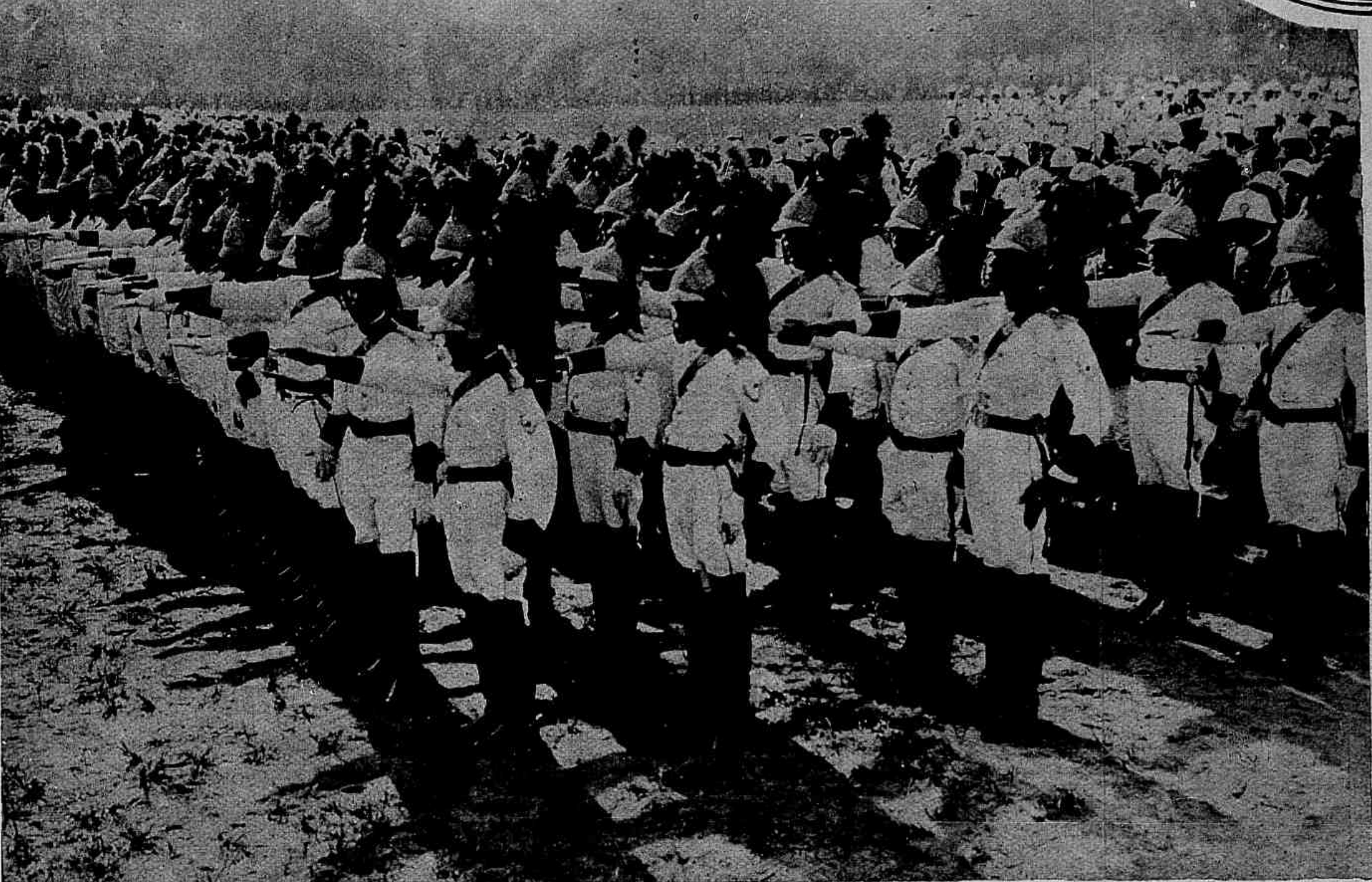
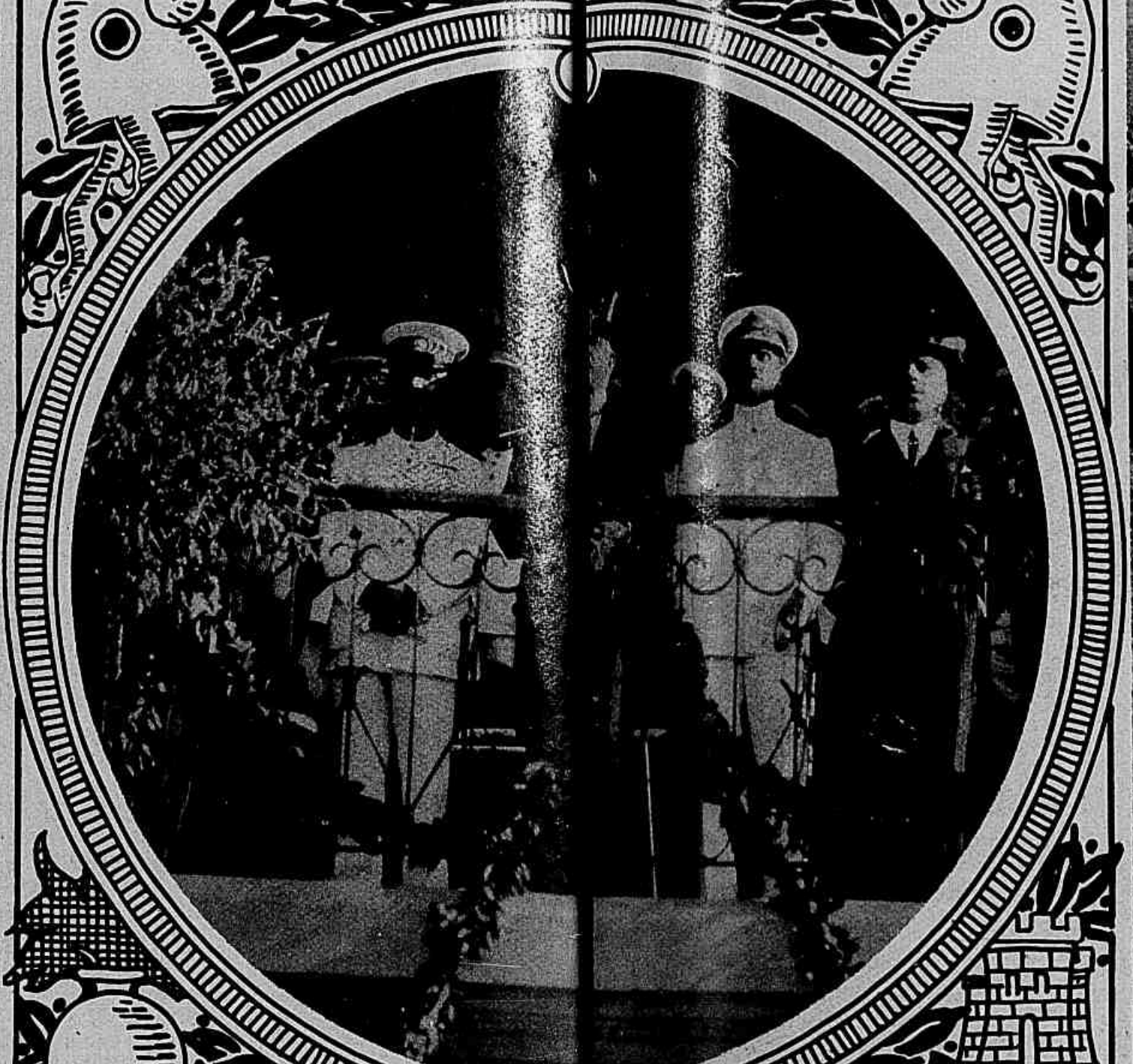
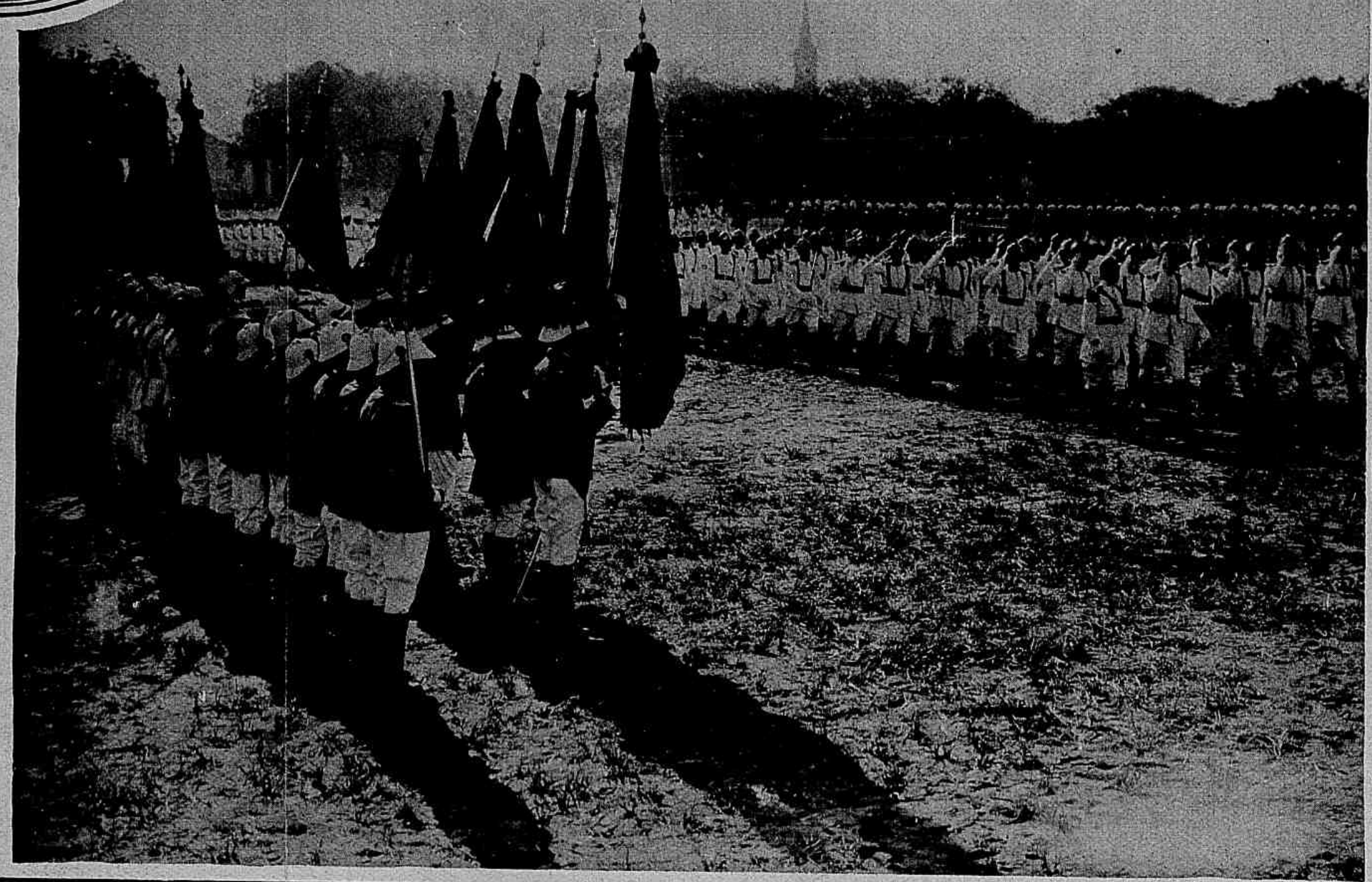
AKIRA ARIYOSHI".

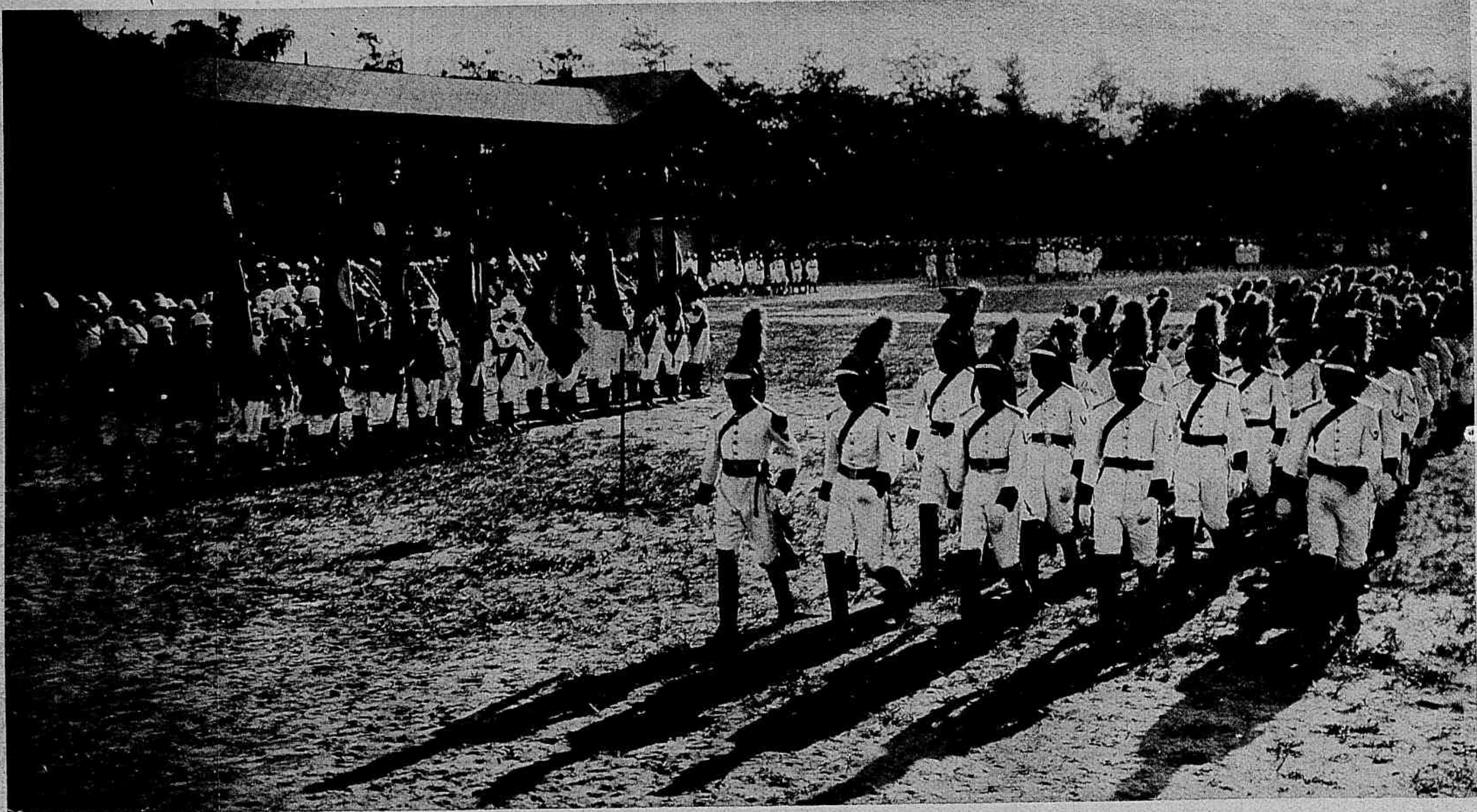
O Poeta das Cigarras na Academia Brasileira

Olegario Mariano, o poeta insinuante das cigarras, deu ensejo, ao ser recebido na Academia Brasileira, a que se realizasse uma das mais notaveis sessões havidas no Cenaculo dos Immortaes, honrada com a presença do eminente Chefe do Estado e engalanada pelo comparecimento de senhoras e senhorinhas, de modo que foi a bella noite do Petit Trianon tambem uma linda noite de elegancia.

Na gravura central vê-se o sr. Washington Luis, presidente da Republica, tendo á esquerda os srs. ministro Vianna do Castello e academicos Claudio de Souza, Luis Carlos, Laudelino Freire e Olegario Mariano, e á direita os srs. ministro Pinto da Luz, academico Rodrigo Octavio, presidente da Academia; embaixador Conty e academicos A. Austregésilo, Adelmar Tavares e Gustavo Barroso. Ladeando essa gravura: á esquerda Olegario Mariano, o poeta recebido, com o seu fardão, e á direita Gustavo Barroso, o academico que recebeu o poeta das *Cigarras*.

O desfile militar de S. Christovam

Ao alto: o general Azeredo Coutinho, commandante da 1.a Região Militar e commandante em chefe das forças que formaram no Campo de S. Christovam para a ceremonia do juramento á bandeira pelos conscriptos da Região. Photographia tirada no Campo, vendo-se ao lado do general Azeredo Coutinho o general João Gomes. *Em baixo:* O eminente Chefe do Estado passando no Campo de S. Christovam em automovel escoltado pelos Dragões da Independencia. S. Ex. o sr. Washington Luís dá a esquerda ao general Setembrino(?) ... Sezefredo dos Passos, ministro da Guerra, e vêem-se tambem no automovel os srs. coronel Teixeira de Freitas e capitão de fragata Hugo Mariz, chefe e sub-chefe da Casa Militar da Presidencia da Republica.

O JURAMENTO DOS CONSCRIPTOS DA 1ª REGIÃO MILITAR

1 — A tribuna official no Campo de S. Christovam, em a qual se vêem, em companhia do sr. Presidente da Republica, os srs. ministros da Guerra, da Marinha e do Exterior; generaes Odoarto de Moraes e Azevedo Costa e almirante Penido. 2 — O desfile dos conscriptos. 3 — Visão parcial do juramento: os Dragões prestando o compromisso á bandeira. 4 — Os conscriptos da 1.a Região Militar prestando o juramento. Formados diante das bandeiras, os conscriptos das armas de infantaria, cavallaria, artilharia e engenharia. 5 — Artilharia pesada. 6 — As bandeiras dos onze batalhões que formaram no Campo de S. Christovam. 7 — Artilharia ligeira. 8 — A banda de musica da Escola Militar. 9 — Formação Sanitaria Divisionaria. 10 — Formação Sanitaria.

O Exercito no Campo de São Christovam

1 — Os conscriptos do regimento de Dragões da Independencia desfilando diante das bandeiras dos batalhões que formaram no Campo de São Christovam. 2 — O desfile do 3.º Regimento de Infantaria. 3 — Pelotão dos Dragões da Independencia desfilando deante do pavilhão do Campo de S. Christovam.

CALOUROS TROTEADOS E SEM TROTE

1 e 2 — Os calouros victimas do «trote». Aspectos da passeiata academica, de «veteranos» e «calouros», epilogada pelo «enterro» do professor Rocha Vaz, ex-director do Departamento Nacional do Ensino e da Faculdade de Medicina. 3 — Os calouros entre os que, pensadamente, aboliram o «trote». Aspectos tirados no «Dia do Calouro», durante a sessão littero-musical realizada no Automovel Club. 4 — O dr. Abreu Fialho, director da Faculdade de Medicina, que presidiu á solemnidade do «Dia do Calouro», entre os membros da Commissão organizadora da festa, no Automovel Club.

AHI passa a semana do descobrimento do Brasil, officialmente celebrado a 3de Maio; é a semana de Cabral como a anterior de Tiradentes.

Certas biographias quaes certos quadros offerecem mais escuros do que claros. Sóbra gloria á biographia de Pedro Alvares Cabral; faltam-lhe porém dados copiosos, confissões á curiosidade, conferindo-nos o direito de dar ao heroe a sobre-alcunha de mysterioso. Onde nasceu, em que dia, mez e anno? deduzem uns, conjecturam outros.

Era moço quando a penhascosa escola de Sagres trazia conquistas a Portugal, enchendo o mappa-mundi de novidades. Biographos antigos adiantam solemnes "ter frequentado Cabral com admiravel aproveitamento e successos a escola de Marte".

Vasco sellára as Indias com as armas lusas. Corporificaram os sonhos do grande infante cabos, ilhas, paizes ignotos. Portugal pretendia impor-se aos desconhecidos sob a fórma de soldados, de marujos, de velas, de artilharias a par de sumptuosidades.

D. Manoel, ao raiar Março de 1500, ajuntou tudo isso nas aguas do Tejo salsuginoso, escolhendo Cabral, trintão e nauta, para testa de armada e arauto de famas lusitanas.

Até ali Cabral cursára no mar, na côrte, na guerra, em meia-obscuridade. Ia resplandecer na sórte e na gloria, sempre duacs, a lembrar as peças da tesoura entre as cousas humildes.

Nas virtudes de Pedr'Alvares distinguiu el-rey a de saber mandar; o escolhido teve esforço no soberano.

A 9 de Março de 1500 Cabral deixava Lisbôa, desdobrado o Atlantico ás vistas, dilatado á esperança. Aconselhara-se com o Gama; amigo sobre almirante avisára-o este dos perigos da jornada, por tantos dias só de mar e céo.

A principio a viagem foi serena, sobre vagas aplainadas, ventos de obediencia. Mas o scenario mudou; veiu o ululo das rajadas, o zarguncho das chuvas, o retumbar das ondas, fechado o firmamento em escuridão inteira.

Amainou afinal a borrasca, seguiu a esquadra, incharam as velas, socegaram os corações. A 22 de Abril nasce terra, o Brasil, de onde no começo de Maio, após duas missas celebres, parte Cabral rumo do Oriente. Acompanha-o um cometa de cauda longa, alto e luminoso companheiro de viagem, tido entretanto no seculo XVI por máo agouro.

Duas semanas segue elle a esquadra, desapparecendo na caligem do infinito entre o receio e o allivio dos navegantes. Não se enganaram, reappareceu a tempestade para o perdimento geral na ancia de cada um: bateu as náus, vinte dias a fio, provando e desabrindo.

Ergueram-se vozes, pedindo a salvação no regresso immediato; Cabral disse não ás supplicas, sim ás ousadias. Impavido voltou o exemplo para o perigo, o rosto á morte, seguindo foi seguido.

A difficuldade é ou parece mulher, gosta de dominio: Cabral dominou-a, em paga. Moçambique apresentou-se qual refresco divino. Surgiram depois Quilôa e Calecut; ora agasalho, ora pugna, até á suspirada ordem de tornar, em meiados de 1501.

No retorno sopraram ainda tempestades, perdidos navios e tripulações, amainando a sórte e o mar nas alturas de Cabo Verde.

Emfim Lisbôa! A cidade em peso desceu á praia para saudar os recem-vindos. Uns choravam de alegria, outros de dôr, dispersos os seus na profundidade do oceano, no cemiterio das ondas, pasto de peixes, coveiros devoradores.

Mal decorrido um anno aprestam nova expedição. Ha fervor de noivado entre Portugal e a India; amante vehemente aquelle deseja esta bem proxima, entre ciume e cobiça.

D. Manoel reelege Cabral para o commando da renovada empreza. Melindra-se porém o escolhido, mandado embarcar Vicente Sodré, commandante de divisão, portador de instrucções que da autoridade suprema o isentavam. "Homem de muitos primores acerca de ponto de honra", Cabral recusa o mando beliscado, arrufam-se rei e subdito.

Este andou bem, ao menos na apparencia, na rama das cousas; mas não podemos arguir o rei de ingrato sem restricções no parecer e na folha. Que sabemos de nós mesmos nos maiores da vida?

D'ahi por diante Cabral é em completa sombra. Dous annos de existencia — 1500 e 1501 — o incluiram no ról dos seculos.

Filho terceiro de Fernão Cabral, adiantado da provincia da Beira, senhor de Azurara e de Belmonte e d'esta alcaidemor, e de sua mulher D. Isabel de Gouvêa, senhor de Almendra, Pedro Alvares casou com linhagem, recebendo por esposa D. Isabel de Castro, genita de D. Fernando de Noronha e sobrinha do mordomo-mór D. Pedro de Noronha.

Os dous filhos do descobridor do Brasil, Fernão e Antonio, morreram sem descendencia e, na regra dos descendentes de um notavel, sem feitos. As filhas, Constança e Guiomar, casaram ambas, porém de modo differente, a primeira com marido, a segunda com Christo, esposa d'elle sob o véo de dominica, no espaço eternamente nupcial de uma cella no convento de Santa Rosa de Lisbôa.

Não é talvez materia de muito erro suppôr tristes os ultimos annos de Cabral, a envelhecer n'um retiro de provincia, a sonhar diante de alguma lareira enrubecida de fogo emquanto fóra a terra marmoreava em neve.

Vinham-lhe talvez á mente os breves dias do descobrimento brasileiro, com todos os episodios, as minucias todas: o avistar de terra a horas de vespera e saudade; as mimicas com os indigenas; o folgar com batel a carão das praias; a missa do domingo de Paschoela no ilhéo; o rir ás danças dos selvagens ao som da roufenha gaita lusitana; o sorrir ás voltas ligeiras e ao salto real de Diogo Dias, olvidado de ex-almoxarife de Sacavem; o chantar da cruz com as armas e a divisa do rei; o adeus á ilha de Vera Cruz.

Ao crepitar do fogo ou ao chiadinho d'elle, no manso queimar das achas, entre tições e sombras, reconstituiria talvez Cabral as scenas da jornada, sentindo os soffrimentos, gozando os espantos.

Enregelava-o ainda o vento de sueste com chuvaceiros de cassarem a capitanea. Lembrava-se de seguir com a vista até fadiga os papagaios verdes e pardos, grandes e pequenos, as pombas seixas que atravessaram as mattas da ilha de Vera-Cruz assustadas com os golpes de machado dos marujos cortando lenha.

Assim Cabral trespassou no silencio, á margem do mundo. Rolou-lhe o nome nas paginas das obras de chronistas, de eruditos, ao ranger da penna de João de Barros nas *Decadas*, de Castanheda na *Historia da India*, de Faria na *Asia Portugueza*, de frei Giuseppe de Santa Teresia na *Istoria del Brasile*. Ficou-lhe a nomeada no *Novus Orbis Regionum ac Insularum* e nas relações de Ramusio.

Cultivada a historia no Brasil, Cabral foi n'ella citado sem cessar. A gloria como os liquidos circumflue. Rocha Pitta cognominou-o "de illustre e famoso Capitão Governador de formosa armada de poderosa náos."

Quem historialmente se occupou com o Brasil mencionou Cabral por força. Tornou-o a sorte um homem-marco, a figura de limiar na historia patria, a receber a homenagem e a critica, as pontas da gangorra do universo.

Finou-se Cabral, parece, nas proximidades de Santarem, segundo a tradição em Jardim, aldeia da freguezia do Salvador. Deram-lhe sepultura na igreja da Graça em Santarem. Attentemos nas palavras: Jardim... Salvador... Graça, tres nomes parecem sorrir no austero da morte.

Enterraram Cabral entre tumulos immensos, d'esses que mostram o orgulho humano de tripudio ao pó biblico. Monumental um d'aquelles tumulos, o de D. Pedro de Menezes, visinho da cova do Descobridor.

Abriram-a um dia, para descida do cadaver da conjuge do finado e sobre ambos lançaram lapide onde se lê:

AQUI JAZ PEDRALVARES
CABRAL E DONA ISABEL DE
CASTRO SUA MULHER CUJA HE ESTA
CAPELLA HE DE TODOS SEUS ERDEY
ROS, A QUAL DEPOIS DE MORTO SEU
MARIDO FOY CAMAREIRA-MÓR DA
SENHORA IFANTA DONA MARYA FILHA DEL
REY D. JOÃO NOSSO SÑOR HO TERCEI
RO DESTE NOME.

Varnhagen descobrio a campa esquecida e de certo meditou muito diante d'ella, com o respeito de estudioso, a manejar os seculos pelo pensamento, a estender os successos no gabinete de trabalhos, sobre a alvura das tiras de papel, base molle de tanta obra solida.

Muitos annos depois foi ter a Santarem outro brasileiro, Alberto de Carvalho, cheio de veneração pelos primeiros dias da terra natal.

Durante o verão, testemunhou elle, na igreja de Santarem o sol entra triumphantemente pelas portas abertas sobre immensa perspectiva.

Pelo contrario no inverno as ventanias assaltam a igreja; o rio soberbo de enchente alaga a vargem, submerge o pé da collina, parecendo querer convertel-a em escarpado promontorio onde a campa, segundo Alberto de Carvalho, barco alli arrojado a uma hospitaleira margem de seculos, tem sempre diante de si os mesmos elementos da natureza que fizeram outr'ora a gloria do heroe, realçada a magia do quadro pelo valor archeologico do monumento.

Solicitando, insistindo, Alberto de Carvalho conseguiu trazer ao Rio de Janeiro uma penca dos restos de Cabral.

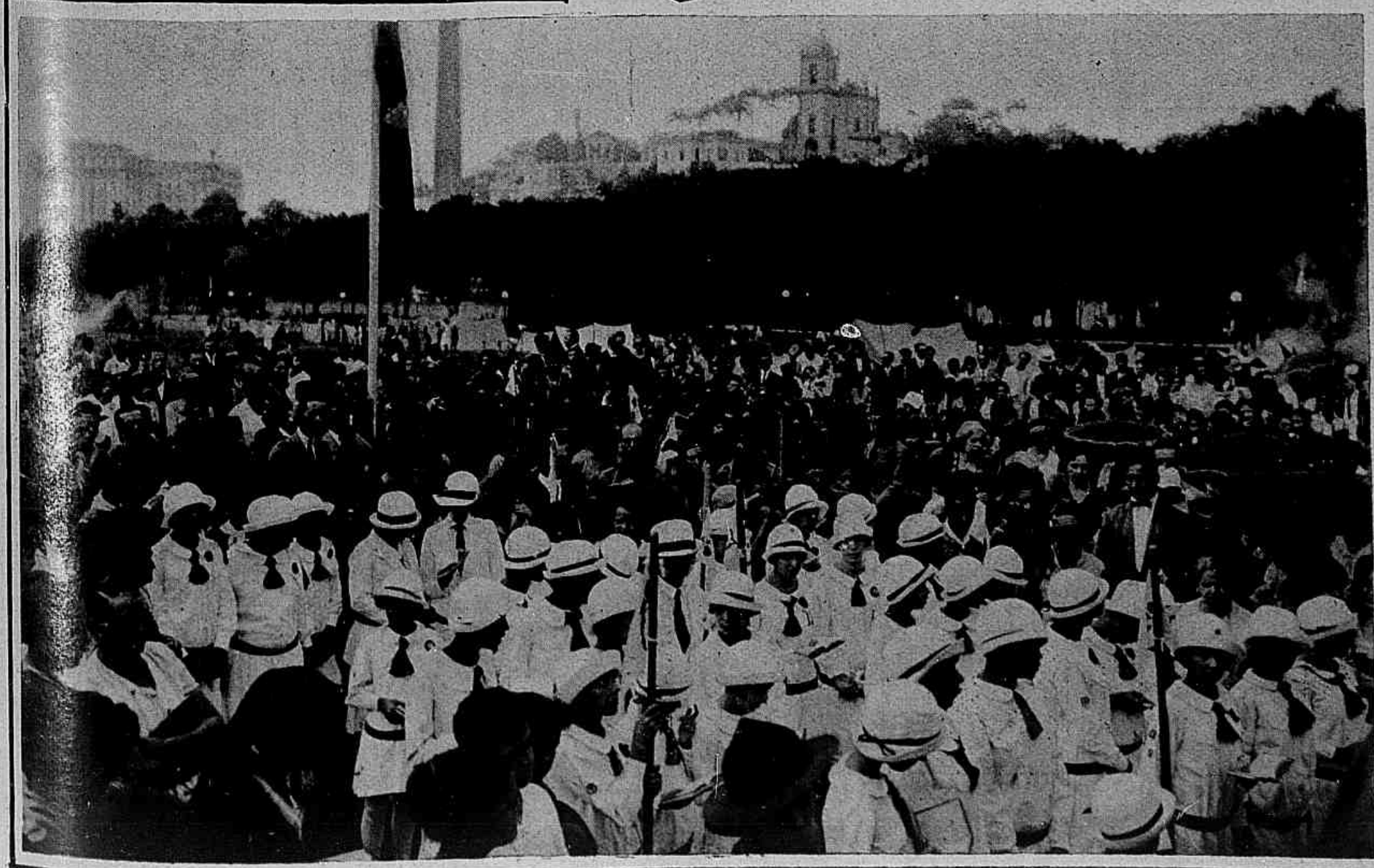
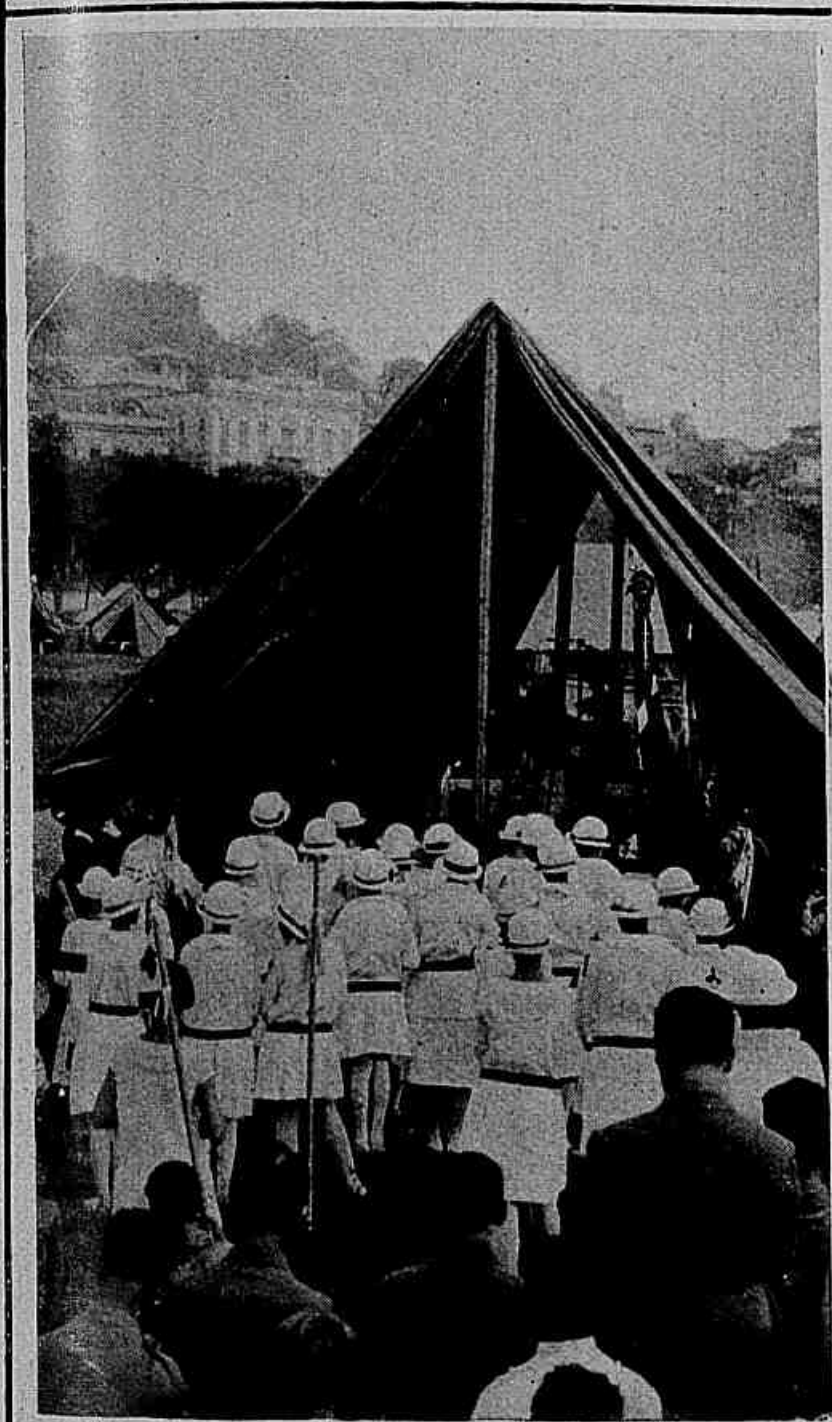
Não é raro dividir defuntos, e que representam reliquias de santos senão morte repartida? A quantas personagens egregias, alheias e nossas, extrahiram orgãos para conserval-as entre pompa e respeito? Na igreja portuense da Lapa jaz o coração outr'ora tão pulsante de D. Pedro I, o cavalleiro e o cavalheiro de Ipiranga. Em S. Paulo a pertinacia de um Affonso de Freitas conseguiu achar o cadaver de Feijó e, dentro do esquife do padre regente, o coração d'elle n'uma redoma envolta em velludo.

Em outras partes do mundo aquelle coração, onde tanto foi a patria, receberia homenagens especiaes e renovadas.

Não houve um sorriso diante de nós quando n'uma cidade sueca mostraram o cangirão no qual Linneu se encervejava. Ninguem considerou o objecto ou a bebida; havia apenas Linneu, isto é a immortalidade, formosa por nascida de flores.

Trazidos por Alberto de Carvalho, temos comnosco despojos de Pedr'Alvares. Entaiparam-os na cathedral carioca, na parede do corredor que conduz da sacristia ao corpo da igreja. E' sitio de luz escassa. Só nos dias claros bem se divisa, em pedra marmore, uma inscripção assignalando a dadiva ao templo do resto dos restos do navegador, do morto repartido: Diz a inscripção, fielmente copiada: *Aos 30 de Dezembro de 1903 sendo arcebispo desta archidiocese D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti foi aqui depositada uma urna dupla de chumbo e madeira contendo residuos mortuarios de Pedro Alvares Cabral Descobridor do Brasil extrahidos aos XIV-III-MCMIII de sua sepultura na egreja de N. S. da Graça de Santarem em Portugal onde desde o anno de 1529 achavão-se em jazigo de familia trazidos e doados a esta Cathedral pelo Bel Alberto de Carvalho*".

Por essa campa de parede passam quotidianamente indifferentes e fieis, indo estes á supplica das imagens; passam os sacerdotes paramentados para a missa ou para as festividades como n'aquelle dia de Março de 1500 no qual o bispo de Ceuta, n'um largo gesto de Deus, abençoou a armada cabralina; passam as virgens, em procissão no mez de Maria, de vestidos brancos e fitas azues, cantando ou em silencio, rosarios entre os dedos, desfiando terços.

E um amigo da approximação de palavras talvez observe que a qualquer hora descobertos deslisam todos diante do Descobridor.

1 — O sr. Affonso Penna Junior, ex-ministro da Justiça, presidente da Confederação dos Escoteiros, com sua senhora e gentís filhinhas no acampamento da Gloria. 2 — A cozinha dos Escoteiros da Gloria no acampamento á beira-mar, na praia da Gloria. 3 — A communhão das Bandeirantes durante a missa campal. 4 — Aspecto geral do acampamento, vendo-se no primeiro plano os Escoteiros de Petropolis. 5 — As Bandeirantes, os Escoteiros e o povo, assistindo á missa campal no acampamento, na manhã de domingo.

ANNIVERSARIOS

No dia 30 — as sras. Celeste de Mattos Faria; senhorinhas Lucia Velloso de Lacerda, Nair Alvaro Zamith, Marina Tancredo Burlamaqui e Joaquim Pires de Albuquerque; o dr. Raul de Campos; commandante Leopoldo Bandeira de Gouvêa; o dr. Pereira Brasil; a senhora ThereзaLobo, virtuosa esposa do senador Pereira Lobo.

No dia 1 — as sras. Hilda Carvalho Pareto e Consuelo Pareto Junior; senhorinhas Stella Autran, Clara Barbosa de Almeida, Zamelina Rangel, Celina da Silva Serra; o eminente professor Miguel Couto; o embaixador Barros Moreira; os drs. Adolpho da Costa Madruga e Julio Marcondes do Amaral; o sr. Manoel Monteiro Pessôa.

No dia 2 — as sras. Julia de Azevedo Lima, Hipolito de Oliveira, Julieta Proença e Beatriz Brito Durão; as senhorinhas Marieta Coelho Machado, Laura Raul Rego, Eugenia da Silva Tinoco e Leontina Cardoso; o professor Dario Callado; o commendador Pinto de Castro.

No dia 3 — as sras. Maria Antonieta Silva Brandão, Adelina Jannuzzi, Augusta Lima de Vasconcellos e Alice Ponte Guarany; a senhorinha Anhady Thaumaturgo de Azevedo; os drs. Evaristo da Veiga, J. de Mello Machado, Jayme Castro Barbosa e Jayme de Vasconcellos.

No dia 4 — a baroneza Pinto Lima; as sras. Maria Julia de Paiva Chagas, Laurinda Santos Lobo, Mario Alves, Emma Castro e Silva; a senhorinha Thais Accioly; o senador Felippe Schmidt; o poeta Luiz Murat, da Academia Brasileira de Letras; os drs. James Darcy, Mario dos Passos Machado Monteiro; o professor Rego Lago; o capitalista Ribeiro Gomes.

No dia 5 — as sras. Declinda Meirelles Vizeu, Freitas Mello e Avelino Leite Barros; a senhorinha Maria Elisa Valdetaro Fonseca; os drs. José Beliche e Souto Castagnino; o general Candido Rondon; o almirante Prudencio José dos Santos; o dr. Porto da Silveira, nosso collega de imprensa.

No dia 6 — a sra. Antonieta Monteiro Chaves; as senhorinhas Arlinda Fragoso, Olivia Alberto Guimarães, Dulce Nunes Coimbra e Doralice Telles; os drs. Aarão Reis, Eduardo Veiga, Affonso Homem da Silva Guimarães; o senador Gilberto Amado; o coronel Felisberto Augusto Martins; o professor Julio Cesar de Mello e Souza, que se tornou figura interessante nas letras sob o nome de Malba Tahan; o ex-governador Bricio de Araujo.

NOIVADOS

— a senhorinha Odilia Belém e o dr. Paulo Boneschi;
— a senhorinha Nympha Heronides Leite da Silva e o sr. Antonio de Abreu Freitas Filho;
— a senhorinha Diva Nascimento Silva e o engenheiro Emilio Gaelzer;
— a senhorinha Judith Maria de Souza e o sr. Alvaro Tavares Machado;
— a senhorinha Maria de Lourdes Lopes Meira e o sr. Adolpho Tleischharer;
— a senhorinha Beatriz Botelho Martins e o dr. J. Ferreira da Silva Filho.

CASAMENTOS

— a senhorinha Maria Pires dos Reis e o esculptor Laurindo Ramos;
— a senhorinha Odette Moraes e o sr. Dario Domingues de Sant'Anna,
— a senhorinha Lucia Arzua dos Santos e o dr. Mario Barbosa;
— a senhorinha Thereza da Costa Santos e o sr. Oswaldo Nogueira;
— a senhorinha Antonieta Elvas e o sr. José Bento da Costa Junior;
— a senhorinha Arlette da Cruz Rangel e o dr. Arnaldo N. O. Barbosa Junior.

DIPLOMATAS

Pelo *Avila*, seguiu para Bruxellas o embaixador Barros Moreira, que ali vae assumir as funcções de seu alto posto.

O illustre embaixador teve o seu embarque muito concorrido e festivo.

*

Para Portugal onde vae demorar-se alguns mezes em gozo de licença, partiu pelo *Almanzora* o dr. Duarte Leite, embaixador daquelle paiz junto ao governo do Brasil.

OS QUE VIAJAM

Deixaram o Rio: — o dr. Paulo Emilio de Oliveira, que foi para Santos; o dr. Avelino Alves Palma, para a Europa; o dr. Francisco José Fernandes e senhora, tambem para a Europa; o dr. Henrique Santa Rosa; o dr. João do Rego Barros, para a Europa; o industrial Pedro de Magalhães Corrêa, em viagem de recreio para a Europa; o senador Argeu Monjardim, para a Europa.

*

Chegaram ao Rio: — a professora de dansas classicas sra. Naruna Corder, que regressa de sua viagem á Europa; o deputado Eloy de Souza, chegado do Rio Grande do Norte; o dr. Velasco José Fernandes e familia, de Paris; os senadores Antonio Massa e Souza Castro, chegados do Pará; o dr. Daniel de Carvalho, procedente de Bello Horizonte

VERANISTAS

Acham-se em Theresopolis: — o dr. Raul Machado e familia; o coronel Amado Junior e familia; os srs. Torres Carneiro e familia; Victor de Sá e familia.

*

Para Aguas Virtuosas: — o dr. Pimentel Junior.

*

Para Cambuquira: — o sr. Basilio Simões Coelho.

*

De Lambary: — a exma. viuva Celestino Bastos e filha

No cáes do porto, á chegada do sr. Ephigenio de Salles, presidente do estado do Amazonas, que se vê ladeado pelos srs. senador Aristides Rocha e deputado Ajuricaba de Menezes, ambos da representação amazonense. A' direita do presidente do Amazonas a senhora Ephigenio de Salles e á esquerda a senhora Victor Maurtua e o sr. ministro do Perú.

Foi muito movimentado o embarque do distincto diplomata, notando-se, além dos membros mais destacados da colonia portugueza, muitas individualidades brasileiras de destaque, funccionarios da embaixada e consulado portuguezes e representantes do nosso governo.

*

Acha-se no Rio o dr. Horacio Alfaro, ministro das Relações Exteriores da Republica do Panamá.

O brilhante diplomata veiu tomar parte como delegado do seu paiz nos trabalhos da Commissão Internacional de Jurisconsultos Americanos.

EM PETROPOLIS

Foi sumptuosissimo o baile que SS. AA. os principes de Orléans e Bragança offereceram ás suas fidalgas relações em Petropolis.

Toda a alta sociedade que veraneia na formosa cidade das hortensias compareceu á distincta reunião, onde se fez bôa musica e encantadora *causerie*.

*

A distincta senhora Franklin Sampaio abriu seus luxuosos salões domingo, para receber suas amizades, tendo transcorrido muito brilhante a recepção.

MUSICA

Foi dos mais bellos e elegantes o concerto-conferencia, realisado sabbado ultimo no salão do Instituto Nacional de Musica.

Fez uma conferencia humoristica Esther Ferreira Vianna; cantou lindamente Luiza Torres Paranhos, e a violinista Lydia Brasil encantou ao violino os que tiveram a ventura de lá ter ido.

VESPERAL EM HOMENAGEM Á MEMORIA DE UM POETA

Realiza-se amanhã, domingo, ás 16 horas, no salão nobre do Instituto Nacional de Musica, uma sessão litero-musical em homenagem á memoria do poeta Moacyr de Almeida, por motivo do 2.º anniversario de sua morte, havendo numeros de musica de canto e de literatura, tomando parte os seguintes elementos artisticos e escriptores: prof. O. Lorenzo Fernandez, sra. Francesca Nozieres, senhorinha Amalia Lorenzo Fernandes, Egydio de Castro e Silva, os poetas Luis Carlos, Pereira Da Silva, Olegario Marianno e Theodorick de Almeida, os intellectuaes Saul de Navarro e Iveta Ribeiro.

M. DE D.

PRESIDENTE CARLOS DE CAMPOS

Depois de uma longa, impressionante agonia, falleceu pela manhã de quarta feira o dr. Carlos de Campos, presidente do Estado de São Paulo. A noticia do mal que o assaltou e o matou em tão breves dias foi uma dolorosa surpreza para todos quantos não admiravam e estimavam apenas o politico habil e o estadista, mas tambem o homem, pela bondade extrema de seu coração, pela singeleza de seu trato e pela scintillação

de seu espirito; porque o illustre cidadão se tornara querido por aquellas qualidades tão raras em nosso meio politico e pela circumstancia que o singularizava — a de ser um temperamento de artista, compositor cujas obras se fizeram ouvir e applaudir no Municipal, tanto da Paulicéa como do Rio. A sua actuação na politica nacional iniciou-se na presidencia Epitacio Pessôa e dahi em deante se tornou uma de suas figuras de maior relevo e prestigio, como *leader* da bancada de seu Estado e da maioria da Camara, até que foi para a presidencia de São Paulo, onde a morte o colheu *ex-abrupto* quando no auge de sua carreira de homem publico. Antes o jornalismo fôra a escala de seu triumpho na politica, e no "Correio Paulistano" deixou a projecção luminosa de seu espirito.

A morte do presidente Carlos de Campos completa a consternação geral que a sua enfermidade motivara, pois não só em S. Paulo, como aqui e em todo o paiz, a sua personalidade despertava uma sympathia tal que nem as paixões politicas conseguiam quebrar a unanime estima que o envolvia.

Grupo de pessôas que tomaram parte no banquete offerecido na Embaixada do Mexico ao sr. ministro dessa Republica amiga em Buenos-Aires, dr. Prejolerdo Betejada, de passagem pelo Rio de Janeiro. Vêem-se, entre outras pessôas em companhia do sr. embaixador do Mexico e senhora Ortiz Rubio e do pessoal da Embaixada, o homenageado, o sr. ministro do Exterior e senhora Octavio Mangabeira, o sr. ministro do Perú e senhora Victor Maurtua e sr. ministro da Colombia.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

MARTIM FRANCISCO

Finou-se nesta capital, ha dias, o notavel politico paulista dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, da illustre familia dos Andradas e terceiro desse nome, vulto de grande relevo como publicista e orador e figura de accentuado destaque no parlamento, onde teve assento varias vezes.

A sua fibra de polemista e critico e o seu estylo brilhante ficaram longamente attestados nos multiplos artigos e estudos juridicos que espalhou pela imprensa e que ora se acham reunidos em volume.

A "Revista da Semana" orgulha-se de ter merecido a collaboração do dr. Martim Francisco, cujo nome illustre assignou um magnifico artigo sobre D. Pedro II, especialmente escripto para o numero commemorativo do centenario do nascimento do magnanimo Imperador, e rende nestas linhas a sua homenagem ao paulista eminente que tanto honrou a imprensa, a tribuna, a advocacia, a administração e a politica.

A "REVISTA DA SEMANA" E A LOTERIA DE HESPANHA

Conforme a noticia que, ha tempo, démos aos nossos assignantes, foi-lhes adversa a sorte na Grande Loteria de Hespanha do Natal, á qual concorrem annualmente associando-se nos tres bilhetes inteiros que costumamos adquirir.

Accrescentamos agora que, infelizmente, nem um só premio coube aos nossos bilhetes adquiridos para a Loteria de Dezembro de 1926.

Acha-se em nosso poder a lista geral dos premios da Grande Loteria de Hespanha, do Natal, e portanto á disposição dos nossos assignantes.

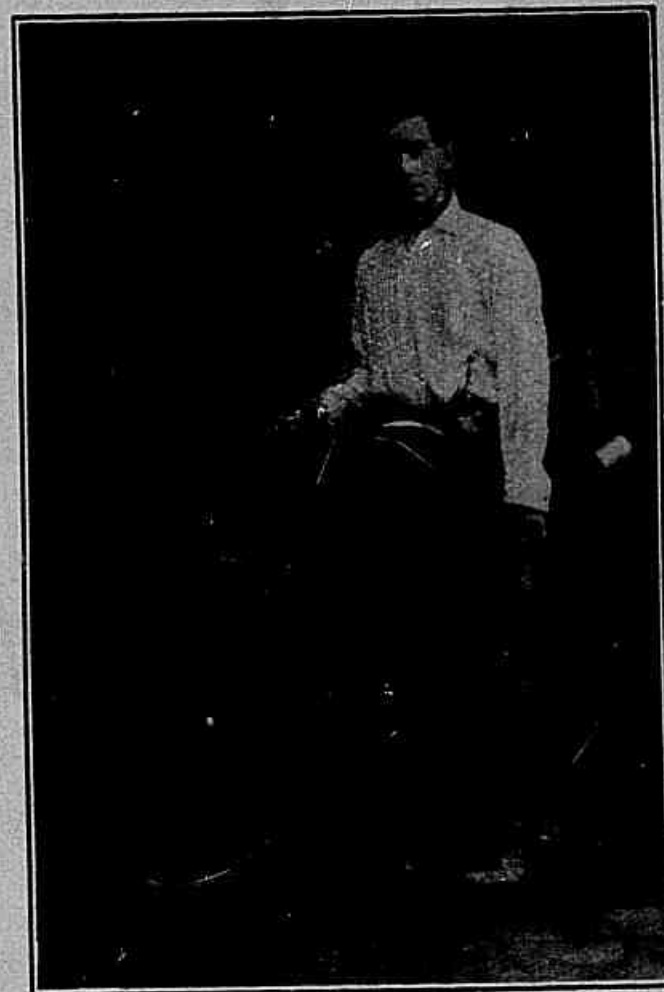
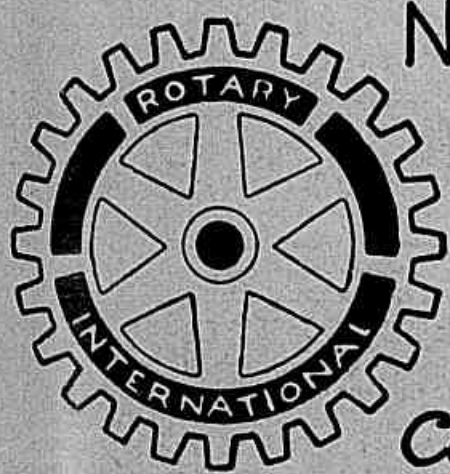
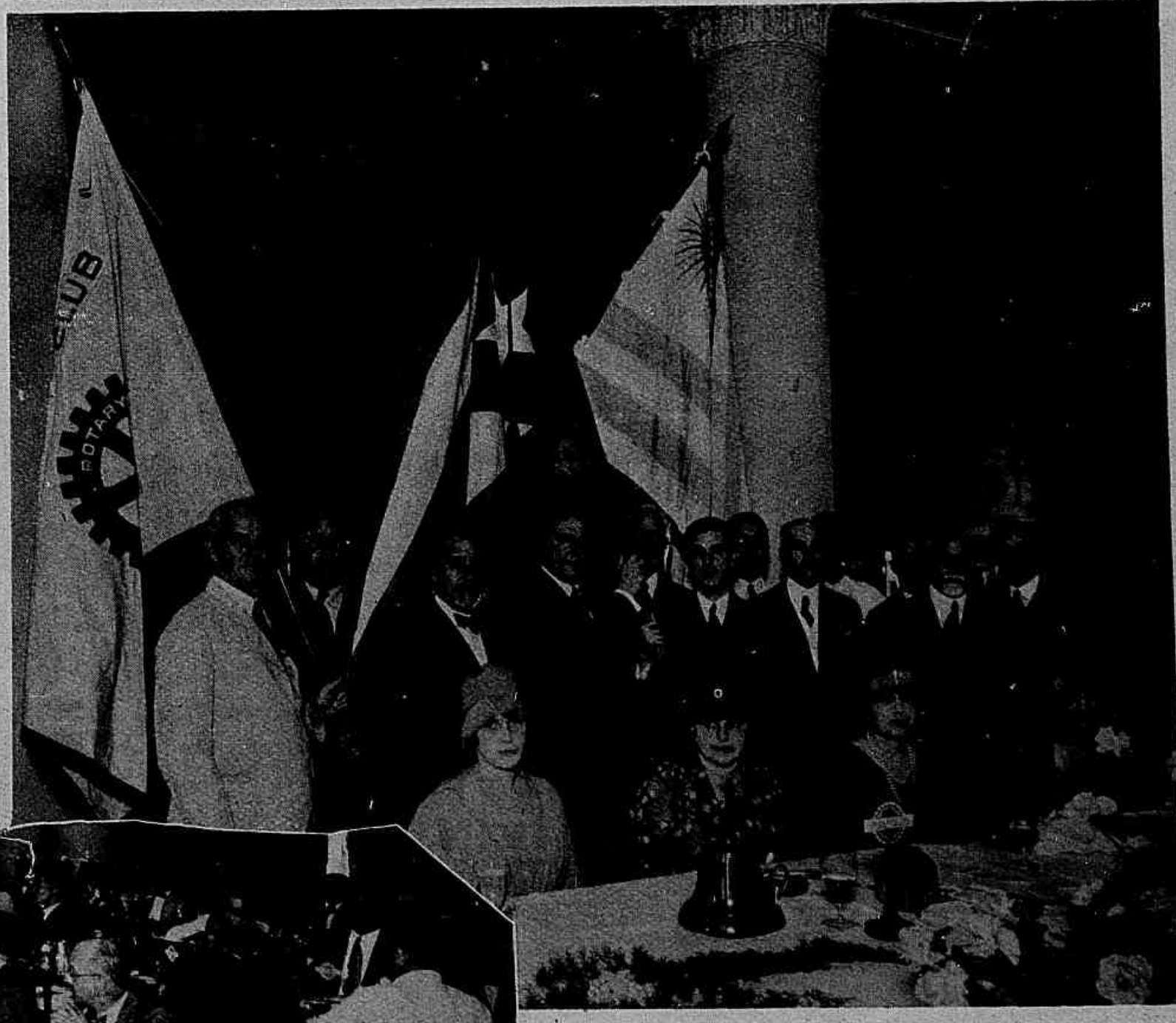
Esperemos melhor sorte na proxima loteria.

Os tres heróes do «Argos», o promotor e executores do sarau de gala realizado no Instituto Nacional de Musica em sua homenagem. De pé: o violinista Oscar Borgeth, o academico Gustavo Barroso, que fez o discurso inaugural, e Oscar da Silva, o brilhante pianista e compositor portuguez, promotor da noite de arte. Sentados: o mecanico Manoel Gouveia, a festejada *diseuse* Nair Werneck Dickens, o commandante Sarmento de Beires, a illustre cantora Carmen Borda, o observador Jorge de Castilho e uma senhorinha que pousou para o nosso photographo com os aviadores e as pessôas que tomaram parte no programma.

PELA AFFIRMAÇÃO DA NOSSA ENERGIA

Mauricio Monteiro, o jovem patricio cuja passagem pelo Rio em bicycletta, a caminho do Prata, noticiámos em agosto, acha-se de novo entre nós, tendo realisado o seu magnifico *raid-record* Recife--BuenosAires.

Percorrendo todo o litoral brasileiro de Pernambuco ao Rio Grande do Sul e atravessando o Uruguay e a Republica Argentina, para ir ás duas lindas capitaes do Prata, o joven brasileiro traçou, pensadamente, a trilha de uma estrada de rodagem com as rodas da sua bicycletta e, de regresso, festejado em toda parte, acarinha no seu cerebro de moço o sonho de ser aproveitado pelos poderes publicos — tão avessos, em via de regra, ás cousas praticas — o traçado que demonstrou.

Mauricio Monteiro levou ás grandes nações do Prata, com a hypotheca do nosso affecto, a affirmação da nossa energia e só ha louval-o pelo seu feito tão corajosamente emprehendido e tão felizmente levado a cabo.

Mauricio Monteiro

NO ROTARY-CLUB
Uma festa de cordialidade cubano-brasileira

Ao alto: a entrega da Bandeira de Cuba ao Rotary Club pelo rotariano de Havana dr. Cesar Salaya, eminente jurisconsulto cubano, delegado ao Congresso Internacional Americano reunido no Rio de Janeiro. Sentadas da esquerda para a direita: senhoras Miranda Jordão, ministra Barnet y Vinageras, Cesar Salaya e Rodrigo Octavio Filho. De pé, na mesma direcção: sr. Herbert A. Coates, presidente do Rotary do Uruguay e fundador dos Rotary-Clubs da America do Sul; Rodrigo Octavio Filho, Rodrigo Octavio, Miranda Jordão, presidente em exercicio do Rotary-Club; J. Esberard, dr. Cesar Salaya, Pedro M. Fraga, ministro de Cuba dr. Barnet y Vinageras, Roberto Shalders, V. Valdez Rodriguez, dr. A. Bustamante, eminente jurisconsulto cubano, delegado ao Congresso Internacional Americano reunido no Rio de Janeiro, e dr. Gomes Garriga, secretario da Legação de Cuba. Ao lado: um aspecto da mesa do almoço no momento em que falava o rotariano Rodrigo Octavio Filho.

Miss Portugal

Foi eleita a mulher que deve representar Portugal no Concurso Internacional de Belleza, a julgar-se em Galveston, na America do Norte. Chama-se Margarida Bastos Ferreira; nasceu em Lisboa; conta vinte annos de edade; e os seus retratos deixam realmente admirar um typo de graça bem definida, bem accentuada, bem portugueza emfim.

Miss Portugal, assim chrismada para os effeitos do concurso, possue evidentemente as qualidades preciosas e eloquentes que tal prova exige. A sua physionomia desenha-se em traços vigorosos, francos, decididos, que no emtanto formam um conjuncto de extrema suavidade. A energia desse rosto reveste-se da mais communicativa doçura. E' a mulher robusta e fina, corajosa e meiga, que encarna e á primeira vista revela a grandeza, a nobreza sentimental da sua patria. Nasceu em Lisboa como poderia ter nascido num recanto florido do Minho, ás margens ricas do Douro, nas livres, desafogadas campinas do Alemtejo, ou entre os olivaes e figueiraes do Algarve. A expressão do seu semblante foge á condição lisboeta, como se liberta da influencia particular de qualquer região, de qualquer divisão corographica. Se a olharmos com demora, querendo aproximal-a dos retratos consagrados da mulher portugueza, sentir-nos-hemos levados a reconhecer nos seus traços, no seu ar alguma coisa que com todos se relaciona e a todos reune, condensa e harmoniza. Nella distinguimos reminiscencias vivas da bondade, do heroismo, da alegria, da poesia, do amor de Portugal.

A sua tão esbelta quão insinuante pessoa dá-nos lembranças successivas e cada qual mais limpida da Brites de Aljubarrota, de Santa Joanna de Aveiro, de D. Filippa de Vilhena, da Guida, das *Pupillas do Sr. Reitor*, da Menina do Valle de Santarem, de Garrett, da amoravel, enlevadora donzella rustica que, sob uma latada da Flor da Rosa, aparece, com um menino ao collo, ao Jacintho de Eça de Queiroz... Nesta Margarida, homonyma da heroina lyrica de Julio Diniz, estão as fidalgas da Historia e as eleitas do Ceu, as guerrilheiras e as religiosas, as rendeiras artistas de Peniche, as cantadoras inspiradas de Coimbra, as poveiras, as serranas, as lavradoras, todas as mulheres portuguezas, numa só peregrina e adoravel mulher!

Miss Portugal, diz uma correspondencia, é morena, de cabellos e olhos profundamente negros e, comquanto de condição humilde, delicadissima de porte e de maneiras. Assim a sua imagem recebe os ultimos retoques e perfeitamente se completa. Comprehendemos-lhe ainda melhor agora a candura modesta da fronte, a pureza sorridente da bocca, a inclinação pensativa do pêrfil, o envolvimento de ternura e de sonho que lhe reflecte, lhe exterioriza a alma. A tez meridional, os cabellos negros, a singeleza dos modos, a nota de affectividade que domina toda a figura — com irreprehensivel propriedade se accommodam ao caracter e ao sentimento lusitanos. Miss Portugal é a synthese, apurada através dos seculos, dum povo inconfundivel. E' a joia suprema duma nacionalidade. E' a flor essencial duma raça.

VICENTINHO

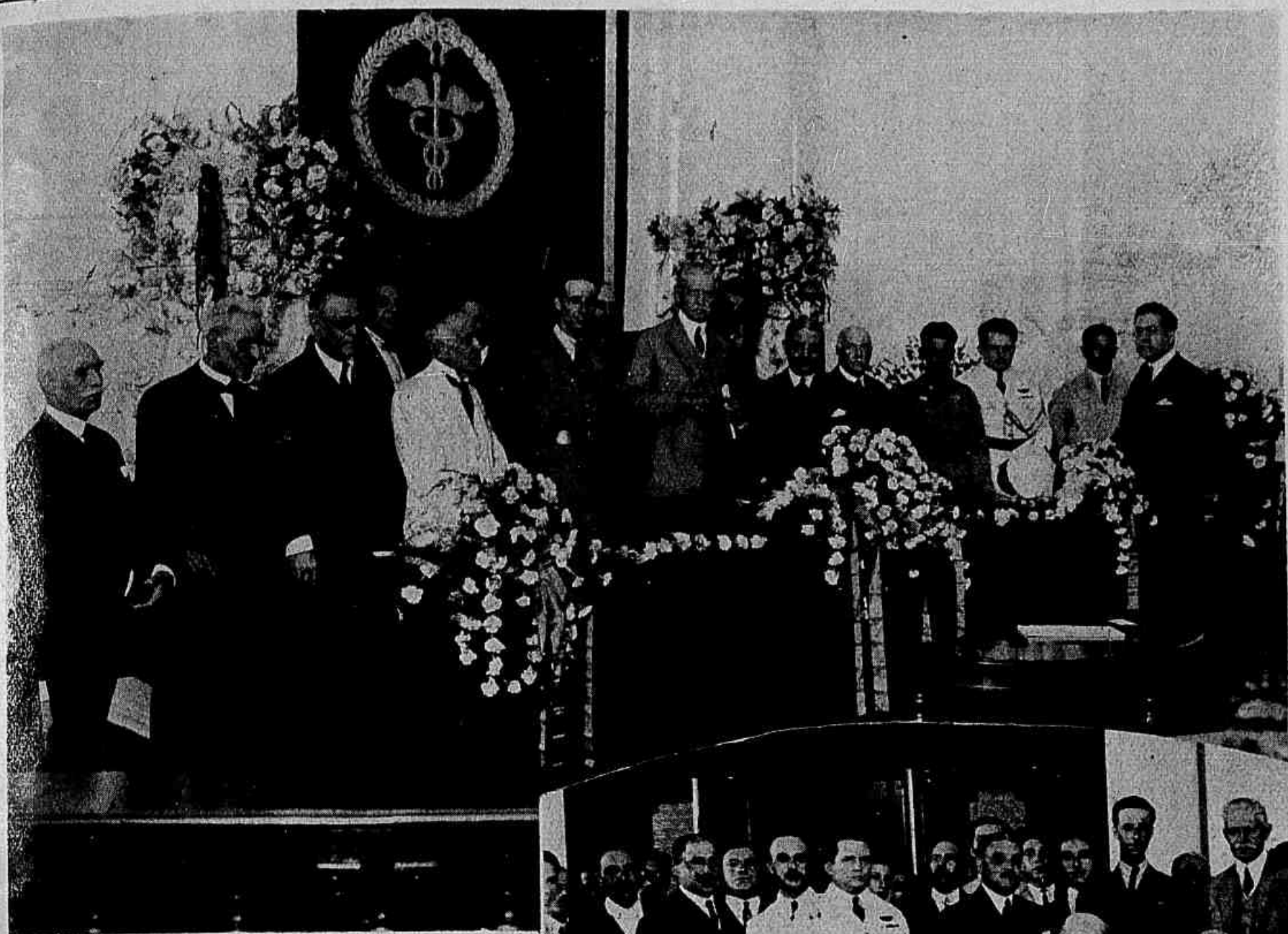
"Vicentinho" — esse livro maravilhoso em que a nossa brilhante collaboradora sra. Maria Eugenia Celso pôz em tão requintado destaque toda a sublimidade do amor materno — tendo já uma traducção hespanhola feita pelo coronel Rodrigues Zarate, ex-*attaché* militar da Legação do Perú no Rio, acaba de ser traduzido para o francez pelo illustre litterato Jean Durian, collaborador dos mais apreciados da *Revue de l'Amérique Latine*, e em breve será editado em Paris.

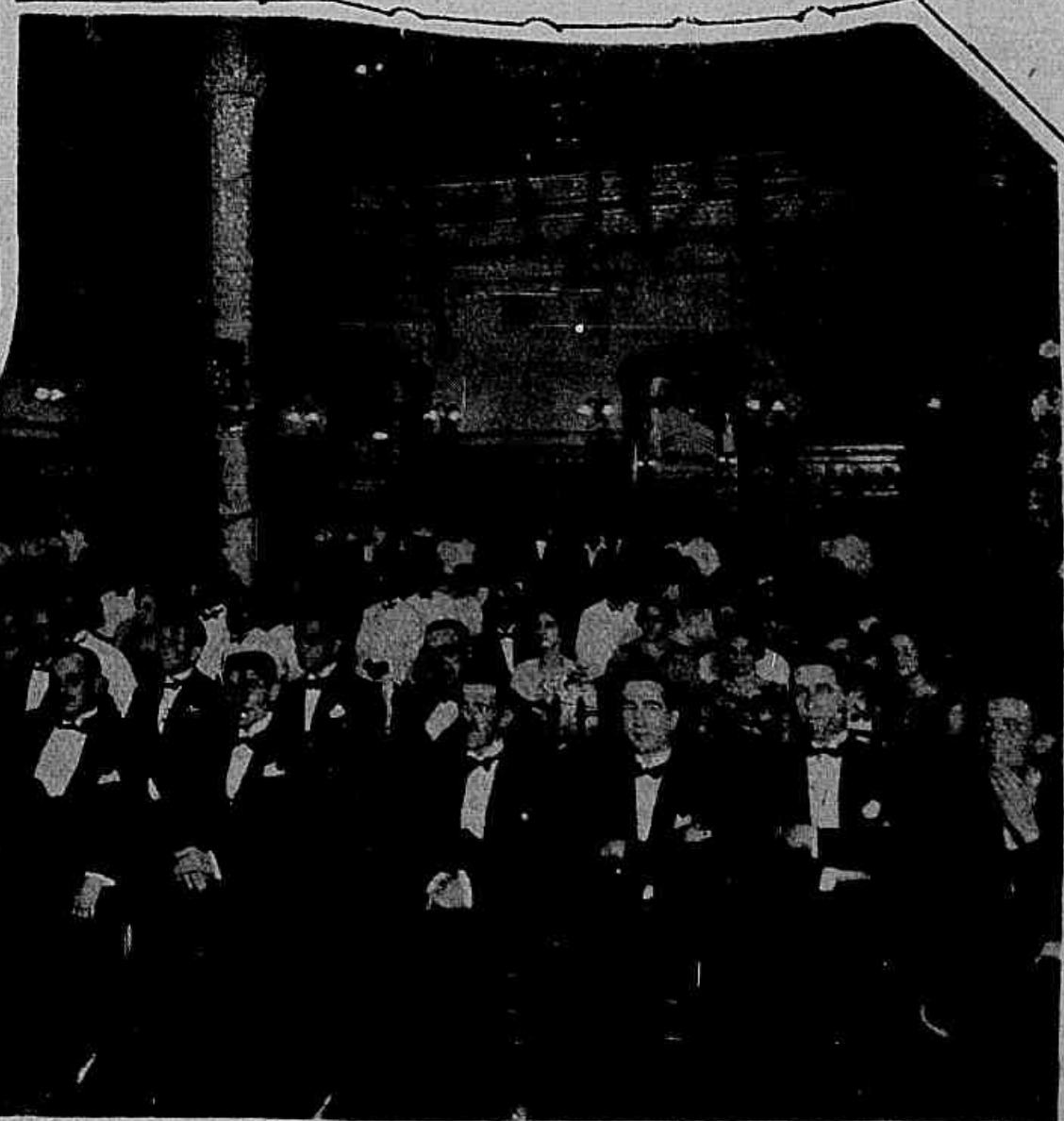
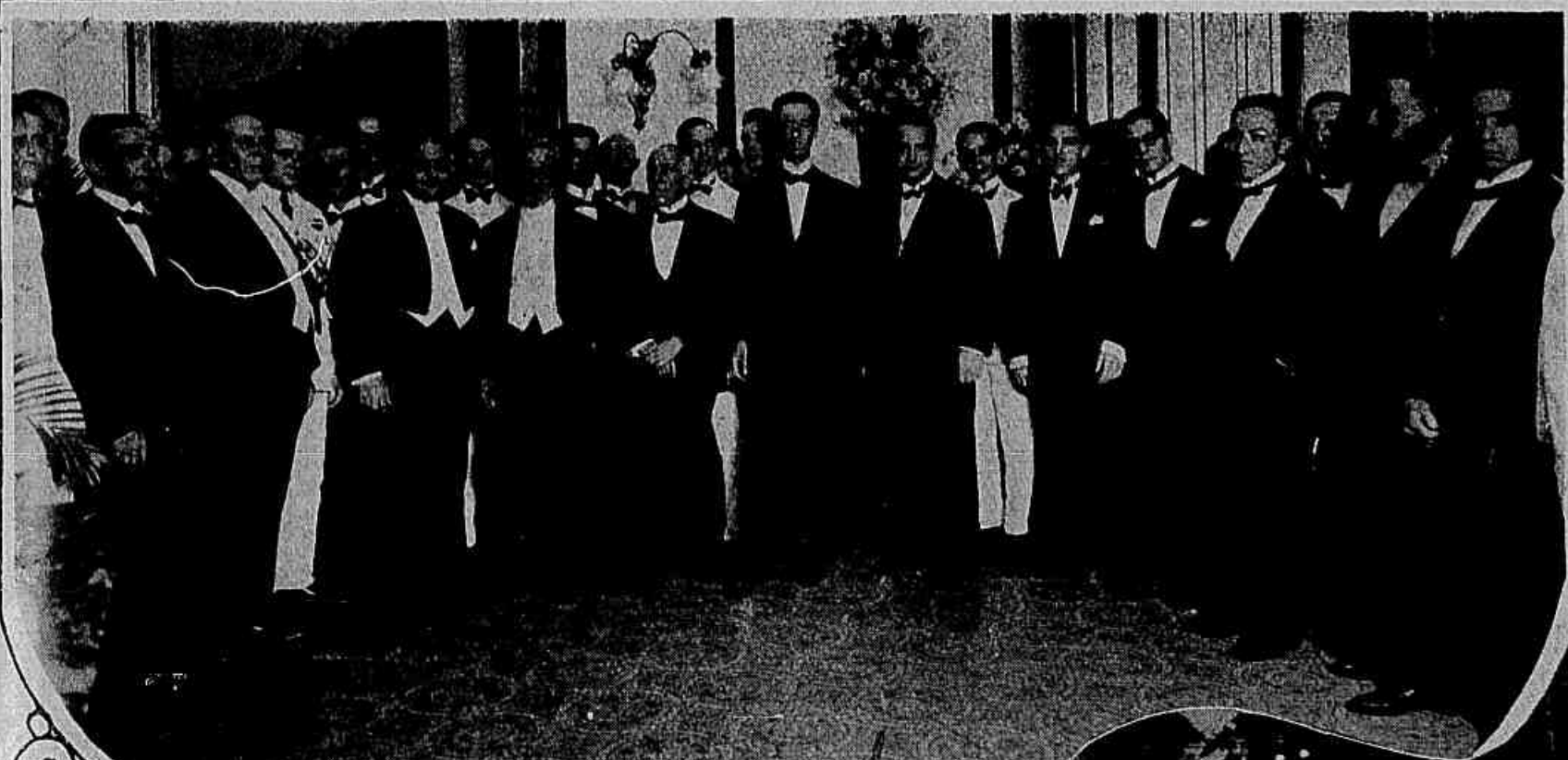
No seu volume de 1.° de Março ultimo, a *Revue de l'Amérique Latine*, assim remata a sua critica sobre o "Vicentinho":

"Document précieux à plus d'un titre je ne serais pas éloigné de croire que "Vicentinho" est un ouvrage absolument hors de pair... Ceux qui n'ont jamais eu d'enfant, qui n'ont jamais éprouvé l'angoisse de les voir souffrir ne pourront s'empêcher d'être profondément émus par cet ouvrage qui atteint parfois au sublime de la douleur".

São bem justas as apreciações que a França intellectual tece sobre o "Vicentinho". Desse livro soberbo da sra. Maria Eugenia Celso dissemos, ha tempos, o que deveriamos dizer; não nos cansamos, porém, de glorifical-o, por isso que é simplesmente maravilhoso. E agora rejubilamo-nos á noticia de que será divulgado num dos idiomas de mais trato no mundo, o que importa na certeza de que "Vicentinho" deporá em favor da nossa litteratura e exalçará a cultura feminina do Brasil.

A festa de São Jorge, na igreja sob a invocação do Santo Cavalleiro.

Os Nautas do Azul na Associação Commercial

Ao alto: o commandante de Beires na Associação Commercial, tendo á esquerda o sr. Othon Leonardos, presidente; consul Sampaio Garrido; dr. H. Romaguera; capitão J. Castilho, tenente Vidal e dr. Heitor Beltrão, secretario da Associação, e á direita o almirante Gago Coutinho, Mayrink Veiga, visconde de Moraes e Dias Garcia. Ao lado: um aspecto da recepção aos aviadores na Associação Commercial.

A recepção aos aviadores na Associação dos Empregados no Commercio

As gravuras representam tres aspectos da recepção aos aviadores na Associacão dos Empregados no Commercio. Vê-se, ao alto, Sarmento de Beires cercado pelos srs. Cunha Cabrera, presidente da Associação, almirante Gago Coutinho, visconde de Moraes, dr. Sampaio Garrido, consul de Portugal, e outros vultos de destaque; e, nas duas gravuras seguintes, aspectos do salão nobre, por occasião da recepção dada aos heroicos aviadores lusitanos.

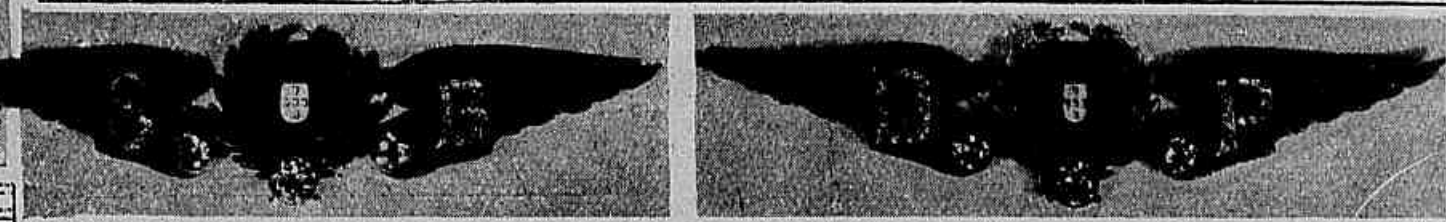
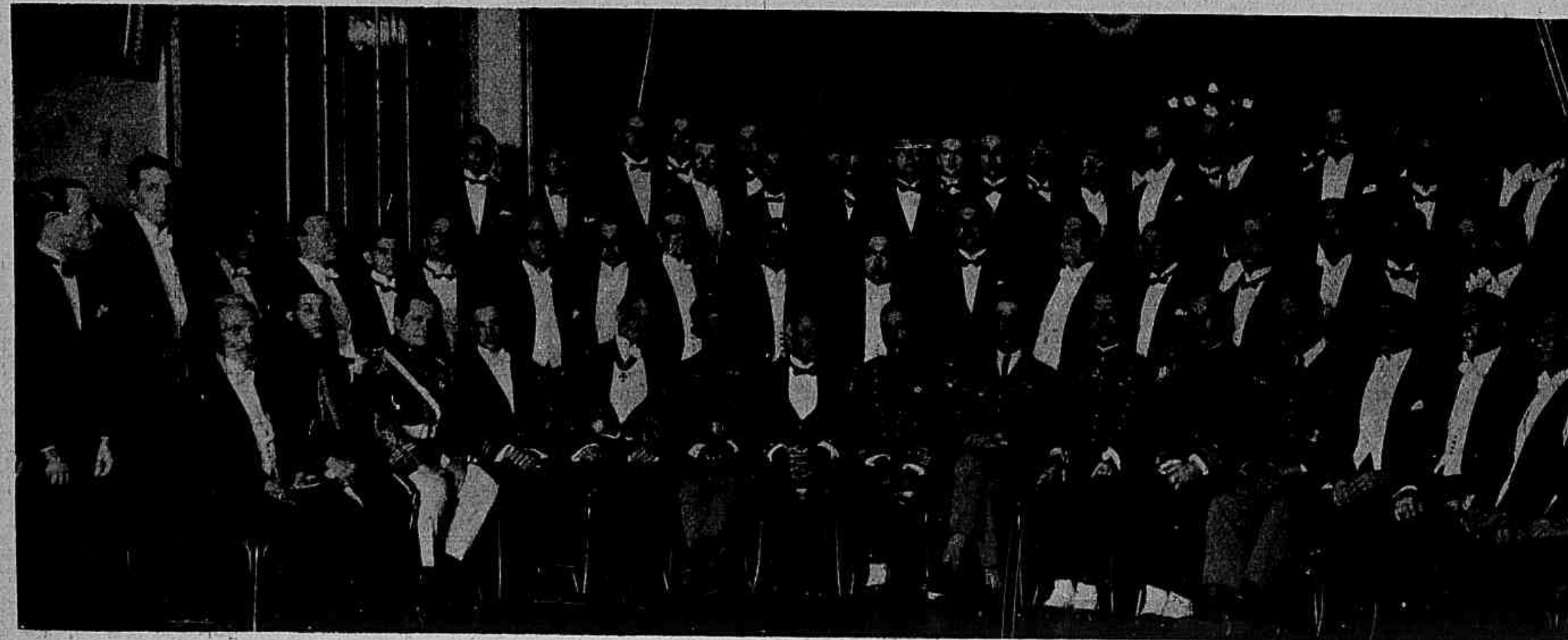
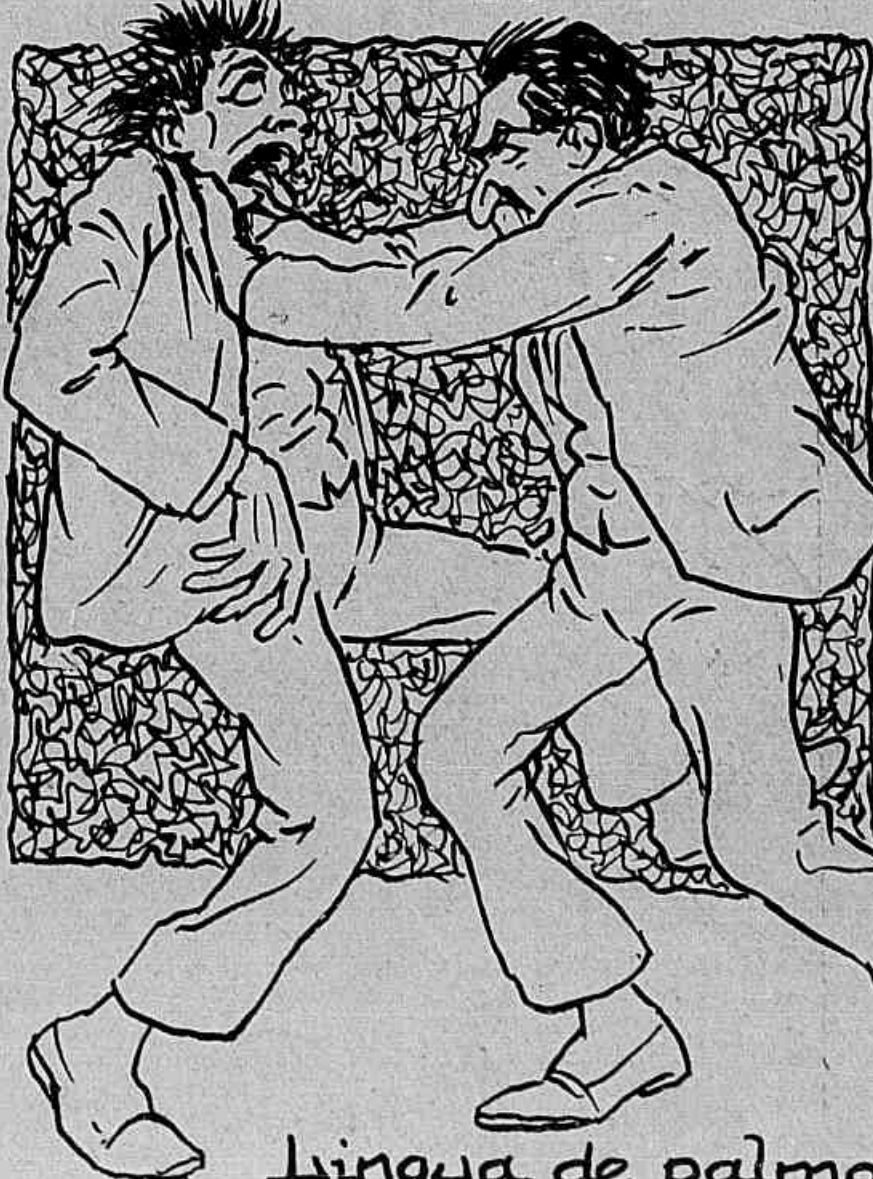
A Colonia Portugueza de São Paulo aos heróes do "Argos"

A' esquerda: a saudação da Colonia Portuguesa de S. Paulo aos heróes do *Argos*: Pergaminho primorosamente trabalhado pelo brilhante artista patricio prof. Theodoro Braga, e entregue no Rio de Janeiro aos Cavalleiros do Ar. A' direita, ao alto: os aviadores e os membros da Commissão representativa da Colonia Portuguesa, vindos especialmente para fazer a entrega do pergaminho e dos mimos destinados aos heróes do *Argos*. Sentados: srs. Antonino Sampaio, Manoel de Moraes Pontes, Sarmento de Beires, dr. José Augusto de Magalhães, consul de Portugal; Jorge de Castilho, Alberto Sousa e Manoel Gouveia. De pé: srs. João Jorge Miranda, tenente G. Vidal, J. J. Costa Cabral, Luiz Crespo, José Pereira Marques e dr. Coutinho.

Em baixo: os mimos offerecidos ao commandante Sarmento de Beires e ao major Duval e Portugal, o bravo piloto que regressou, pela força das circumstancias e num gesto dignissimo de desprendimento, de Bolama. A Castilho e a Gouveia foram offertados mimos absolutamente eguaes, e que são, como se conclue das gravuras, ricos e lindos na feitura.

A saudação finalisa com estas palavras:

»Cingindo o Globo ao esplendor do sol das Patrias, repletando de glorias a Terra Portuguesa, vá aonde fôr a asa aventurosa do Vosso altivo sonho construtivo, que Vos acompanhe, desde agora, a nossa afectiva recordação. E, envolvendo o brilhante companheiro que deixastes em Bolama, duas vezes admiravel pela abnegação e pelo heroismo, erguidos até Nun'Alvares, até ás cimeiras relumbrantes da nacionalidade, num esto evocativo de cometimentos jamais excedidos, que palpitem, doravante, nos distinctivos que vos offerecemos, sobre o vosso coração de bravos, os nossos corações de Irmãos e de crentes».

Assignaram a saudação os srs.: dr. José Augusto de Magalhães, consul; visconde de Nova Granada, pela R. e B. Sociedade Portugueza de Beneficencia; Manuel de Moraes Pontes, pela Sociedade Portugueza Beneficente Vasco da Gama; commendador Alberto da Silva e Souza pela Sociedade Protectora dos Portugueses Desvalidos; Oscar Rodrigues, pela Camara Portuguesa de Commercio; Antonino Sampaio, pelo Club Português: Manuel de Vasconcellos, pelo Portugal Club; Carlos de Castro, pela Associação Portuguesa de Esportes; Antonio da Silva Parada, pela Liga Propulsora da Instrução em Portugal, e dr. Ricardo Severo.

O GRANDE BANQUETE DA COLONIA PORTUGUEZA AOS HERÓES DO "ARGOS"

Aspectos do grande banquete da colonia portuguesa aos heróes do «Argos»: a primeira gravura mostra Sarmento de Beires lendo o seu discurso de agradecimento, tendo á sua direita o general Sezefredo Passos, ministro da Guerra, e capitão Jorge Castilho e á sua esquerda o dr. Pedroso Rodrigues, conselheiro da Embaixada de Portugal e o visconde de Moraes; a segunda gravura dá o aspecto geral do salão quando se realizava o banquete; a ultima encerra um grupo de convidados após o agape, vendo-se sentados ao centro os aviadores em companhia dos generaes Sezefredo Passos, ministro da Guerra, Azeredo Coutinho, commandante da 1a. Região Militar, Estanislau Pamplona, chefe do Departamento da Guerra, almirante Gago Coutinho e outras pessôas gradas.

Como se fazia um deputado

por Hermeto Lima

COMEÇARAM a chegar á capital os novos congressistas que vão servir na legislatura a iniciar-se.

Interessante é recordar como no regimen do Imperio se fazia um deputado, assumpto que naquelle tempo serviu de motivo a muitos chronistas dos jornaes da época e foi aproveitado no theatro, pela penna admiravel do saudoso comediographo França Junior.

Para desejar ser deputado, naquelle tempo, era preciso ao candidato que o seu nome fosse lembrado pelo chefe do partido respectivo, liberal ou conservador, ao qual se filiara. Mezes antes de se proceder á eleição, annunciava elle que ia effectuar uma reunião politica em sua residencia, terminando por pedir aos seus amigos que a ella não faltassem. Nessa reunião, que era sempre regada a cerveja, solicitava de seus amigos o prestigio politico e dizia que desejava ser eleito para trabalhar pelo seu districto, abrindo escolas, aformoseando ruas, dando estes e aquelles melhoramentos, de que os outros haviam descuidado. Feita essa reunião, que era o ponto de partida da eleição do deputado, effectuava-se uma outra em casa do chefe do partido, que apresentava a chapa dos seus candidatos e solicitava o apoio do eleitorado. Como é de vêr, se esse candidato era apresentado pelo partido dominante, podia desde logo considerar-se eleito, como considerar-se derrotado se o partido não estivesse no poder.

Mostremos, porém, como naquelle tempo se fazia um eleitor, antes de chegarmos ao termo de como se fazia um deputado.

O inspector do quarteirão, creatura sempre dependente das influencias da parochia, apresentava ao Juiz de Paz as listas das pessôas que no seu quarteirão tinham renda superior a 200 mil réis por mez, condição unica exigida para ser eleitor. Acontecia, porém, que ás vezes o numero dessas pessoas não atingia á cifra desejada. Que fazia, então, o inspector de quarteirão para resolver o problema?

Augmentava essa lista com o nome de pessôas que moravam em outras parochias ou então completava o numero que elle queria com diversos nomes suppostos.

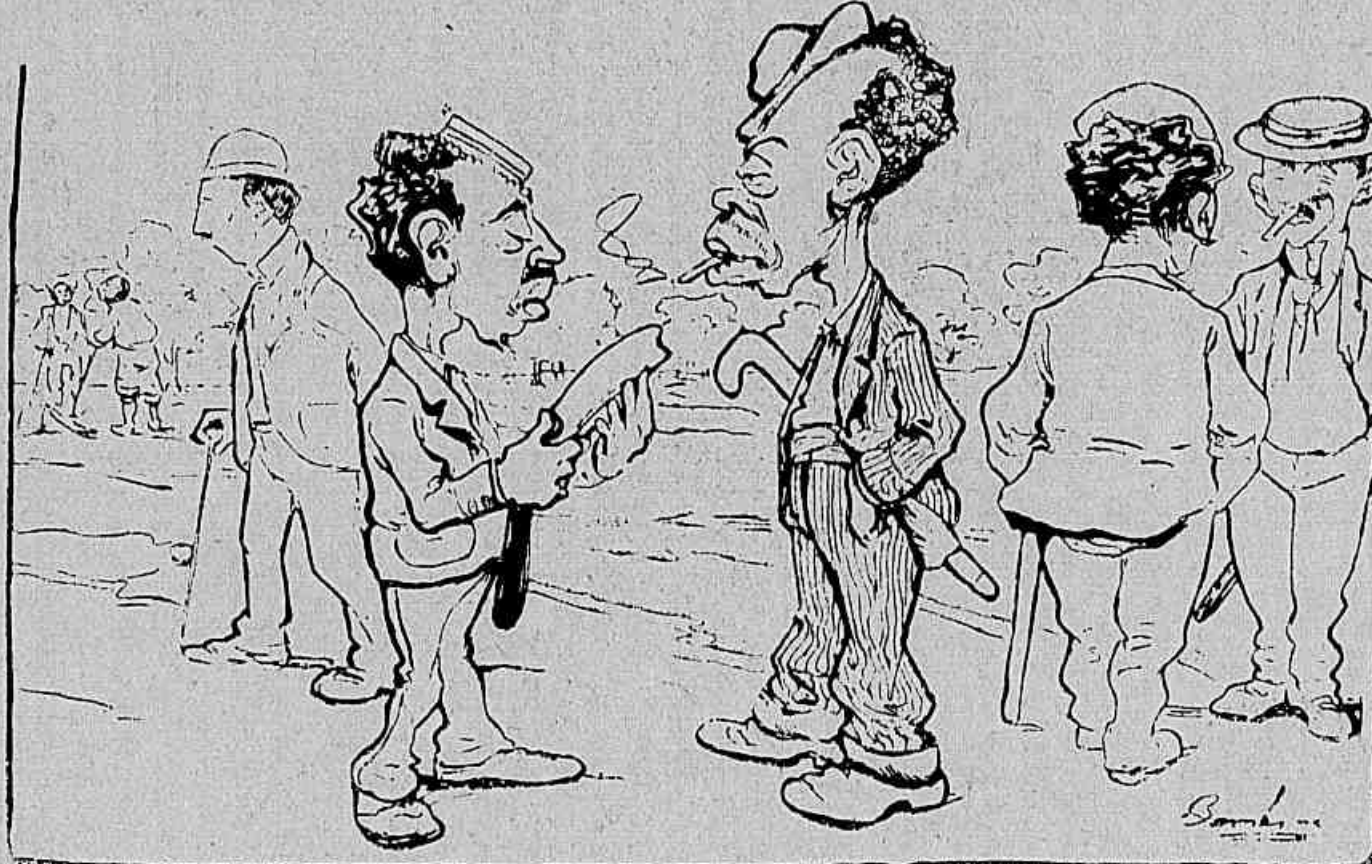
Chegado o dia da eleição, a que se procedia sempre nas Igrejas, com o intuito talvez de fazer com que ali o eleitor respeitasse a verdade, o Juiz de Paz, pela lista de que já tratámos, ia chamando os eleitores, que se apresentavam á mesa e ahi depunham a sua cedula na urna. Acontecia, entretanto, que na lista havia nomes de individuos que já haviam fallecido; mas, para que esses votos não fossem perdidos, appareciam individuos a votar por elles...

A esses eleitores dava o povo o nome de "phosphoros".

A's vezes, o "phosphoro", porque era pago para isso, votava em varias parochias.

Pilhado em fraude, dizia um eleitor que tinha interesse em que o voto do "phosphoro" não apparecesse:

— Este homem já votou em tal parochia.

SUETO

— Não gosto de estar parado; cá para mim devia haver eleição uma vez por semana.

— Não votei, não senhor! E' mentira!

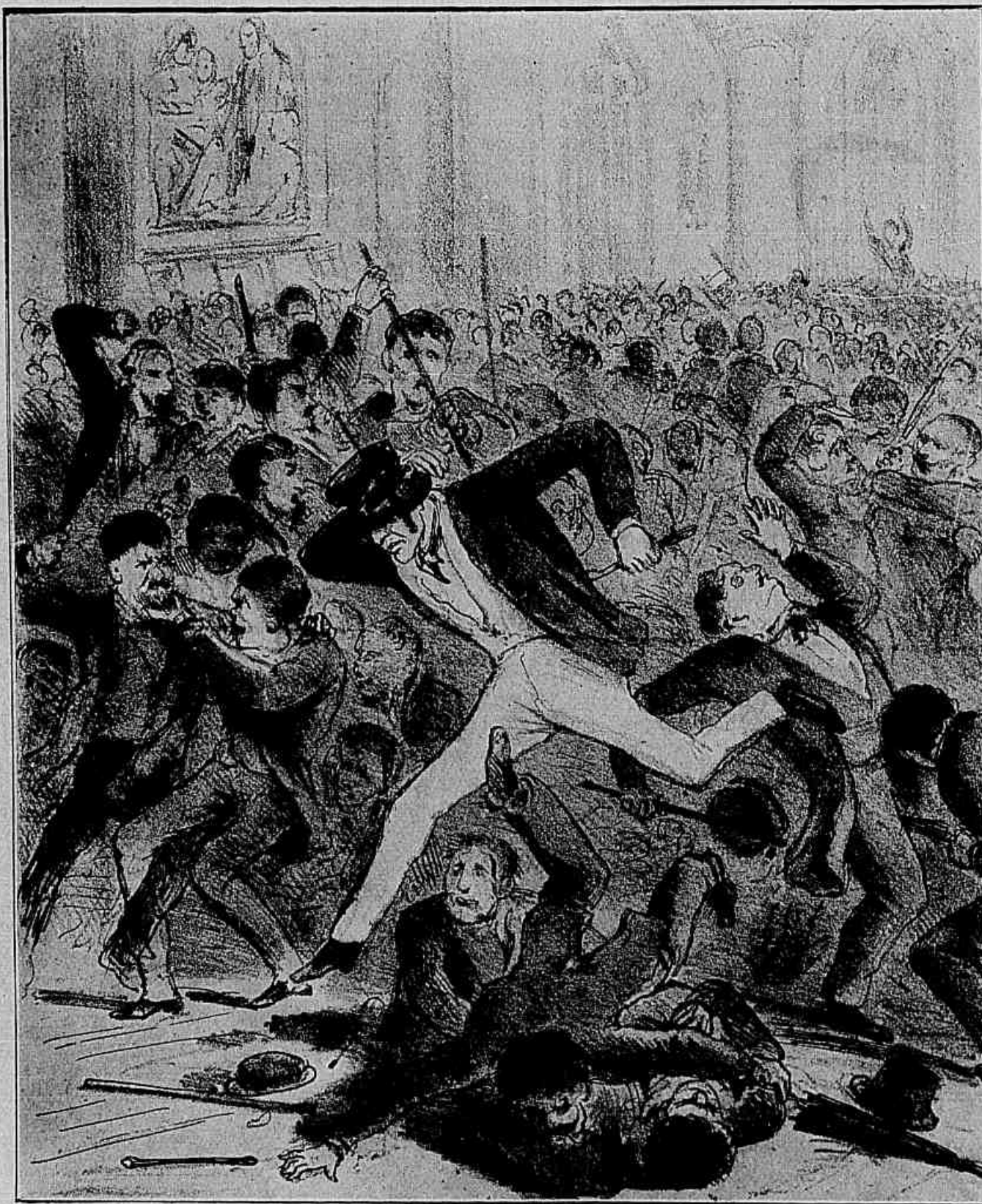
— Votou; appello para o sr. F. que ali está, e que tambem o viu votar.

— O sr. F. não viu; é uma infamia!

E dahi a instantes rompia o rôlo, terrivel, sangrento.

Esses "phosphoros", causa sempre dos conflictos eleitoraes, eram ordinàriamente os desordeiros e os capoeiras conhecidos na cidade.

Como cada chefe politico tinha o seu cabo eleitoral, conhecia este todos esses desordeiros e nas vesperas de eleição ia com elles combinar a acção num botequim do antigo largo da Prainha.

A's vezes, capoeiras dum e doutro partido batiam-se e formavam um conflicto terrivel. Numa eleição realizada na igreja do Largo do Machado, houve uma batalha entre elles, resultando uma morte.

(Charge da "Semana Illustrada", da época).

Por muitos dias esteve a Igreja fechada por ordem do Bispo, d. Lacerda, até que a abriram depois de se ter ali realizado uma procissão de desaggravo.

Tratando dessas eleições, dizia um chronista da "Semana Illustrada", o bello semanario de Henrique Fleiuss:

"E' pena que não haja nesta cidade uma pinacotheca especial para desenhar os quadros que se dão nas mesas eleitoraes, afim de que os vindouros podessem avaliar as scenas que ali se dão, e a copia fiel do capanga, typo sem modelo nos acontecimentos mais notaveis da historia das turbulencias de todos os tempos; bem como a do "phosphoro", outro typo especial e não menos do candidato, que não obstante considerar-se objecto menos repugnante, e por consequencia mais culto, é, entretanto, solidario temporario com esses dois elementos dissolventes da tranquillidade publica e da segurança individual".

Terminada a farça da eleição, procedia-se á contagem das cedulas, lavrava-se uma acta que se affixava na porta da Igreja e... o candidato estava eleito.

Passava então o cabo eleitoral, principal actor de toda aquella comedia, a ser um "grand seigneur". A sua influencia ia ao ponto de livrar da cadeia desordeiros como elle ou de mandar para ella quem lhe cahisse no desagrado. Muitos chefes de policia viram-se forçados a pedir demissão para não serem obrigados, pela contingencia, a satisfazer os caprichos de um desses meliantes. Mas que fazer? O ministro, de quem o Chefe de Policia dependia, devia a sua cadeira de deputado a esse cabo eleitoral desordeiro, cujos interesses não devia contrariar, porque amanhã lá estaria a precisar dos seus auxilios em outra eleição.

"Causa arrepios de indignação, a quem não estiver enfronhado nos meandros da politicagem, vêr um homem de reputado saber, magistrado illustre, hombrear-se com um sacripanta dessa ordem" dizia um jornal do tempo.

Era assim que no regimen do Imperio se fazia um deputado, que não cessava de dizer que "tinha sido eleito pela vontade popular".

Hoje, a maneira de se fazer um eleitor e um deputado é inteiramente diversa. No Rio de Janeiro, não é com facilidade que um eleitor póde votar pelo outro. Existem a carteira de identidade, o titulo eleitoral e outros documentos que elle tem que apresentar ao Juiz que preside ao acto.

Mas ahi por esse interior a dentro, onde não se conhece a carteira de identidade?

O processo é mais simples. E' só fazer a acta, appondo-se-lhe o numero de votos de que se precisa. E viva o poder legislativo!

Hermeto Lima

A MODA

A mulher, que era tão censurada quando usava os vestidos anti-hygienicos arrastando no chão, é hoje por usal-os curtos de mais. E' tão difficil guardar a justa medida! E depois as roupas de banho de mar usadas, como o são, diariamente pelas moças! Porque já vae longe o tempo em que se tomava esses banhos sómente por conselho medico e com tempo determinado. Essas roupas teem influido muito para que as moças mostrem cada vez mais e com mais desembaraço as pernas. Pensando bem, seria mesmo uma falta de logica que exigissemos da mesma pessoa que em certas horas tivesse recato, escondendo as pernas, emquanto em outras exhibissem não só as pernas como as coxas, e estas completamente nuas. Por tal razão tudo que se tem dito a respeito dos vestidos terem tendencia a se encomprídar é absurdo: talvez com o tempo, porque tudo cansa, sobretudo em questão de moda, voltaremos ainda a ver os vestidos compridos. Mas, como é moda que elles sejam curtos, usemos curtos, mas sem exagero, e é nisto que se mostra a que é verdadeiramente chic; ella tira da moda o que esta tem de bonito e o que lhe diz bem. Por exemplo, se não é fina, não usará esses grandes jabots ou gravatas *écharpes* tanto em moda actualmente, nem nada que lhe possa prejudicar a silhueta.

Agora vejamos o que ha a respeito de vestidos.

Para a hora elegante do chá e do jantar, temos um adoravel vestido de crêpe setim preto alegrado com viezes de gaze côr de rosa. Depois temos o vestido de renda sobre mousseline de seda e o todo num azul indeciso, entre o azul fumée e o azul da hortensia. Um verdadeiro vestido de mocinha, e no emtanto podendo ser usado por uma que já não esteja na primeira mocidade, é uma toilette discreta, que agradará á mais exigente.

Outro modelo que tambem agradará é um vestido que tanto pode ser executado em crêpe de Chine como em tafetá. A saia do vestido é formada por tiras alternadas côr de rosa e pretas; essa mesma disposição é empregada na parte inferior da manga; o corpo é todo feito de tecido preto, tendo apenas para alegral-o um pequeno triangulo côr de rosa, como colletinho.

De um feitio muito mais atrevido é o seguinte modelo, tambem destinado para os bailes: é elle crêpe Georgette *vert jade*, a saia cortada em bicos e é todo guarnecido com galões de prata bordados de contas de crystal côr de esmeralda e brancas. Um grande bouquet verde e grenat guarnece o hombro. E' este um vestido que dirá muito bem numa mulher alta e fina. Para a manhã e para a tarde, não faltam tambem novos modelos. Temos em primeiro logar um delicioso vestidinho em crepalga

ULTIMOS MODELOS

1 — Vestido em crepalga azul marinha, guarnecido com festões de lã branca.

2 — Vestido em crêpe de Chine azul claro, enfeitado com preguinhas e galões azul marinha.

3 — Chemisier em crêpe setim rosa claro, camiseta, golla, punhos e cinto em mousseline de seda lavande.

4 — Vestido em crêpe de Chine gris argent; um recorte na parte da frente da saia mostra uma segunda saia em mousseline de seda muito franzida.

5 — Vestido em crêpe vermelho, guarnecido com listas feitas com crochet verde vivo e preto.

6 — Blusa em crêpe de Chiue mauve alças feitas com crochet formam um *festonné* em seda roxa.

azul marinha *festonné* com lã branca; um interessante vestido de kasha azul claro guarnecido com preguinhas e com galões azul marinha. Não devem deixar de notar que a moda do jumper persiste, apezar de tudo que disseram. Notem tambem que o cinto é agora obrigatorio, dando ao vestido um aspecto completamente diverso. Não mais jumper sem cinto... e a cintura sobe...

O vestido chemisier continua ainda na moda; mas tem uma maneira tão liberal de ser "chemisier"! Por exemplo, um chemisier em crepe de setim côr de rosa com plissados incrustados do mesmo tecido e camiseta em mousseline de seda azul lavande. Emfim temos um vestido de crepe de Chine prateado, de formato muito simples, apenas um grande cravo arroxeado o guarnece. Como vêem não são modelos que faltam, e não citamos os vestidos simples, feitos de diversos tecidos, nos tons vieux rose, saffran, mauve, violine, que se completam com o manteau de kasha, a dizer, de feitio muito simples; golla virada, mangas compridas, cinto de camurça, pregas duplas; nem os vestidos de viagem e de sport do mesmo genero dos *manteaux* de tons differentes: *beige*, sable, resedá, havana, amendoa, amande e mousse; e o jumper de crêpe de Chine, tão proprio para o sport e para as viagens, e que tanto pode ser usado com o manteau de duvetine quanto com o de setim.

Existem tantos modelos e todos são tão bonitos! E as mulheres hoje teem tanto gosto, tanta engenhosidade e uma ideia tão exacta do que é chic!

1 — Vestido em crepella beige, bordado com vermelho e preto. Golla em seda branca e gravata em setim preto. 2 — Vestido em kasha verde resedá, guarnecido com viezes de setim preto. 3 — Vestido em velludo azul saphira e crêpe Georgette do mesmo tom. 4 — Vestido em tecido de lã, xadrez preto e vermelho sobre fundo branco. Golla e cinto em seda branca.

Conselhos sociaes

O MARAVILHOSO

Primeiro devemos explicar o que queremos dizer com o maravilhoso. E' tudo o que sáe fóra do commum das cousas e que se considera como um effeito da intervenção, seja de entes sobrenaturaes, seja de certas forças naturaes ainda inexplicadas. Por ahi se vê que o campo do maravilhoso é immenso, pois não tem outros limites que os da imaginação.

Porque o maravilhoso não deixou de fascinar a humanidade através dos seculos? E' porque, sempre e em toda parte, os homens, rodeados de mysterios e desejosos de saber, procuram levantar e véu que dissimula ao seu espirito o que se passa nas regiões do além.

Se as sciencias occultas tiveram sempre seus adeptos em todos os povos, hoje os teem em muito maior numero. Ellas possuem revistas, livros, jornaes. Teem seus centros de actividade, seus Congressos.

Escriptores de valor dedicam-se ao seu estudo e os seus livros são vendidos aos milhares, graças ao grande reclamo que promette aos proselytos mil maravilhas.

Coisa curiosa! Não são sómente as pessoas que não teem crenças religiosas, mas christãos praticantes, que se deixam seduzir pela miragem de suas promessas.

Os homens serão sempre

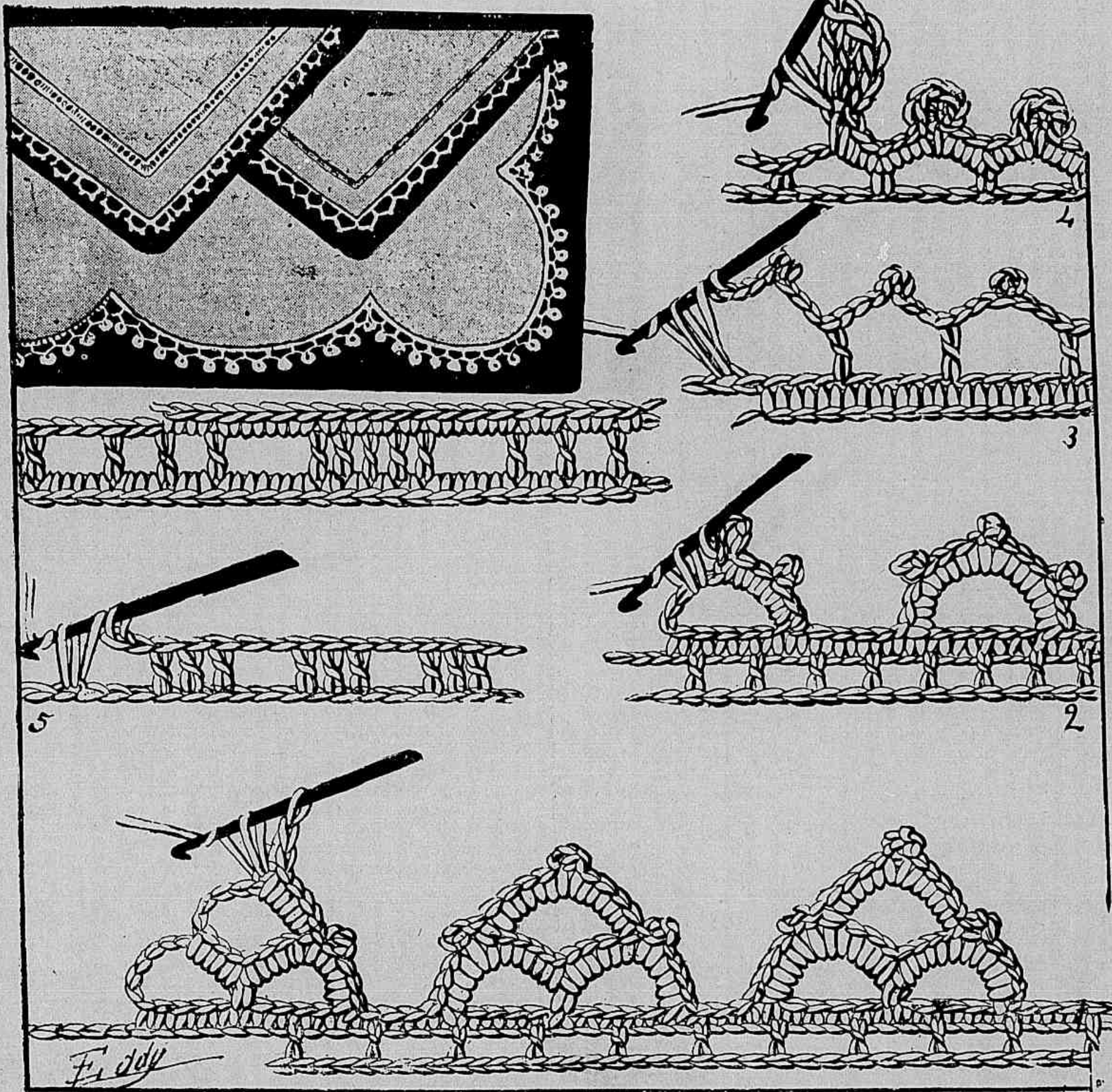
os mesmos em todos os tempos. O sobrenatural, o mysterioso agirá sempre nelles, quer seja o selvagem do centro da Africa ou o ultra-civilizado que viaja em areoplano, usa a telegraphia sem fio e distráe-se com a radiotelephonia. Estes como aquelles se preoccupam com os temiveis problemas do alem, comprazendo-se na obsessão do maravilhoso sob suas formas as mais diversas, felizes ainda quando não se deixam dominar completamente por elles.

Muitos são os que têem um verdadeiro enthusiasmo por tudo que diz respeito a sciencias occultas. Que se trate de mysterios sobrenaturaes ou de segredos naturaes ainda não descobertos, o maravilhoso continua a attrahir os humanos do seculo XX, como o fazia nas eras mais remotas.

Mas o que tem levado um maior numero de pessoas a se interessarem particularmente por essas sciencias occultas é a esperança de encontrar allivio para a grande dôr na perda de entes queridos.

Todos aquelles mortos amados, dos quaes estão separados, onde estarão elles? O que fazem? Sem duvida, a religião promette-lhes que os tornarão a ver, mas quando? Não haveria um meio de os rever mais cedo que na morte? O espiritismo e a theosophia não conseguem isto?

E experimenta-se o espiritismo e a theosophia, e entregam-se com um tal ardor que infelizmente para aquelles que não teem a cabeça muito forte o final é a casa de saude, e ainda teem sorte os que della sáem curados. Quantos pobres desgraçados não estão mettidos na camisa de força para o resto da vida por causa do espiritismo e de todas essas sciencias occultas?

Pontas e entremeios muito simples, feitos com crochet

Estes modelos que damos, tão faceis que poderão ser executados por uma creança, servem no emtanto para guarnecer de maneira interessante guardanapinhos para o chá, pannos para aparadores, assim como terminam bem as cortinas de filó. Podem elles tambem ser aproveitados para guarnecer roupinhas de creança assim como os vestidos simples de linho ou de crépon. Cada dia as rendas de crochet estão mais em moda.

PENSAMENTO

As mentiras dos galanteadores, assim como as ficções nos theatros tem ás vezes muito mais attractivo que a verdade.

DESMAHIS

NOSSA ALIMENTAÇÃO

COMIDAS EXCENTRICAS DE DIVERSOS POVOS

Examinemos um pouco os diversos elementos nutritivos empregados por povos mais ou menos civilizados, mas que no emtanto praticam o uso das refeições.

Os arabes do Tell comem com prazer a carne de leão e de hyena. Mas da hyena não aproveitam nada da cabeça e sobretudo os miolos, dos quaes têm um verdadeiro pavor. Elles têm a convicção de que os miolos da hyena os tornariam loucos, não sómente se elles os comessem, mas simplesmente tendo contacto com elles.

Mas mesmo, não fallando dos miolos, a carne da hyena é francamente ruim; e a do leão não é muito melhor, é muito dura.

Os Touareg — outros arabes — apreciam muito os gafanhotos, que elles fregem ou põem para cozinhar junto com o cuscús, o que constitue para elles um petisco.

Os Abyssinios, assim como os Touareg, têm tambem predilecção pelos gafanhotos e apreciam o lagarto, assim como a carne do hippopotamo e do rhinoceronte.

Os Sarotsés — da Africa — garantem que a carne do aligator é uma deliciosa iguaria.

Não podemos garantir que aos nossos paladares fizesse este mesmo effeito.

Os pretos da costa occidental da Africa apreciam

As senhorinhas que compoem este grupo tomaram parte na *Hora de Arte* realisada em Aguas Virtuosas de Lambary, Minas, em beneficio do grupo escolar da cidade. A senhora que se vê na photographia é a directora do grupo escolar. As duas senhorinhas das extremidades são veranistas que lá se encontravam na occasião e auxiliaram as demais. A da esquerda é filha do major Manoel Augusto Nobre, de Belém do Pará, e a da direita é filha do dr. Rego, do Rio.

extraordinariamente o macaco assado.

Em Zanzibar, e não só lá, a carne de cachorro é muito apreciada, e em Madagascar o feto da vacca é o prato especialissimo. Com tristeza temos de accrescentar que não é só lá: aqui no nosso Brasil nos estados do sul é este tambem um prato apreciadissimo.

Conhece-se o gosto dos Chinezes pelos ninhos de andorinha e barbatanas de tubarão; além disso apreciam elles tambem muito os ratos, que elles salgam para se conservarem e com elles fazem sopas, que teem fama de ser deliciosas.

Os japonezes comem muita carne de baleia e não sómente a carne como as visceras e até a pelle. Mas com certeza terá de soffrer um preparo para poder ser comida.

Na Birmania, o gafanhoto tambem é apreciado, assim como serpentes e saurios.

MENU

SOPA DE LEGUMES

CAMARÕES Á AMERICANA

COELHO COM BETERRABAS

FILETE ASSADO

BATATAS SOUFFLÉES

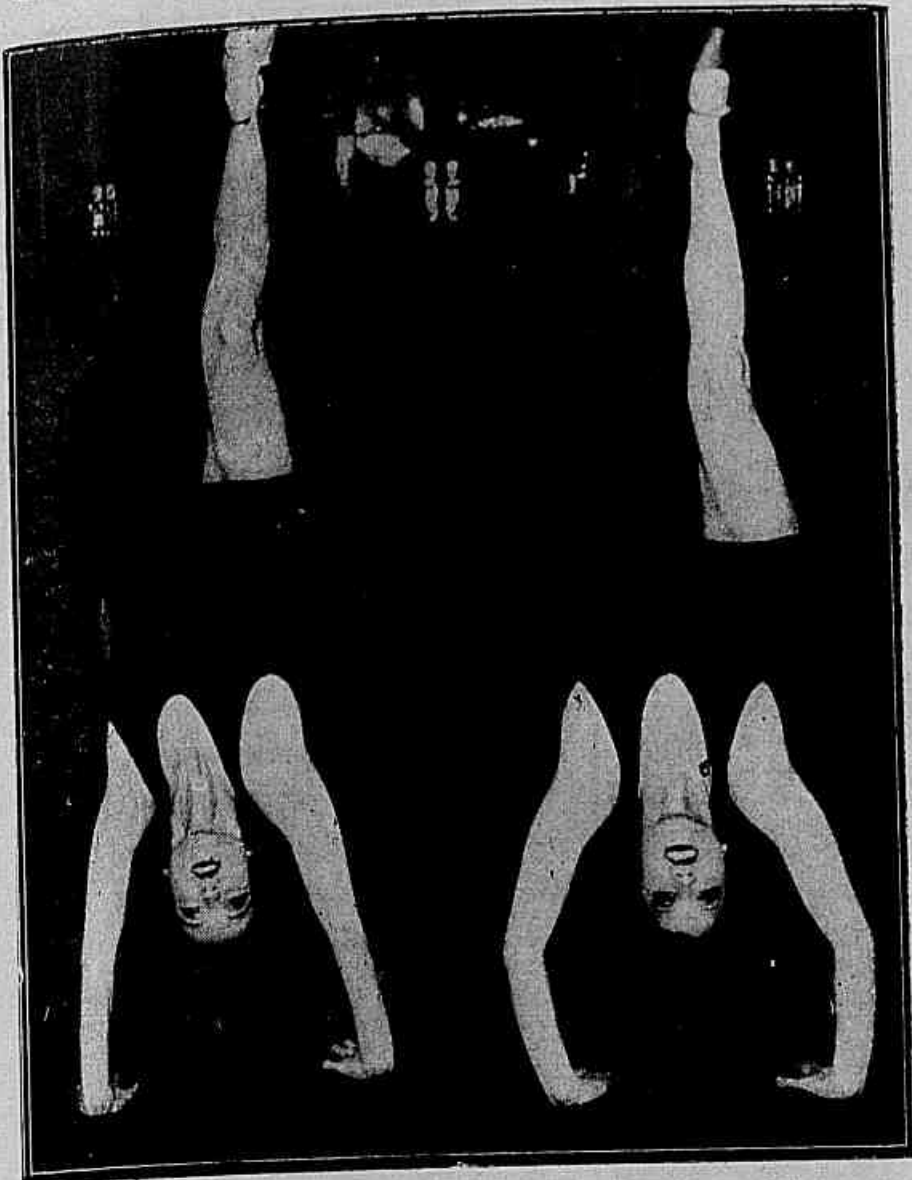
BOLO MOUSSELINE

CRÊME RUSSO

SOPA DE LEGUMES

Põe-se para cozinhar um punhado de feijões brancos, que já devem ter estado de môlho durante algumas horas. Põe-se na panella esses feijões, dois alhos *poireaux*, dois nabos, tres cenouras, um pedaço de repolho bem picado, uma cebola cortada em pedacinhos e um pedaço de toucinho, a agua sufficiente, dois litros ou mais um pouco. Deixa-se cozinhar em fogo lento; quando tudo estiver bem cozido, passa-se por uma peneira, junta-se uma colher de manteiga; se ficar espesso de mais junta-se um pouco mais de agua. Serve-se juntamente com torradinhas fritas na manteiga e peneiradas com queijo gruyere ralado; põe-se um instante as torradas no forno antes de servir, para que o queijo derreta. Esta sopa fica tambem muito gostosa quando a agua é substituida por caldo de carne ou de gallinha. Neste caso não é necessario pôr o pedaço de toucinho.

CAMARÕES A' AMERICANA

Põe-se n'uma panella

Duas *girls* d'um Café Concert de Paris fazendo exercicios no *foyer* do theatro.

metade azeite e metade manteiga. Pica-se muito bem cebolas e cebolinhas, e deixa-se tomar côr. Depois dos camarões bem limpos, põe-se para refogar dentro desta panella. Em seguida despeja-se por cima um calice grande de rhum. Põe-se fogo, deixando-se queimar bem o alcool. Junta-se depois tomates ou massa de tomates, um pouco de farinha de trigo; mexe-se um pouco, depois cobre-se com vinho branco e deixa-se cozinhar uma meia hora.

Depois de estar fóra do fogo tempera-se com uma pitada de pimenta e sumo de limão.

COELHO COM BETERRABAS

Depois do coelho bem limpo, é partido em pedaços e posto no tempero durante umas doze horas. Este tempero é feito com um calice grande de azeite, sal, pimenta, cebolas cortadas em rodellas e um pouco de vinagre ou de vinho. Põe-se para cozinhar o coelho, refogando primeiro com manteiga e molhando com o tempero.

Pica-se miudinho 750 grs. de beterrabas bem vermelhas, cozidas no forno. Refoga-se esse picado numa frigideira com uma bôa colher de manteiga (125 grs.). Tempera-se com sal e com tres colheres de vinagre. Retira-se o coelho da panella, côa-se o môlho, junta-se uma chicara de leite, um pouco de manteiga e uma colher de farinha de trigo. Arruma-se os pedaços do coelho no centro da travessa, a massa de beterrabas em volta, e o môlho deve ir na molheira.

BATATAS SOUFFLÉES

Cortar as batatas sem casca em fatias de uma mesma espessura, laval-as bem na agua fria, enxugal-as bem com um panno e depois pôr para fritar em gordura moderadamente quente. Ir depois aquecendo progressivamente até que ellas fiquem cozidas, o que se conhece quando ellas sobem na superficie da gordura; ir pondo numa grade ou cesta de arame especial para este fim, depois mettel-as na gordura fervendo. Esta immersão provoca o estufamento. São collocadas sobre um panno, salpicadas de sal e postas no prato, e servidas immediatamente.

BOLO MOUSSELINE

Bater durante uns dez minutos tres gemmas de ovos com tres colheres (das de sopa) de assucar. Juntar depois as tres claras muito bem batidas e por ultimo juntar tres colheres de fecula de batata. Põe-se

UM PULL-OVER EM TRICOT

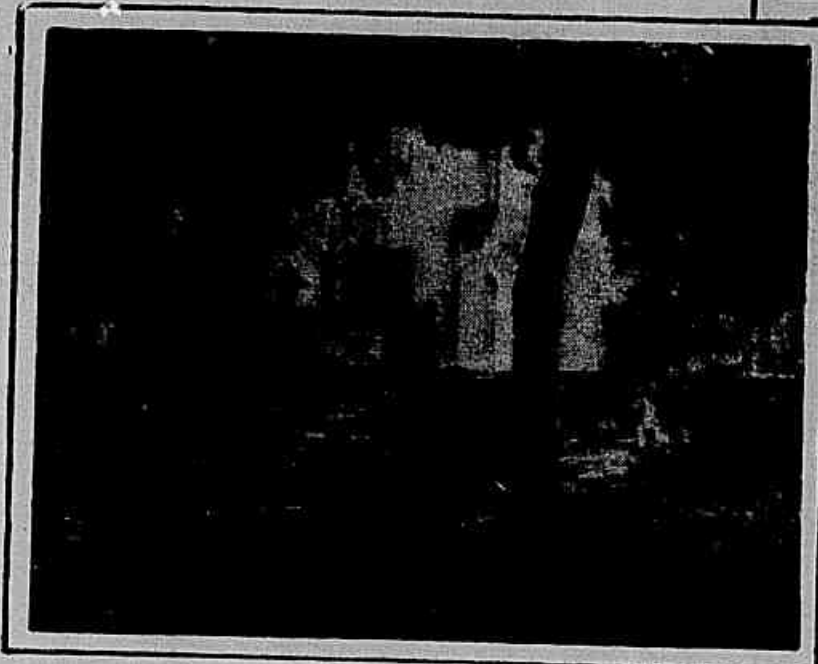
Este *pull-over* póde ser feito em lã ou em seda. Deve ser feito dum tom claro, beige por exemplo; as listas mais largas são feitas em castanho escuro. Cada uma destas listas tem acima e abaixo uma lista mais estreita azul vivo. O ponto empregado é o de jersey e as listas são em ponto *jarretière*.

para assar em forminhas ou fôrma, bem untadas com manteiga. Forno regular.

CREME RUSSO

Põe-se numa panella, a fogo brando, seis colheres de assucar; logo que o assucar tomar côr despeja-se dentro dois copos de leite e uma fava de baunilha. Junta-se depois 6 gemmas um pouco batidas; a panella continua sempre no fogo brando para não ferver. Despeja-se este crême numa travessa; quando estiver bem grosso, deixa-se esfriar e põe-se por cima uma camada de calda de assucar queimada.

O salão das mulheres pintoras e esculptoras

Ao lado — Mme. Jeanne Mahudez. *Em baixo* — Mlle. Simone Meunier. *Ao centro* — Mlle. A. B. Moria. *A' direita* — Mlle. Suzanne Hurel.

Mme. Routchine-Vitry. *Ao centro* — Mlle. Marguerite Burdy. *A' direita* — Mme. Duchesse d'Uzes.

Felizmente que esta nova exposição do Salão da União das Mulheres Pintoras e Esculptoras, que está aberta actualmente no Grand-Palais em Paris, veiu provar que ellas continuam nos limites estrictamente classicos, não se encontrando obras de um modernismo excessivo.

No emtanto, não se póde deixar de manifestar alguma surpreza constatando que este Salão feminino não parece ter nenhuma janella aberta sobre os novos horizontes da pintura moderna. Sendo as mulheres, no emtanto, tão accessiveis ás novidades as mais ousadas da moda, como é que felizmente ellas conseguiram ficar tão rebeldes ás novas maneiras de traduzir ou de interpretar as emoções plasticas de um novo mundo?

E entre as expositoras ha muitas de grande talento, e obras de grande valor entre as expostas.

Comtudo a Commissão encarregada de receber os trabalhos devia ter-se mostrado um pouco mais severa, as obras de real valor estão arriscadas a ficar abafadas no meio do grande numero de trabalhos distituidos de qualquer valor.

Como em geral os criticos de arte não têm muita benevolencia para a producção feminina, aproveitaram-se da difficuldade de procurar, entre tão grande numero de trabalhos insignificantes ou máos, as obras de real valor e apenas se referiram a esta exposição com uma meia duzia de linhas. O jornal *Eve*, jornal feminino por excellencia, não deixou no emtanto passar despercebida esta exposição. E' delle que reproduzimos estes exemplares de quadros e esculpturas que figuram na exposição, não tendo sido possivel no emtanto reproduzir todos aquelles que mereciam igualmente ser reproduzidos e citados.

Preceitos de hygiene

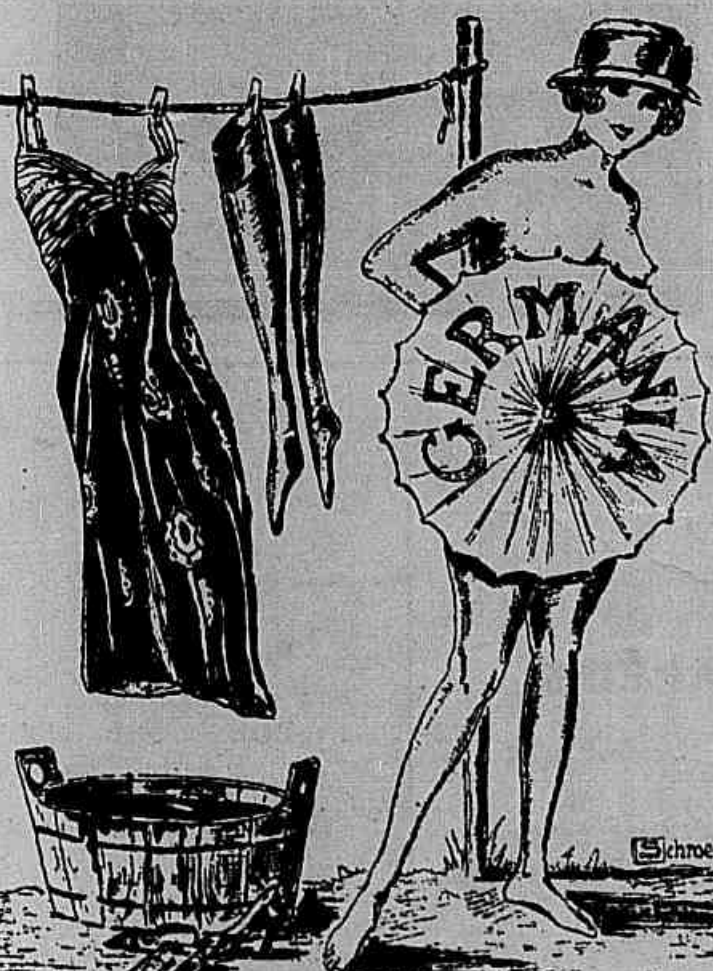
A AGUA IODADA NA HYGIENE DA BOCCA

Os beneficios do iodo não precisam mais ser demonstrados. Quem é que não sabe hoje que é elle um dos melhores antisepticos que possuimos?

Mas agora vamos tratar sómente do papel do iodo

na hygiene da bocca. Veremos pois como o iodo é um incomparavel dentifricio e ao mesmo tempo tem uma acção tonica e importante no endurecimento muitas vezes defeituoso das gengivas.

Naturalmente, não deve ser empregado o iodo puro. A sua causticidade seria desagradavel e perigosa, sobretudo se empregarmos uma tintura preparada já ha mais tempo. Porque é preciso que saibam que o iodo velho é muito irritante devido ao desprendimento do acido iodhydrico que elle contém.

Escolham portanto uma tintura bem fresca, recentemente preparada — isto é importantissimo — e despejem vinte gottas de iodo em meio copo d'agua morna. Obtem-se assim uma agua iodada sã, de tom amarellado, que vae realizar o mais efficaz e o mais economico dos dentifricios.

Mas devemos usal-o sómente uma vez ao dia, de preferencia á noite, antes de deitar. Depois desta lavagem da bocca com a agua iodada, tem-se uma sensação muito agradavel de contracção das gengivas e ter-se-há a satisfação de sentir uma bocca fresca e sã na manhã seguinte.

A acção adstringente da agua iodada depressa se fará sentir naquelles que teem os dentes abalados e tambem constitue um excellente preservativo para a inflammação nos nervos dentarios e inflammações da garganta.

PENSAMENTO

A injustiça que se aproveita depressa transforma-se em justiça.

AS GRANDES FEMINISTAS

MISS DORIS STEVENS

Desde a sua adolescencia miss Stevens foi uma ardente feminista. No Oberlin College — em Ohio — onde era alumna, foi ella que fundou o primeiro club para o sufragio das mulheres. Essa universidade era muito liberal e progressista. Foi ella a primeira que abriu suas portas ás moças e recebeu tambem as da raça preta.

Terminados os seus estudos, miss Stevens tornou-se uma feminista militante. Ella fala, escreve, traduz e percorre o paiz — começando pelo Oeste — para ver se consegue um movimento em favor das ideias feministas. Mas em quantas difficuldades não tropeçou ella naquelle paiz povoado de immigrantes e descendentes de immigrantes que falavam linguas differentes: o Michigan, o Missouri, Montana, vastos territorios mas sem ligação. Foi uma verdadeira cruzada do seculo XX, emprehendida por batalhões decididos ao grito de: a Mulher quer!

Pouco depois, ella encontrou-se com miss Alice Paul e os dois batalhões feministas uniram-se.

Foi então declarada a guerra ao presidente Wilson, e a bella epopéa desenrolou-se. Não davam treguas ao inimigo, mas tambem elle de vez em quando mostrava as suas unhas.

Em 1917, miss Doris Stevens foi presa em frente da Casa Branca onde ella tinha ido com as suas companheiras levar bandeiras que expunham as revindicações feministas. Mudas sentinellas, ellas ficavam sob a chuva, a neve ou sob os ardentes raios do sol, irritando os guardas com a sua presença. Ella foi presa no dia 14 de Julho e sua bandeira tinha apenas estas palavras: Liberdade, Egualdade, Fraternidade...

Miss Stevens, condemnada a sessenta dias de prisão, foi solta ao fim de tres dias. Em março de 1919, novamente ella foi presa. Na vespera da partida de Wilson para a França, o Presidente fez prender as suffragistas por estarem impedindo a circulação.

Nessa occasião ella ficou machucada, na balburdia que se deu no momento em que foi presa.

CONSULTORIO DA MULHER

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas sobre tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Paysandú 111, Rio de Janeiro.

Mlle. Cort:z — E' raro que as applicações de luz não consigam suster a marcha evolutiva da doença da pelle. Era conveniente que eu a examinasse para lhe indicar o tratamento a seguir.

Noemia — Para combater as sardas e branquear a pelle, deve adoptar as seguintes regras hygienicas: antes de se deitar, proceda a uma leve massagem com o *Creme de Massagem*, lavando em seguida o rosto com agua e sabonete *Sylkale*. Depois de ter lavado o rosto applique a *Pomada dos Cravos* e o *Pó de Lyrio*. Ao levantar, faça novamente a massagem lavando immediatamente o rosto com agua, a que juntará o *Tonico da Pelle*. A seguir á lavagem applica-se a *Loção de Embellezar a Pelle*, limpa-se bem o rosto e applica-se o *Pó Hygienico*. Sempre antes de começar a massagem com o *Crême de Massagem* limpa-se a pelle com a *Loção de Cravos*, que é um energico purificador da epiderme.

Debora — A massagem do pescoço e braços com o rolo pneumatico é extremamente simples. Depois de lavar o pescoço com agua, *Tonico da Pelle* e sabonete *Sylkale* enxuga-se e applica-se o *Crême de Massagem*, realizando a massagem com o rolo do queixo para o pescoço, de atrás das orelhas até ao hombro.

Assim praticada, a massagem dá firmeza á pelle, renova-lhe a plasticidade e fortifica os musculos. A massagem dos braços faz-se desde as pontas dos dedos até ao hombro.

Mme. A. O. S. (Bahia) — A massagem diaria com o *Crême de Massagem* basta para corrigir a velhice avançada da pelle.

Esther (Pernambuco) — Ha quanto tempo que eu aconselho o sabonete *Sylkale*? Actualmente, o *Sylkale*, sem perder nenhuma das suas propriedades hygienicas e medicinaes, possue tambem um perfume activo, delicado e penetrante.

Mme. L. R. M. — A sua carta me impressionou tristemente. Pertence a seus filhos. Para elles deve viver, pensando sempre que, quanto mais nobre e mais pura fôr a sua existencia, mais será amada e venerada pelos seus filhos. A vida da mãe é a grande escola moral onde se educam os caracteres.

Cordelia — Ha muitas causas da queda do cabello independentes da saude geral; se o seu cabello cae e o não tratar, prestando cuidados vigilantes á hygiene da sua cabeça, arrisca-se a ficar calva. Aconselho-lhe lavagem semanal da cabeça com *Shampoo-Pó* e fricções diarias com meu *Tonico n. 9*, remedio efficaz e poderoso.

Infeliz — Todas as suas imperfeições se curam. Tanto suas verrugas como os pelos do rosto desapparecerão pela electrolyse.

Diva— Não só a belleza se conserva e prolonga como tambem a belleza se cria. Adopte o *Tratamento Hygienico da Pelle* indicado a pags. 7 e 8 do prospecto que acompanha a *Loção Adstringente*: rapidamente obterá bom resultado.

Rita — Humedeça o cabello com o *Tonico n. 10* e marque as ondas com os dedos. Quando o cabello fôr secco conservará o cabello ondeado.

Ayres — Com o rouge *Rosita*, que é o rouge liquido, obterá para seu rosto esse colorido delicado que ambiciona.

C. M. D. — Esqueça-se do passado. Apaixone-se pela natureza. Vá namorar todas as tardes o poente, na praia do Leblon. Faça sport. A alegria e a saude são duas irmãs inseparaveis.

SELDA POTOCKA

Nc emtanto homens intelligentes comoveram-se deante de tantos vexames. Um delles, Dudley Field Malone, director das alfandegas de Nova-York, velho amigo do Presidente, pediu sua demissão e tornou-se advogado das suffragistas. Este foi o principio de um romance, e hoje Doris Stevens é tambem mrs. Malone.

Emfim, em 1920, o Parlamento votou a emenda da Constituição que concedia o voto á mulher. Doris Stevens continua a trabalhar para a causa feminista, que tanto já lhe deve. A autora de "Jailed For Freedom", prepara um novo livro e é collaboradora do *Forum* e do *American-Mercury*. Doris Stevens tem as qualidades proprias do caracter norte-americano: energia, amor ao trabalho, senso pratico.

Depois de ter reflectido sobre o destino das mulheres em todos os tempos e em todos os povos, acabei por pensar que todo o homem deveria dizer a cada mulher em vez de bom dia, perdão, porque os mais fortes fizeram a lei.

A. DE VIGNY

A paciencia é uma arvore cuja a raiz é amarga, mas cujos fructos são muito doces.

(PROVERBIO PERSA)

Ainda não foi encontrado o meio de se ver sem amar nem de amar sem soffrer.

A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

SE'DE SOCIAL: **125, AVENIDA RIO BRANCO, 125** — RIO DE JANEIRO

(EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE)

Relação das apolices sorteadas em dinheiro, em vida do segurado

83.° SORTEIO — 16 DE ABRIL DE 1927

155.537 — Honorio Hermeto Bezerra Cavalcanti— Campo Grande-Matto-Grosso.
122.342 — Hiroslau Szelikowski — Curityba-Paraná.
139.150 — Sabino José Ribeiro — Aracajù-Sergipe.
156.361 — Nicolas S. Georgio — Rio Branco-Acre.
149.706 — Antonio Luiz de Arêa Leão — Floriano-Piauhy.
135.304 — Francisco Rodrigues Velloso — S. Luiz Gonzaga-Maranhão.
163.707 — Nascimento Rocha — Passo Fundo-R. G. do Sul.
167.663 — Emilio Chastinet Guimarães — Fortaleza-Ceará.
154.437 — José da Silveira Moreira — Belem-Pará.
54.044 — Levino David Madeira e esposa — Maceió-Alagôas.
114.218 — Arthur de Mello Machado — Idem-Idem.
133.542 — Illidio Valentim de Moraes — Veado-Espirito Santo.
155.564 — Sisypho Sardenberg — Cachoeiro Itapemirim-idem.
152.310 — Firmo da Silva Pires — Ituassù-Bahia.
152.527 — João Baptista Chagas Ferreira — São Salvador-Idem.
120.737 — Avelino Fernandes da Silva — Idem-idem.
159.231 — Antonio de Albuquerque Galvão — Timbaùba-Pernambuco.
129.242 — Paulino Gomes do Nascimento — Gravatá-Idem.
158.281 — Severino Barbosa Mariz — Ipojuca-Idem.
114.393 — D. Candida de Araujo Villaça — Recife-idem.
162.901 — Gastão de Souza — Nictheroy-E. do Rio.
139.324 — Aurelio Dias de Faria — Itaguahy-idem.
133.437 — Attilano Chrysostomo de Oliveira — Campos-idem.
162.990 — Alfredo Pereira de Carvalho — S. Matheus-idem.
124.383 — Tertuliano Antonio da Fonseca Lessa — Valença-idem.
163.024 — Eduardo Sigaud da Silva Porto — Ubá-Minas Geraes.
168.223 — José Martins de Souza — Ponte Nova — idem
132.404 — Adelino Gonçalves Povoa — Manhumirim-idem.
123.529 — Angelo Barletta — Ubá-idem.
136.719 — José Fortunato de Almeida — Varginha-idem.
138.341 — João dos Santos Portugal — Manhumirim-idem.
126.951 — Alcides Lins — Bello Horironte-idem.
144.688 — D. Maria Francisca de C. Carvalho — Palma-idem.
167.844 — José Candido de Mello e Souza — Cassia-idem.
121.459 — Vicente Manso Pereira — Itabira M. Dentro - idem.
162.862 — Clemente Soares de Faria — Bello Horizonte-idem.
153.686 — Osorio do Nascimento Falleiros — S. José Capetinga — idem .
131.672 — Alvaro Diniz Barbosa — Pedro Leopoldo-idem.
158.792 — Bellarmino Alvim da Gama e Souza — Capital Federal.
166.993 — José Geraldo Vieira — idem.
160.894 — Antonio Fernandes Campos — Capital Federal.
125.732 — Oscar Moreira Barbosa — Idem.
166.050 — Martinho Romão da Rocha. — Idem
152.964 — Raul Martins Ribeiro — Idem.
104.966 — Silvestre Augusto Ribeiro — Idem.
117.970 — Francisco Rodrigues de Oliveira — Idem.
166.985 — Francisco Corrêa — Idem.
169.028 — Carlos Guerra da Cunha — Idem.
164.693 — Oscar Hausammann — Idem.
125.655 — D. Christina F. da Silva Oliveira — Idem.
143.674 — Virgilio Augusto Fortes — Idem.
131.906 — Arthur Cezar de Andrade Junior — Idem.
135.561 — Carlos da Silva Pereira — Santos-S. Paulo.
103.162 — Eduardo Gomes da Silva — S. Paulo-idem.
97.978 — Waldemar Mercadante — Limeira-idem.
136.436 — Emilio Barrionnero Larrios — Catanduva-idem.
167.502 — João Gonçalves — São Paulo-idem.
165.107 — João Casale — Idem-idem.
136.340 — Candido Gonçalves Bastos — Idem-idem.
158.872 — Antonio Gonçalves de Azevedo — Olympia - idem.
164.498 — Vicente Basaglia — São Paulo-idem.
166.143 — Luiz Pimenta de Souza — Idem-idem.
124.833 — Augusto Bento de Souza — Santos-idem.
135.662 — Sylvio de Campos — São Paulo- dem.
159.953 — Honorio Jordão — Ribeirão Bonito-idem
139.067 — D. Emilia de Jesus Moraes — Catanduva — idem.
104.817 — Clarindo Machado — São Paulo — idem
165.443 — Angelo Rivetti — Idem-idem.
163.886 — José Soares de Almeida — Idem-idem.
165.330 — Alfredo Pagliuchi — Idem-idem.
160.546 — João Rocha — Idem-idem.

NOTA — A Equitativa tem sorteado até esta data 2.956 apolices no valor de 13.310:369$500, importancia paga em dinheiro aos respectivos segurados, continuando as mesmas em vigor, com direito aos sorteios ulteriores.